



# MACHADIANA ELETRÔNICA

v. 7, n. 13, jan.-jun. 2024



ISSN 2594-5084

# SUMÁRIO

## **DEDICATÓRIA**

Ao prof. Francisco Topa.....11

## **EDITORIAL**

Salto para o alto.....15  
*José Américo Miranda*

## **TEXTOS APURADOS**

Lira chinesa: Nota D.....19  
*Machado de Assis*

O poeta a rir.....21  
*Machado de Assis*

A uma mulher.....23  
*Machado de Assis*

O imperador.....25  
*Machado de Assis*

O leque.....27  
*Machado de Assis*

A folha do salgueiro.....29  
*Machado de Assis*

As flores e os pinheiros.....31  
*Machado de Assis*

Reflexos.....33  
*Machado de Assis*

Coração triste falando ao sol.....35  
*Machado de Assis*

## **TEXTOS COM APARATO EDITORIAL**

“Lira chinesa”: informações preliminares.....39  
*José Américo Miranda, Alex Sander Luiz Campos*

O poeta a rir.....	43
<i>Machado de Assis</i>	
A uma mulher.....	47
<i>Machado de Assis</i>	
O imperador.....	51
<i>Machado de Assis</i>	
O leque.....	55
<i>Machado de Assis</i>	
A folha do salgueiro.....	59
<i>Machado de Assis</i>	
As flores e os pinheiros.....	63
<i>Machado de Assis</i>	
Reflexos.....	67
<i>Machado de Assis</i>	
Coração triste falando ao sol.....	69
<i>Machado de Assis</i>	
<b>OUTRAS EDIÇÕES</b>	
A rir da natureza.....	75
<i>Antônio Feijó</i>	
A uma mulher formosa.....	77
<i>Antônio Feijó</i>	
O imperador.....	79
<i>Antônio Feijó</i>	
O leque.....	81
<i>Antônio Feijó</i>	
A folha de salgueiro.....	83
<i>Antônio Feijó</i>	
As flores e os pinheiros.....	85
<i>Antônio Feijó</i>	
Sobre o rio Tchú.....	87
<i>Antônio Feijó</i>	

Coração triste, falando ao sol.....89  
*Antônio Feijó*

Le livre de jade / O livro de jade.....91  
*Judith Walter; José Américo Miranda, Gilson Santos*

#### **ARTIGOS**

A “Lira chinesa”, de Machado de Assis.....183  
*José Américo Miranda*

Nomes, pronomes, etc. num poema de Machado de Assis.....207  
*José Américo Miranda*

#### **ÍNDICES**

Índices atualizados até o v. 6, n.12.....209  
*José Américo Miranda*

#### **ABREVIATURAS**

Abreviaturas empregadas nas edições dos textos de Machado de Assis.....233  
*José Américo Miranda*

#### **ERRATAS**

Erratas.....239  
*José Américo Miranda*

# DEDICATÓRIA

**AO PROF. FRANCISCO TOPA**

é dedicado este número da *Machadiana Eletrônica*.

# **EDITORIAL**

## SALTO PARA O ALTO

A “Lira chinesa” é a segunda parte da obra *Falenas*, segundo livro de poesias de Machado de Assis, publicado em 1870. A primeira parte – “Vária” – tem este título apenas na primeira edição. Nas *Poesias completas*, de 1901, segunda edição de *Falenas*, os poemas dessa primeira parte vêm diretamente ligados ao título da obra. A terceira parte é “Uma ode de Anacreonte”; e a quarta, “Pálida Elvira”.

A segunda parte se compõe de oito dos poemas chineses traduzidos por Machado de Assis das versões em prosa francesa de Judith Walter, que os publicara em *Le livre de jade* (1867). Machado os verteu em versos para o português.

O livro de Judith Walter teve grande parte de seus poemas também traduzidos e publicados em Portugal por Antônio Feijó, que os reuniu no livro a que deu o título de *Cancioneiro chinês* (1890, com segunda edição, revista e aumentada, em 1903).

Este número da *Machadiana Eletrônica* traz, nas seções “Textos apurados” e “Textos com aparato editorial”, os oito poemas da “Lira chinesa” de Machado de Assis. A seção “Artigos” traz um estudo sobre esse pequeno (grande) conjunto de poemas, e outro sobre o quarto dos poemas do conjunto – “A flor do salgueiro”.

A seção “Outras edições” traz os mesmos poemas traduzidos por Machado de Assis nas traduções de Antônio Feijó, colhidos por nós na segunda edição de seu *Cancioneiro chinês*. Além desses oito poemas traduzidos pelo poeta português, esta mesma seção traz, ainda, uma tradução completa, em edição bilíngue, da obra-matriz de todas essas traduções: *Le livre de jade / O livro de jade*.

O título deste editorial – “Salto para o alto” – assinala nossa crença de que, no trânsito da primeira para a segunda parte de *Falenas*, assistimos à passagem do artista Machado de Assis da condição de poeta e escritor preso a sua circunstância à categoria de artista verdadeiro, no mais alto e puro sentido da palavra – um artista liberto de si

MIRANDA, José Américo. Salto para o alto.

mesmo. O salto, de “Vária” (primeira parte do livro) à “Lira chinesa” (segunda parte), significou a superação da vida local e provinciana, do homem mergulhado em si e seus próprios problemas, e o acesso à universalidade da arte – no caso, salto para o alto, para a verdadeira poesia.

*José Américo Miranda*  
Belo Horizonte, 13 de agosto de 2023

# **TEXTOS APURADOS**

## **LIRA CHINESA**

### **Nota D**

Os poetas postos nesta coleção são todos contemporâneos. Encontrei-os no livro publicado em 1868 pela Sra. Judith Walter, distinta viajante que dizem conhecer profundamente a língua chinesa, e que os traduziu em simples e corrente prosa.

**I**

**O POETA A RIR**

(Han-Tiê)

Taça d'água parece o lago ameno;  
Têm os bambus a forma de cabanas,  
Que as árvores em flor, mais altas, cobrem  
Com verdejantes tetos.

As pontiagudas rochas entre flores,  
Dos pagodes o grave aspecto ostentam...  
Faz-me rir ver-te assim, ó natureza,  
Cópia servil dos homens.

Machado de Assis

[*Poesias completas*. Rio de Janeiro: H. Garnier, 1901. p. 89]

Editores: José Américo Miranda e Alex Sander Luiz Campos

**II**

**A UMA MULHER**

(Tchê-Tsi)

Cantigas modulei ao som da flauta,  
Da minha flauta d'ébano;  
Nelas minh'alma segredava à tua  
Fundas, sentidas mágoas.

Cerraste-me os ouvidos. Namorados  
Versos compus de júbilo,  
Por celebrar teu nome, as graças tuas,  
Levar teu nome aos séculos.

Olhaste, e, meneando a airosa frente,  
Com tuas mãos puríssimas,  
Folhas em que escrevi meus pobres versos  
Lançaste às ondas trêmulas.

Busquei então por encantar tu'alma  
Uma safira esplêndida,  
Fui depô-la a teus pés... tu descerraste  
Da tua boca as pérolas.

Machado de Assis

[*Poesias completas*. Rio de Janeiro: H. Garnier, 1901. p. 90]

Editores: José Américo Miranda e Alex Sander Luiz Campos

### III

#### O IMPERADOR

(Thu-Fu)

Olha. O Filho do Céu, em trono de ouro,  
E adornado com ricas pedrarias,  
Os mandarins escuta: – um sol parece  
De estrelas rodeado.

Os mandarins discutem gravemente  
Cousas muito mais graves. E ele? Foge-lhe  
O pensamento inquieto e distraído  
Pela janela aberta.

Além, no pavilhão de porcelana,  
Entre donas gentis está sentada  
A imperatriz, qual flor radiante e pura  
Entre viçosas folhas.

Pensa no amado esposo, arde por vê-lo,  
Prolonga-se-lhe a ausência, agita o leque...  
Do imperador ao rosto um sopro chega  
De recendente brisa.

“Vem dela este perfume”, diz, e abrindo  
Caminho ao pavilhão da amada esposa,  
Deixa na sala olhando-se em silêncio  
Os mandarins pasmados.

Machado de Assis

[*Poesias completas*. Rio de Janeiro: H. Garnier, 1901. p. 91-92]

Editores: José Américo Miranda e Alex Sander Luiz Campos

IV

O LEQUE

(Tan-Jo-Lu)

Na perfumada alcova a esposa estava,  
Noiva ainda na véspera. Fazia  
Calor intenso; a pobre moça ardia,  
Com fino leque as faces refrescava.  
Ora, no leque em boa letra feito  
Havia este conceito:

“Quando, imóvel o vento e o ar pesado,  
Arder o intenso estio,  
Serei por mão amiga ambicionado;  
Mas, volte o tempo frio,  
Ver-me-eis a um canto logo abandonado.”

Lê a esposa este aviso, e o pensamento  
Volve ao jovem marido.  
“Arde-lhe o coração neste momento  
(Diz ela) e vem buscar enternecido  
Brandas auras de amor. Quando mais tarde  
Tornar-se em cinza fria  
O fogo que hoje lhe arde,  
Talvez me esqueça e me desdenhe um dia.”

Machado de Assis

[*Poesias completas*. Rio de Janeiro: H. Garnier, 1901. p. 93-94]

Editores: José Américo Miranda e Alex Sander Luiz Campos

V

**A FOLHA DO SALGUEIRO**

(Tchan-Tiú-Lin)

Amo aquela formosa e terna moça  
Que, à janela encostada, arfa e suspira;  
Não porque tem do largo rio à margem  
Casa faustosa e bela.

Amo-a, porque deixou das mãos mimosas  
Verde folha cair nas mansas águas.

Amo a brisa de leste que sussurra,  
Não porque traz nas asas delicadas  
O perfume dos verdes pessegueiros  
Da oriental montanha.

Amo-a porque impeliu coas tênues asas  
Ao meu batel a abandonada folha.

Se amo a mimosa folha aqui trazida,  
Não é porque me lembre à alma e aos olhos  
A renascente, a amável primavera,  
Pompa e vigor dos vales.

Amo a folha por ver-lhe um nome escrito,  
Escrito, sim, por ela, e esse... é meu nome.

Machado de Assis

[*Poesias completas*. Rio de Janeiro: H. Garnier, 1901. p. 95-96]

Editores: José Américo Miranda e Alex Sander Luiz Campos

VI

AS FLORES E OS PINHEIROS

(Tin-Tun-Sing)

Vi os pinheiros no alto da montanha  
Ouriçados e velhos;  
E ao sopé da montanha, abrindo as flores  
Os cálices vermelhos.

Contemplando os pinheiros da montanha,  
As flores tresloucadas  
Zombam deles enchendo o espaço em torno  
De alegres gargalhadas.

Quando o outono voltou, vi na montanha  
Os meus pinheiros vivos,  
Brancos de neve, e meneando ao vento  
Os galhos pensativos.

Volvi o olhar ao sítio onde escutara  
Os risos mofadores;  
Procurei-as em vão; tinham morrido  
As zombeteiras flores.

Machado de Assis

[*Poesias completas*. Rio de Janeiro: H. Garnier, 1901. p. 97]

Editores: José Américo Miranda e Alex Sander Luiz Campos

**VII**  
**REFLEXOS**

(Thu-Fu)

Vou rio abaixo vogando  
No meu batel e ao luar;  
Nas claras águas fitando,  
Fitando o olhar.

Das águas vejo no fundo,  
Como por um branco véu  
Intenso, calmo, profundo,  
O azul do céu.

Nuvem que no céu flutua,  
Flutua n'água também;  
Se a lua cobre, à outra lua  
Cobri-la vem.

Da amante que me extasia,  
Assim, na ardente paixão,  
As raras graças copia  
Meu coração.

Machado de Assis  
[*Poesias completas*. Rio de Janeiro: H. Garnier, 1901. p. 98]  
Editores: José Américo Miranda e Alex Sander Luiz Campos

## VIII

### CORAÇÃO TRISTE FALANDO AO SOL

(Su-Tchon)

No arvoredo sussurra o vendaval do outono,  
Deita as folhas à terra, onde não há florir  
E eu contemplo sem pena esse triste abandono;  
Só eu as vi nascer, vejo-as só eu cair.

Como a escura montanha, esguia e pavorosa  
Faz, quando o sol descamba, o vale enoitecer,  
Esta montanha da alma, a tristeza amorosa,  
Também de ignota sombra enche todo o meu ser.

Transforma o frio inverno a água em pedra dura,  
Mas torna a pedra em água um raio de verão;  
Vem, ó sol, vem, assume o trono teu na altura,  
Vê se podes fundir meu triste coração.

Machado de Assis

[*Poesias completas*. Rio de Janeiro: H. Garnier, 1901. p. 99]

Editores: José Américo Miranda e Alex Sander Luiz Campos

**TEXTOS COM APARATO  
EDITORIAL**

MIRANDA, José Américo; CAMPOS, Alex Sander Luiz. “Lira chinesa”: informações preliminares.

## **LIRA CHINESA**

## “LIRA CHINESA”: INFORMAÇÕES PRELIMINARES

*José Américo Miranda  
Alex Sander Luiz Campos*

Machado de Assis, em suas *Poesias completas* (1901), ao final do volume (p. 366), deixou a seguinte “Nota D”: “Os poetas postos nesta coleção são todos contemporâneos. Encontrei-os no livro publicado em 1868 pela Sra. Judith Walter, distinta viajante que dizem conhecer profundamente a língua chinesa, e que os traduziu em simples e corrente prosa.” Esta nota, com pequenas diferenças de redação, aparece também em *Falenas* (1870, p. 215).<sup>1</sup>

As informações deixadas por nosso poeta, apesar de breves, contêm inúmeras inexatidões – como, aliás, acontece em outras notas de seus livros de poesias. A edição que conseguimos da obra de Judith Walter é datada de 1867. Ao que tudo indica, não houve edição em 1868. A segunda edição dessa obra, feita ainda em vida de sua autora, é de 1902. (Cf. PINTO, 2018, p. 11)

Os poetas traduzidos por Machado de Assis não são todos contemporâneos, e, pelas dificuldades dos sistemas de transliteração, alguns não foram identificados nem mesmo por especialistas na matéria. Joaquim A. de Jesus Guerra (1995, p. 96), importante sinólogo, afirma que os nomes dos poetas, “escritos como estão na romanização francesa de Judith Walter, são quase todos irreconhecíveis.” E Machado de Assis, por sua vez, “aportuguesou um pouco a romanização francesa de Judith Walter: Thu-Fu por Thou-Fou; Tchan-Tiú-Lin por Tchan-Tiou-Lin.” (GUERRA, 1995, p. 98)

Marta Pacheco Pinto afirma, sobre as traduções de Machado de Assis:

---

<sup>1</sup> Em *Falenas* (1870, p. 215), esta nota vem com a seguinte redação: “LIRA CHINESA / (Pág. 111) / Os poetas imitados nesta coleção são todos contemporâneos. Encontrei-os no livro publicado em 1868 pela Sra. Judith Walter, distinta viajante que dizem conhecer profundamente a língua chinesa, e que traduziu em simples e corrente prosa.”

As primeiras traduções que se conhecem de poemas de *Le Livre de jade* aparecem não na Europa, mas no outro lado do Atlântico, no Brasil, pela mão de Machado de Assis (1839-1908), com quem Feijó trava conhecimento durante a sua estadia no país. É em *Phalenas*, de 1870, que Machado de Assis inclui oito poemas “imitados” de *Le Livre de jade* na secção “Lyra chinesa” ([1870], p. 109-126). (PINTO, 2018, p. 11)

Entre 1867 (ano da primeira edição de *Le livre de jade*) e 1933 (ano da quarta edição), traduções dessa obra foram feitas para o português (1870, Machado de Assis; 1890, Antônio Feijó), alemão (1873, 1915 e 1927), italiano (1882), inglês (1890, 1918, 1919 e 1920), russo (1918). (Cf. PINTO, 1918, p. 12)

Antônio Feijó, que também traduziu as versões francesas de Judith Walter para o português e as publicou em *Cancioneiro chinês* (1890, com segunda edição, revista e aumentada, em 1903), seguiu carreira diplomática e esteve no Brasil (Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul e Pernambuco) por um período de três anos, entre 1886 e 1889. Segundo ela, o tradutor português não se adaptou ao meio sociocultural brasileiro, e, do Brasil, retornou a Portugal, e, daí, sempre em missão diplomática, partiu para a Suécia – não tendo logrado um pretendido posto em Xangai. (Cf. PINTO, 2018) Como Judith Walter (e como Machado de Assis), jamais esteve no Oriente. Dos 71 poemas de *Le livre de jade*, Antônio Feijó publicou 48 (embora tenha traduzido todos) e os distribuiu no livro, pelas estações do ano, em quatro partes: Primavera (12 poemas), Estio (12), Outono (12) e Inverno (12).<sup>2</sup> A obra de Judith Walter tem sete partes: Les Amoureux (17 poemas), La Lune (9), L’Automne (12), Les Voyageurs (6), Le Vin (8), La Guerre (7) e Les Poètes (12).

Judith Walter era, de nascimento, Judith Gautier, filha do poeta Théophile Gautier. Ela tinha 22 anos quando publicou *Le livre de jade*, e estudava chinês, na época em que traduziu os poemas, com Tin-Tun-Ling, talvez o único poeta contemporâneo traduzido por ela. Machado de Assis verteu para a nossa língua o poema deste autor – “As flores e os pinheiros”, o sexto da série machadiana nas *Poesias completas* (1901), e o sétimo em *Falenas* (1870). O tradutor grafa assim (equivocadamente) o nome do poeta: Tin-Tun-Sing.

---

<sup>2</sup> Na segunda edição do *Cancioneiro chinês* há, além dos 48 mencionados, dois poemas oriundos de outras fontes, um no início, outro no fim do livro – o que dá um total de cinquenta poemas.

MIRANDA, José Américo; CAMPOS, Alex Sander Luiz. “Lira chinesa”: informações preliminares.

A respeito dos poetas, e das diversas formas de grafar seus nomes, com o pouco que alcançamos saber sobre cada um, preparamos notas nas páginas em que se encontram os poemas que lhes são atribuídos.

Sobre ser “uma distinta viajante”, não se sabe onde Machado de Assis colheu essa informação. Judith Walter nunca esteve no Oriente; só deixou a Europa, segundo Marta Pacheco Pinto (2018), aos 69 anos de idade, numa viagem à Argélia.

### Referências

ASSIS, Machado de. *Falenas*. Rio de Janeiro: B. L. Garnier, [1870].

ASSIS, Machado de. *Poesias completas*. Rio de Janeiro: H. Garnier, 1901.

FEIJÓ, Antônio. *Cancioneiro chinês*. 2. ed. rev. e aum. Lisboa: Tavares Cardoso & Irmão, 1903.

GUERRA, Joaquim A. de Jesus. A *Lira chinesa* de Machado de Assis. *Revista de Cultura*, Macau, II série, n. 22, p. 95-100, jan.-mar. 1995.

KNOWLTON Jr., Edgar Colby. Machado de Assis e a sua *Lira chinesa*. *Revista de Cultura*, Macau, II série, n. 22, p. 81-93, jan.-mar. 1995.

PINTO, Marta Pacheco. Cancioneiro chinês (1890): tradução e exotismo. *Ponte de Lima: do passado ao presente, rumo ao futuro!*, n. 4, p. 7-29, jul. 2018. Disponível em: <<https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/34837/1/29-106-1-PB.pdf>>.

WALTER, Judith. *Le livre de jade*. Paris: Alphonse Lemerre, 1867.

I

O POETA A RIR\*

(Han-Tiê)<sup>1</sup>

Taça d'água parece o lago ameno;  
Têm<sup>2</sup> os bambus a forma de cabanas,  
Que as árvores em flor, mais altas, cobrem<sup>3</sup>  
Com verdejantes tetos.<sup>4</sup>

5 As pontiagudas rochas entre flores,  
Dos pagodes o grave aspecto ostentam...  
Faz-me rir ver-te assim, ó natureza,  
Cópia servil dos homens.

---

\* Esta edição foi preparada a partir da consulta às seguintes fontes: FAL1870 (p. 115-116), PC1901 (p. 89), PC1937 (p. 113), PC1953 (p. 135), OCA1959 (v. III, p. 50-51), PCEC1976 (p. 245), OCA1994 (v. III, p. 53), TPCL (p. 139), PCRR (p. 86) e OCA2015 (v. 3, p. 427). Texto-base: PC1901. Em FAL1870 e em TPCL, este poema, no conjunto da “Lira chinesa”, é o terceiro – vem precedido do algarismo romano III. Antônio Feijó também o traduziu para o português e publicou no *Cancioneiro chinês* (CANCH1903, p. 51). Este poema foi transcrito por Mário Matos (1939, p. 344), intencionalmente com variantes textuais e de pontuação. Editores: José Américo Miranda e Alex Sander Luiz Campos.

<sup>1</sup> Han-Tiê] Ouan-Tié – em LJ1867; Uan-Tié – em CANCH1903. Este é um poeta que não foi, até hoje, pelo que sabemos, identificado com certeza. Edgar Colby Knowlton Jr., que considera o poema “breve e impressionante”, sugere “Wang” no lugar de “Han” (que é como grafou Machado de Assis o nome do poeta); porém, como o poeta permanece desconhecido, alerta: “isto não passa de mera suposição.” (KNOWLTON Jr., 1995, p. 85) Marta Pacheco Pinto, entretanto, apurou – confirmando a sugestão de Knowlton Jr. – que o nome Han-Tiê/Ouan-Tié/Uan-Tié corresponde a Wang Ji, ou Wang Chi (c.590-644), poeta do período da dinastia Tang. (Cf. PINTO, 2018, p. 17)

<sup>2</sup> Têm] Tem – em FAL1870, em PC1901, em PC1937 e em PCRR. O “Epítome da gramática portuguesa”, de Antônio de Moraes Silva (1813, p. XXXIX), dá “tem” como uma das formas do plural da terceira pessoa do presente do indicativo do verbo “ter”. Essa forma verbal ganhou acento circunflexo a partir de 1943 (Formulário ortográfico, aprovado unanimemente pela Academia Brasileira de Letras, na sessão de 12 de agosto de 1943): “A 3ª pessoa do plural do presente do indicativo dos verbos *ter*, *vir* e seus compostos recebe acento circunflexo no *e* da sílaba tônica [seguem exemplos].” (grifos do Formulário)

<sup>3</sup> mais altas, cobrem] mais altas cobrem – em PCEC1976 e em TPCL.

<sup>4</sup> Com verdejantes tetos.] Com verdejantes tetos – em OCA1959 e em OCA1994; De verdejantes tetos. – em PCEC1976 e em TPCL.

### Lista das abreviaturas empregadas nesta edição

- CANCH1903 – *Cancioneiro chinês*, 1903.  
FAL1870 – *Falenas*, 1870.  
LJ1867 – *Le livre de jade*, 1867.  
OCA1959 – *Obra completa*, 1959.  
OCA1994 – *Obra completa*, 1994.  
OCA2015 – *Obra completa em quatro volumes*, 2015.  
PC1901 – *Poesias completas*, 1901.  
PC1937 – *Poesias completas*, 1937.  
PC1953 – *Poesias completas*, 1953.  
PCEC1976 – *Poesias completas*, edição crítica, 1976.  
PCRR – *A poesia completa*, ed. Rutzkaya Queiroz dos Reis, 2009.  
TPCL – *Toda poesia de Machado de Assis*, ed. Cláudio Murilo Leal, 2008.

### Referências

- ASSIS, Machado de. *Falenas*. Rio de Janeiro: B. L. Garnier, [1870].
- ASSIS, Machado de. *Poesias completas*. Rio de Janeiro: H. Garnier, 1901.
- ASSIS, Machado de. *Poesias completas*. Rio de Janeiro: W. M. Jackson, 1937.
- ASSIS, Machado de. *Poesias completas*. Rio de Janeiro: W. M. Jackson, 1953.
- ASSIS, Machado de. *Obra completa*. Rio de Janeiro: José Aguilar, 1959.
- ASSIS, Machado de. *Poesias completas*. Ed. crítica pela Comissão Machado de Assis. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976.
- ASSIS, Machado de. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.
- ASSIS, Machado de. *Toda poesia de Machado de Assis*. Org. Cláudio Murilo Leal. Rio de Janeiro: Record, 2008.
- ASSIS, Machado de. *A poesia completa*. Org. Rutzkaya Queiroz dos Reis. São Paulo: Nankin, 2009.
- ASSIS, Machado de. *Obra completa em quatro volumes*. São Paulo: Nova Aguilar, 2015.
- FEIJÓ, Antônio. *Cancioneiro chinês*. 2. ed. rev. e aum. Lisboa: Tavares Cardoso & Irmão, 1903.
- FORMULÁRIO ortográfico. In: PEQUENO vocabulário ortográfico da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1943. p. XV-XLVII.

GUERRA, Joaquim A. de Jesus. A *Lira chinesa* de Machado de Assis. *Revista de Cultura*, Macau, II série, n. 22, p. 95-100, jan.-mar. 1995.

KNOWLTON Jr., Edgar Colby. Machado de Assis e a sua *Lira chinesa*. *Revista de Cultura*, Macau, II série, n. 22, p. 81-93, jan.-mar. 1995.

MATOS, Mário. *Machado de Assis: o homem e a obra – os personagens explicam o autor*. São Paulo: Nacional, 1939.

PINTO, Marta Pacheco. *Cancioneiro chinês* (1890): tradução e exotismo. *Ponte de Lima: do passado ao presente, rumo ao futuro!*, n. 4, p. 7-29, jul. 2018. Disponível em: <<https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/34837/1/29-106-1-PB.pdf>>.

SILVA, Antônio de Moraes. Epítome da gramática portuguesa. In: *Dicionário da língua portuguesa*. Lisboa: Tipografia Lacerdina, 1813. t. I, p. I-XLVIII.

SOUSA, J. Galante de. *Bibliografia de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1955.

WALTER, Judith. *Le livre de jade*. Paris: Alphonse Lemerre, 1867. Disponível em: <<https://shorturl.at/hFZ37>>.

## II

### A UMA MULHER\*

(Tchê-Tsi)<sup>1</sup>

Cantigas modulei ao som da flauta,  
Da minha flauta d'ébano;  
Nelas minh'alma segredava à tua  
Fundas, sentidas mágoas.<sup>2</sup>

5 Cerraste-me os ouvidos. Namorados  
Versos compus de júbilo,  
Por celebrar teu nome, as graças tuas,  
Levar teu nome aos séculos.

10 Olhaste, e, meneando<sup>3</sup> a airosa frente,  
Com tuas mãos puríssimas,<sup>4</sup>  
Folhas em que escrevi meus pobres versos  
Lançaste às ondas trêmulas.

---

\* Esta edição foi preparada a partir da consulta às seguintes fontes: FAL1870 (p. 117-118), PC1901 (p. 90), PC1937 (p. 113-114), PC1953 (p. 135-136), OCA1959 (v. III, p. 51), PCEC1976 (p. 245-246), OCA1994 (v. III, p. 53), TPCL (p. 139-140), PCRR (p. 86-87) e OCA2015 (v. 3, p. 427-428). Texto-base: PC1901. Em FAL1870 e em TPCL o poema, no conjunto da “Lira chinesa”, é o quarto – vem precedido do algarismo romano IV. Em LJ1867, o título do poema continua na linha de baixo, assim: “À LA PLUS BELLE FEMME / Du Bateau des Fleurs” – a omissão é importante, porque muda de lugar a questão amorosa (a expressão chinesa traduzida por “Bateau des Fleurs” em francês, embora tenha essa significação literal, quer dizer, de fato, “bordel flutuante” – Cf. KNOWLTON Jr., 1995, p. 89). Antônio Feijó também o traduziu para o português e publicou no *Cancioneiro chinês* (CANCH1903, p. 15), com o título de “A uma mulher formosa”. Este poema foi transcrito por Mário Matos (1939, p. 345), intencionalmente com variantes textuais e de pontuação. Editores: José Américo Miranda e Alex Sander Luiz Campos.

<sup>1</sup> Tchê-Tsi] Tchê-Tsi – em LJ1867 e em CANCH1903. Este poema, segundo Edgar Colby Knowlton Jr. (1995, p. 88), “corresponde a um atribuído a Wang Chi”. Marta Pacheco Pinto (2018, p. 17), entretanto, o identifica como Qian-Qi / Ch'ien-Ch'i (c.722-780), poeta do período Tang.

<sup>2</sup> mágoas.] mágoas – em TPCL.

<sup>3</sup> e, meneando] e meneando – em FAL1870.

<sup>4</sup> puríssimas,] puríssimas. – em PC1937.

Busquei então por encantar tu'alma  
Uma safira esplêndida,  
15 Fui depô-la a teus pés... tu descerraste  
Da tua boca as pérolas.

### Lista das abreviaturas empregadas nesta edição

CANCH1903 – *Cancioneiro chinês*, 1903.

FAL1870 – *Falenas*, 1870.

LJ1867 – *Le livre de jade*, 1867.

OCA1959 – *Obra completa*, 1959.

OCA1994 – *Obra completa*, 1994.

OCA2015 – *Obra completa em quatro volumes*, 2015.

PC1901 – *Poesias completas*, 1901.

PC1937 – *Poesias completas*, 1937.

PC1953 – *Poesias completas*, 1953.

PCEC1976 – *Poesias completas*, edição crítica, 1976.

PCRR – *A poesia completa*, ed. Rutzkaya Queiroz dos Reis, 2009.

TPCL – *Toda poesia de Machado de Assis*, ed. Cláudio Murilo Leal, 2008.

### Referências

ASSIS, Machado de. *Falenas*. Rio de Janeiro: B. L. Garnier, [1870].

ASSIS, Machado de. *Poesias completas*. Rio de Janeiro: H. Garnier, 1901.

ASSIS, Machado de. *Poesias completas*. Rio de Janeiro: W. M. Jackson, 1937.

ASSIS, Machado de. *Poesias completas*. Rio de Janeiro: W. M. Jackson, 1953.

ASSIS, Machado de. *Obra completa*. Rio de Janeiro: José Aguilar, 1959.

ASSIS, Machado de. *Poesias completas*. Ed. crítica pela Comissão Machado de Assis. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976.

ASSIS, Machado de. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.

ASSIS, Machado de. *Toda poesia de Machado de Assis*. Org. Cláudio Murilo Leal. Rio de Janeiro: Record, 2008.

ASSIS, Machado de. *A poesia completa*. Org. Rutzkaya Queiroz dos Reis. São Paulo: Nankin, 2009.

ASSIS, Machado de. *Obra completa em quatro volumes*. São Paulo: Nova Aguilar, 2015.

FEIJÓ, Antônio. *Cancioneiro chinês*. 2. ed. rev. e aum. Lisboa: Tavares Cardoso & Irmão, 1903.

KNOWLTON Jr., Edgar Colby. Machado de Assis e a sua *Lira chinesa*. *Revista de Cultura*, Macau, II série, n. 22, p. 81-93, jan.-mar. 1995.

MATOS, Mário. *Machado de Assis: o homem e a obra – os personagens explicam o autor*. São Paulo: Nacional, 1939.

PINTO, Marta Pacheco. *Cancioneiro chinês (1890): tradução e exotismo*. *Ponte de Lima: do passado ao presente, rumo ao futuro!*, n. 4, p. 7-29, jul. 2018. Disponível em: <<https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/34837/1/29-106-1-PB.pdf>>.

SOUSA, J. Galante de. *Bibliografia de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1955.

WALTER, Judith. *Le livre de jade*. Paris: Alphonse Lemerre, 1867. Disponível em: <<https://shorturl.at/hFZ37>>.

### III

#### O IMPERADOR\*

(Thu-Fu)<sup>1</sup>

Olha. O Filho do Céu, em trono de ouro,<sup>2</sup>  
E adornado com ricas<sup>3</sup> pedrarias,  
Os mandarins escuta: – um sol parece  
De estrelas rodeado.

5 Os mandarins discutem gravemente  
Cousas<sup>4</sup> muito mais graves. E ele? Foge-lhe  
O pensamento inquieto e distraído  
Pela janela aberta.

10 Além, no pavilhão de porcelana,  
Entre donas gentis está sentada  
A imperatriz, qual flor radiante e pura  
Entre viçosas folhas.

Pensa no amado esposo, arde por vê-lo,  
Prolonga-se-lhe a ausência, agita o leque... →

---

\* Esta edição foi preparada a partir da consulta às seguintes fontes: FAL1870 (p. 119-120), PC1901 (p. 91-92), PC1937 (p. 114-115), PC1953 (p. 136-137), OCA1959 (v. III, p. 51-52), PCEC1976 (p. 246-247), OCA1994 (v. III, p. 54), TPCL (p. 140), PCRR (p. 87) e OCA2015 (v. 3, p. 428). Texto-base: PC1901. Em FAL1870 e em TPCL o poema, no conjunto da “Lira chinesa”, é o quinto – vem precedido do algarismo romano V. Antônio Feijó também o traduziu para o português e publicou no *Cancioneiro chinês* (CANCH1903, p. 31-32). Este poema, segundo William Hung, “atribuído a Tu-Fu, é falso ou espúrio”. (HUNG apud KNOWLTON Jr., 1995, p. 86) Editores: José Américo Miranda e Alex Sander Luiz Campos.

<sup>1</sup> Thu-Fu] Thou-Fou – em LJ1867; Thu-Fu – em CANCH1903. Marta Pacheco Pinto dá as grafias atuais Tu Fu / Du Fu, ao passo que Joaquim A. de Jesus Guerra usa Dow Phu. (PINTO, 2018, p. 17; GUERRA, 1995, p. 96) O poeta viveu no século VIII, entre 712 e 770 – época da dinastia Tang. (PINTO, 2018, p. 17; GUERRA, 1995, p. 96) “Foi um dos maiores gênios da Poesia.” (GUERRA, 1995, p. 96)

<sup>2</sup> ouro,] ouro. – em PC1937.

<sup>3</sup> ricas] ricos – em PC1901.

<sup>4</sup> Cousas] Coisas – em PC1953, em TPCL, em PCRR e em OCA2015.

- 15 Do imperador ao rosto um sopro chega  
De recendente<sup>5</sup> brisa.
- “Vem dela este perfume”,<sup>6</sup> diz, e abrindo  
Caminho ao pavilhão da amada esposa,  
Deixa na sala olhando-se em silêncio<sup>7</sup>  
20 Os mandarins pasmados.<sup>8</sup>

### Lista das abreviaturas empregadas nesta edição

CANCH1903 – *Cancioneiro chinês*, 1903.

FAL1870 – *Falenas*, 1870.

LJ1867 – *Le livre de jade*, 1867.

OCA1959 – *Obra completa*, 1959.

OCA1994 – *Obra completa*, 1994.

OCA2015 – *Obra completa em quatro volumes*, 2015.

PC1901 – *Poesias completas*, 1901.

PC1937 – *Poesias completas*, 1937.

PC1953 – *Poesias completas*, 1953.

PCEC1976 – *Poesias completas*, edição crítica, 1976.

PCRR – *A poesia completa*, ed. Rutzkaya Queiroz dos Reis, 2009.

TPCL – *Toda poesia de Machado de Assis*, ed. Cláudio Murilo Leal, 2008.

### Referências

ASSIS, Machado de. *Falenas*. Rio de Janeiro: B. L. Garnier, [1870].

ASSIS, Machado de. *Poesias completas*. Rio de Janeiro: H. Garnier, 1901.

ASSIS, Machado de. *Poesias completas*. Rio de Janeiro: W. M. Jackson, 1937.

ASSIS, Machado de. *Poesias completas*. Rio de Janeiro: W. M. Jackson, 1953.

---

<sup>5</sup> recendente] rescendente – em FAL1870, em PC1901, em PC1937, em PC1953, em PCEC1972, em TPCL.

<sup>6</sup> “Vem dela este perfume”,] “Vem dela este perfume,” – em FAL1870, em PC1901, em PCRR e em OCA2015. Em não havendo regras, em língua portuguesa, sobre as posições relativas dos sinais de pontuação e das aspas, adotamos o seguinte critério: se o sinal de pontuação pertence ao trecho entre aspas, deve ficar dentro das aspas; se não pertence, deve ficar fora. Neste caso, a vírgula não pertence ao que diz o imperador (pois ele nada mais diz); ela (a vírgula) articula o que ele (o imperador) diz com o restante do discurso – portanto, pertence a este discurso (e deve ficar fora das aspas).

<sup>7</sup> Deixa na sala olhando-se em silêncio] Deixa na sala, olhando-se em silêncio, – em PC1937, em PC1953, em OCA1959, em PCEC1976, em OCA1994 e em TPCL.

<sup>8</sup> pasmados.] pasmados – em PCRR.

ASSIS, Machado de. *Obra completa*. Rio de Janeiro: José Aguilar, 1959.

ASSIS, Machado de. *Poesias completas*. Ed. crítica pela Comissão Machado de Assis. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976.

ASSIS, Machado de. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.

ASSIS, Machado de. *Toda poesia de Machado de Assis*. Org. Cláudio Murilo Leal. Rio de Janeiro: Record, 2008.

ASSIS, Machado de. *A poesia completa*. Org. Rutzkaya Queiroz dos Reis. São Paulo: Nankin, 2009.

ASSIS, Machado de. *Obra completa em quatro volumes*. São Paulo: Nova Aguilar, 2015.

FEIJÓ, Antônio. *Cancioneiro chinês*. 2. ed. rev. e aum. Lisboa: Tavares Cardoso & Irmão, 1903.

GUERRA, Joaquim A. de Jesus. A *Lira chinesa* de Machado de Assis. *Revista de Cultura*, Macau, II série, n. 22, p. 95-100, jan.-mar. 1995.

KNOWLTON Jr., Edgar Colby. Machado de Assis e a sua *Lira chinesa*. *Revista de Cultura*, Macau, II série, n. 22, p. 81-93, jan.-mar. 1995.

HUNG, William. Ver KNOWLTON Jr., Edgar Colby.

PINTO, Marta Pacheco. *Cancioneiro chinês* (1890): tradução e exotismo. *Ponte de Lima: do passado ao presente, rumo ao futuro!*, n. 4, p. 7-29, jul. 2018. Disponível em: <<https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/34837/1/29-106-1-PB.pdf>>.

WALTER, Judith. *Le livre de jade*. Paris: Alphonse Lemerre, 1867. Disponível em: <<https://shorturl.at/hFZ37>>.

#### IV

### O LEQUE\*

(Tan-Jo-Lu)<sup>1</sup>

Na perfumada alcova a esposa estava,  
Noiva ainda na véspera. Fazia  
Calor intenso; a pobre moça ardia,<sup>2</sup>  
Com fino leque as faces refrescava. →

---

\* Esta edição foi preparada a partir da consulta às seguintes fontes: FAL1870 (p. 121-122), PC1901 (p. 93-94), PC1937 (p. 115-116), PC1953 (p. 137-138), OCA1959 (v. III, p. 52), PCEC1976 (p. 247-248), OCA1994 (v. III, p. 54-55), TPCL (p. 141), PCRR (p. 87-88) e OCA2015 (v. 3, p. 428-429). Texto-base: PC1901. Em FAL1870 e em TPCL o poema, no conjunto da “Lira chinesa”, é o sexto – vem precedido do algarismo romano VI. Antônio Feijó também o traduziu para o português e publicou no *Cancioneiro chinês*. (CANCH1903, p. 29-30) Este poema foi transcrito em *A Província do Espírito Santo*, com variantes de pontuação; foi, também, publicado por Teófilo Braga (1877, p. 203-204), com uma variante de pontuação (dois-pontos no lugar de ponto-final no verso n. 13). Editores: José Américo Miranda e Alex Sander Luiz Campos.

<sup>1</sup> Tan-Jo-Lu] Tan-Jo-Su – em LJ1867; De-Tan-Jo-Lu em FAL1870; Tan-Jo-Su – em CANCH1903. Edgar Colby Knowlton Jr. propõe, para a substituição de “Su” por “Lu”, no nome do poeta, na obra de Machado de Assis, a seguinte possível explicação: “As alterações de Su para Lu e de Ling para Sing [no nome de outro poeta] sugerem que o S e o L maiúsculos de Machado de Assis eram suficientemente semelhantes e, no caso de palavras desconhecidas, podem ter sido confundidas pelo impressor.” (KNOWLTON Jr., 1995, p. 82) Marta Pacheco Pinto atribui ao nome deste poeta, do período da dinastia Tang, as seguintes grafias atuais: Zang Ruoxu / Chang Jo-Hsu (c.660-c.720). (PINTO, 2018, p. 17) Joaquim A. de Jesus Guerra questiona vivamente, e com boa fundamentação, a atribuição deste poema a este poeta. Diz ele: “A 2ª poesia, ‘O leque’ [ele se refere a “O leque” como “2ª poesia” por ser esta a segunda no artigo de Knowlton Jr. publicado no *Boletim do Instituto Luís de Camões*, onde deve ser a segunda, como o é na *Revista de Cultura*, edição do Instituto Cultural de Macau, que consultamos], é até anterior à era cristã! Trata-se duma obra bem conhecida na Literatura Chinesa, com o nome de ‘Tsheo shyen uyn’, título bem expressivo, que quer dizer: Queixa (Uyn) dum leque (shyen) no Outono (tsheo). Data, efetivamente, dos fins do 1º século antes de Cristo. Foi composta pela Dama Paen Dsiedwe, que a deixou escrita, num leque de seda, ao Imperador Zdyeqtey (Sintar), quando abandonou o Palácio. *Sintar* reinou desde o ano 32 ao ano 6, portanto até à véspera do nascimento de Cristo, dado que a era cristã foi calculada com um atraso de 5 a 6 anos. / A autora era Bela até de seu nome, Dsiedwe (*Cédue*, em fonética derivada). Pertencia à ilustre família Paen, sendo, pois, aparentada com o General Paen Tjhao (das gloriosas campanhas da Ásia Central), e com os famosos historiadores Paen Piao e Paen Koes (pai e filho), o segundo dos quais bem secundado pela irmã Paen Tjao que também deixou nome nas Letras. O estranho é que Judith Walter tenha atribuído ‘O leque’ (‘L’ éventail’) a um tal ‘Tan-Jo-Su’.” (GUERRA, 1995, p. 96)

<sup>2</sup> ardia,] ardia – em FAL1870.

- 5 Ora, no leque em boa letra feito  
Havia este conceito.<sup>3</sup>
- “Quando, imóvel o vento e o ar pesado,  
Arder o intenso estio,  
Serei por mão amiga ambicionado;  
10 Mas, volte<sup>4</sup> o tempo frio,  
Ver-me-eis a um canto logo abandonado.”<sup>5</sup>
- Lê a esposa este aviso, e o pensamento  
Volve ao jovem marido.  
“Arde-lhe<sup>6</sup> o coração neste momento  
15 (Diz ela) e vem buscar enternecido  
Brandas auras de amor. Quando mais tarde  
Tornar-se em cinza fria  
O fogo que hoje lhe arde,  
Talvez me esqueça e me desdenhe um dia.”<sup>7</sup>

### Lista das abreviaturas empregadas nesta edição

CANCH1903 – *Cancioneiro chinês*, 1903.

FAL1870 – *Falenas*, 1870.

LJ1867 – *Le livre de jade*, 1867.

OCA1959 – *Obra completa*, 1959.

OCA1994 – *Obra completa*, 1994.

OCA2015 – *Obra completa em quatro volumes*, 2015.

PC1901 – *Poesias completas*, 1901.

PC1937 – *Poesias completas*, 1937.

PC1953 – *Poesias completas*, 1953.

PCEC1976 – *Poesias completas*, edição crítica, 1976.

PCRR – *A poesia completa*, ed. Rutzkaya Queiroz dos Reis, 2009.

TPCL – *Toda poesia de Machado de Assis*, ed. Cláudio Murilo Leal, 2008.

### Referências

ASSIS, Machado de. *Falenas*. Rio de Janeiro: B. L. Garnier, [1870].

<sup>3</sup> Em OCA1959 e em OCA1994, depois deste verso não há espaço de separação de estrofes.

<sup>4</sup> Mas, volte] Mas volte – em FAL1870.

<sup>5</sup> abandonado.”] abandonado”. – em PC1937, em PC1953, em OCA1959 e em OCA1994; abandonado. – em TPCL (ver nota 7).

<sup>6</sup> “Arde-lhe] Arde-lhe – em TPCL.

<sup>7</sup> um dia.”] um dia”. – em PC1937 e em PC1953. Em TPCL, as aspas foram abertas no verso n. 7 e fechadas aqui, no verso n. 19. Todos os versos intermediários ficaram entre elas.

ASSIS, Machado de. O leque. *A Província do Espírito Santo*, Vitória, ano V, n. 1212, p. 1, 24 out. 1886. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/docreader/301582/4841>>.

ASSIS, Machado de. *Poesias completas*. Rio de Janeiro: H. Garnier, 1901.

ASSIS, Machado de. *Poesias completas*. Rio de Janeiro: W. M. Jackson, 1937.

ASSIS, Machado de. *Poesias completas*. Rio de Janeiro: W. M. Jackson, 1953.

ASSIS, Machado de. *Obra completa*. Rio de Janeiro: José Aguilar, 1959.

ASSIS, Machado de. *Poesias completas*. Ed. crítica pela Comissão Machado de Assis. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976.

ASSIS, Machado de. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.

ASSIS, Machado de. *Toda poesia de Machado de Assis*. Org. Cláudio Murilo Leal. Rio de Janeiro: Record, 2008.

ASSIS, Machado de. *A poesia completa*. Org. Rutzkaya Queiroz dos Reis. São Paulo: Nankin, 2009.

ASSIS, Machado de. *Obra completa em quatro volumes*. São Paulo: Nova Aguilar, 2015.

BRAGA, Teófilo. *Parnaso português moderno*. Lisboa: Francisco Artur da Silva, 1877.

FEIJÓ, Antônio. *Cancioneiro chinês*. 2. ed. rev. e aum. Lisboa: Tavares Cardoso & Irmão, 1903.

GUERRA, Joaquim A. de Jesus. A *Lira chinesa* de Machado de Assis. *Revista de Cultura*, Macau, II série, n. 22, p. 95-100, jan.-mar. 1995.

KNOWLTON Jr., Edgar Colby. Machado de Assis e a sua *Lira chinesa*. *Revista de Cultura*, Macau, II série, n. 22, p. 81-93, jan.-mar. 1995.

PINTO, Marta Pacheco. *Cancioneiro chinês* (1890): tradução e exotismo. *Ponte de Lima: do passado ao presente, rumo ao futuro!*, n. 4, p. 7-29, jul. 2018. Disponível em: <<https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/34837/1/29-106-1-PB.pdf>>.

SOUSA, J. Galante de. *Bibliografia de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1955.

WALTER, Judith. *Le livre de jade*. Paris: Alphonse Lemerre, 1867. Disponível em: <<https://shorturl.at/hFZ37>>.

V

**A FOLHA DO SALGUEIRO\***

(Tchan-Tiú-Lin)<sup>1</sup>

Amo aquela formosa e terna moça  
Que, à janela encostada, arfa e suspira;  
Não porque tem do largo<sup>2</sup> rio à margem  
Casa faustosa e bela.

5 Amo-a, porque deixou das mãos mimosas  
Verde folha cair nas mansas águas.<sup>3</sup>

Amo a brisa de leste que sussurra,  
Não porque traz nas asas delicadas  
O perfume dos verdes pessegueiros  
10 Da oriental montanha.

Amo-a<sup>4</sup> porque impeliu coas tênues asas  
Ao meu batel a abandonada folha.

Se amo a mimosa folha aqui trazida,  
Não é porque me lembre à alma e aos olhos →

---

\* Esta edição foi preparada a partir da consulta às seguintes fontes: FAL1870 (p. 113-114), PC1901 (p. 95-96), PC1937 (p. 116-117), PC1953 (p. 138-139), OCA1959 (v. III, p. 52-53), PCEC1976 (p. 248), OCA1994 (v. III, p. 55), TPCL (p. 138), PCRR (p. 88-89) e OCA2015 (v. 3, p. 429). Texto-base: PC1901. Em FAL1870 e em TPCL o poema, no conjunto da “Lira chinesa”, é o segundo – vem precedido do algarismo romano II. Antônio Feijó também o traduziu para o português e publicou no *Cancioneiro chinês* (CANCH1903, p. 3). Editores: José Américo Miranda e Alex Sander Luiz Campos.

<sup>1</sup> Tchan-Tiú-Lin] Tchan-Tiou-Lin – em LJ1867; Tchan-Tiu-Lin – em CANCH1903. Chang Chiu-Ling [grafia de Edgar Colby Knowlton Jr.] “viveu entre 673-740”, época da dinastia Tang. (KNOWLTON Jr., 1995, p. 89) Marta Pacheco Pinto dá data um pouco diferente: 678-740. Além da grafia usada por Knowlton Jr., que Marta Pacheco Pinto dá como atual; ela dá, ainda, esta outra, considerada também atual: Zhang Jiuling (PINTO, 2018, p. 17) – num “Glossário”, ao final de seu artigo, Knowlton Jr. dá também esse nome, com esta grafia: Zhan Jiu Ling. (KNOWLTON Jr., 1995, p. 93)

<sup>2</sup> do largo] no largo – em PCRR.

<sup>3</sup> Em TPCL, depois deste verso não há espaço de separação de estrofes.

<sup>4</sup> Amo-a] Amo-a, – em PC1953.

15      A renascente, a amável primavera,  
            Pompa e vigor dos vales.

Amo a folha por ver-lhe um nome escrito,  
Escrito, sim, por ela, e esse... é meu nome.

### **Lista das abreviaturas empregadas nesta edição**

CANCH1903 – *Cancioneiro chinês*, 1903.

FAL1870 – *Falenas*, 1870.

LJ1867 – *Le livre de jade*, 1867.

OCA1959 – *Obra completa*, 1959.

OCA1994 – *Obra completa*, 1994.

OCA2015 – *Obra completa em quatro volumes*, 2015.

PC1901 – *Poesias completas*, 1901.

PC1937 – *Poesias completas*, 1937.

PC1953 – *Poesias completas*, 1953.

PCEC1976 – *Poesias completas*, edição crítica, 1976.

PCRR – *A poesia completa*, ed. Rutzkaya Queiroz dos Reis, 2009.

TPCL – *Toda poesia de Machado de Assis*, ed. Cláudio Murilo Leal, 2008.

### **Referências**

ASSIS, Machado de. *Falenas*. Rio de Janeiro: B. L. Garnier, [1870].

ASSIS, Machado de. *Poesias completas*. Rio de Janeiro: H. Garnier, 1901.

ASSIS, Machado de. *Poesias completas*. Rio de Janeiro: W. M. Jackson, 1937.

ASSIS, Machado de. *Poesias completas*. Rio de Janeiro: W. M. Jackson, 1953.

ASSIS, Machado de. *Obra completa*. Rio de Janeiro: José Aguilar, 1959.

ASSIS, Machado de. *Poesias completas*. Ed. crítica pela Comissão Machado de Assis. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976.

ASSIS, Machado de. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.

ASSIS, Machado de. *Toda poesia de Machado de Assis*. Org. Cláudio Murilo Leal. Rio de Janeiro: Record, 2008.

ASSIS, Machado de. *A poesia completa*. Org. Rutzkaya Queiroz dos Reis. São Paulo: Nankin, 2009.

ASSIS, Machado de. *Obra completa em quatro volumes*. São Paulo: Nova Aguilar, 2015.

FEIJÓ, Antônio. *Cancioneiro chinês*. 2. ed. rev. e aum. Lisboa: Tavares Cardoso & Irmão, 1903.

KNOWLTON Jr., Edgar Colby. Machado de Assis e a sua *Lira chinesa*. *Revista de Cultura*, Macau, II série, n. 22, p. 81-93, jan.-mar. 1995.

PINTO, Marta Pacheco. *Cancioneiro chinês* (1890): tradução e exotismo. *Ponte de Lima: do passado ao presente, rumo ao futuro!*, n. 4, p. 7-29, jul. 2018. Disponível em: <<https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/34837/1/29-106-1-PB.pdf>>.

WALTER, Judith. *Le livre de jade*. Paris: Alphonse Lemerre, 1867. Disponível em: <<https://shorturl.at/hFZ37>>.

VI

AS FLORES E OS PINHEIROS\*

(Tin-Tun-Sing)<sup>1</sup>

- Vi os pinheiros no alto da montanha  
Ouriçados e velhos;  
E ao sopé da montanha, abrindo as flores  
Os cálices vermelhos.
- 5      Contemplando os pinheiros da montanha,  
As flores tresloucadas  
Zombam deles enchendo o espaço em torno  
De alegres gargalhadas.
- 10     Quando o outono voltou, vi na montanha  
Os meus pinheiros vivos,  
Brancos de neve, e meneando ao vento  
Os galhos pensativos.
- 15     Volvi o olhar ao sítio onde escutara  
Os risos mofadores;  
Procurei-as em vão; tinham morrido  
As zombeteiras flores.

---

\* Esta edição foi preparada a partir da consulta às seguintes fontes: FAL1870 (p. 123-124), PC1901 (p. 97), PC1937 (p. 117-118), PC1953 (p. 139-140), OCA1959 (v. III, p. 53), PCEC1976 (p. 249), OCA1994 (v. III, p. 55-56), TPCL (p. 141-142), PCRR (p. 89) e OCA2015 (v. 3, p. 430). Texto-base: PC1901. Em FAL1870 e em TPCL o poema, no conjunto da “Lira chinesa”, é o sétimo – vem precedido do algarismo romano VII. Antônio Feijó também o traduziu para o português e publicou no *Cancioneiro chinês* (CANCH1903, p. 99). Este poema foi transcrito (com vírgula no lugar de ponto e vírgula no v. 2) por Barreto Filho (1947, p. 239). Editores: José Américo Miranda e Alex Sander Luiz Campos.

<sup>1</sup> Tin-Tun-Sing] Tin-Tun-Ling – em LJ1867; Tin-Tun-Ling – em CANCH1903. Edgar Colby Knowlton Jr. considera a grafia Tin-Tun-Ling preferível à utilizada por Machado de Assis – Tin-Tun-Sing. (KNOWLTON Jr., 1995, p. 82) Este talvez seja o único poeta contemporâneo traduzido por Machado de Assis. Tin-Tun-Ling (1830-1886), a quem Judith Walter dedica *Le livre de jade* na primeira edição, foi o tutor chinês dela; com ele ela estudou a língua chinesa, quando ainda era uma jovem de 22 anos. (PINTO, 2018, p. 11)

### Lista das abreviaturas empregadas nesta edição

CANCH1903 – *Cancioneiro chinês*, 1903.  
FAL1870 – *Falenas*, 1870.  
LJ1867 – *Le livre de jade*, 1867.  
OCA1959 – *Obra completa*, 1959.  
OCA1994 – *Obra completa*, 1994.  
OCA2015 – *Obra completa em quatro volumes*, 2015.  
PC1901 – *Poesias completas*, 1901.  
PC1937 – *Poesias completas*, 1937.  
PC1953 – *Poesias completas*, 1953.  
PCEC1976 – *Poesias completas*, edição crítica, 1976.  
PCRR – *A poesia completa*, ed. Rutzkaya Queiroz dos Reis, 2009.  
TPCL – *Toda poesia de Machado de Assis*, ed. Cláudio Murilo Leal, 2008.

### Referências

ASSIS, Machado de. *Falenas*. Rio de Janeiro: B. L. Garnier, [1870].

ASSIS, Machado de. *Poesias completas*. Rio de Janeiro: H. Garnier, 1901.

ASSIS, Machado de. *Poesias completas*. Rio de Janeiro: W. M. Jackson, 1937.

ASSIS, Machado de. *Poesias completas*. Rio de Janeiro: W. M. Jackson, 1953.

ASSIS, Machado de. *Obra completa*. Rio de Janeiro: José Aguilar, 1959.

ASSIS, Machado de. *Poesias completas*. Ed. crítica pela Comissão Machado de Assis. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976.

ASSIS, Machado de. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.

ASSIS, Machado de. *Toda poesia de Machado de Assis*. Org. Cláudio Murilo Leal. Rio de Janeiro: Record, 2008.

ASSIS, Machado de. *A poesia completa*. Org. Rutzkaya Queiroz dos Reis. São Paulo: Nankin, 2009.

ASSIS, Machado de. *Obra completa em quatro volumes*. São Paulo: Nova Aguilar, 2015.

BARRETO FILHO. *Introdução a Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Agir, 1947.

FEIJÓ, Antônio. *Cancioneiro chinês*. 2. ed. rev. e aum. Lisboa: Tavares Cardoso & Irmão, 1903.

KNOWLTON Jr., Edgar Colby. Machado de Assis e a sua *Lira chinesa*. *Revista de Cultura*, Macau, II série, n. 22, p. 81-93, jan.-mar. 1995.

PINTO, Marta Pacheco. *Cancioneiro chinês* (1890): tradução e exotismo. *Ponte de Lima: do passado ao presente, rumo ao futuro!*, n. 4, p. 7-29, jul. 2018. Disponível em: <<https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/34837/1/29-106-1-PB.pdf>>.

SOUSA, J. Galante de. *Bibliografia de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1955.

WALTER, Judith. *Le livre de jade*. Paris: Alphonse Lemerre, 1867. Disponível em: <<https://shorturl.at/hFZ37>>.

VII

REFLEXOS\*

(Thu-Fu)<sup>1</sup>

Vou rio abaixo<sup>2</sup> vogando  
No meu batel e ao luar;  
Nas claras águas fitando,  
Fitando o olhar.

5 Das águas vejo no fundo,  
Como por um branco véu<sup>3</sup>  
Intenso, calmo, profundo,  
O azul do céu.

10 Nuvem que no céu flutua,  
Flutua n'água também;  
Se a lua cobre, à outra lua  
Cobri-la vem.

15 Da amante que me extasia,  
Assim, na ardente paixão,  
As raras graças copia  
Meu coração.

---

\* Esta edição foi preparada a partir da consulta às seguintes fontes: FAL1870 (p. 125-126), PC1901 (p. 98), PC1937 (p. 118-119), PC1953 (p. 140-141), OCA1959 (v. III, p. 54), PCEC1976 (p. 249-250), OCA1994 (v. III, p. 56), TPCL (p. 142), PCRR (p. 89-90) e OCA2015 (v. 3, p. 430-431). Texto-base: PC1901. Em FAL1870 e em TPCL o poema, no conjunto da “Lira chinesa”, é o oitavo – vem precedido do algarismo romano VIII. Antônio Feijó também o traduziu para o português e publicou no *Cancioneiro chinês* (CANCH1903, p. 49). Kenneth David Jackson (2016, p. 83 e p. 89) informa que a tradução machadiana foi reproduzida em *O Arquivo Dramático*, de Lisboa (n. 14, p. 12, 1884), publicação que não consultamos. Este poema foi também traduzido para o português por Cecília Meireles. (POEMAS chineses, Li Po e Tu Fu, 1996, p. 106) Editores: José Américo Miranda e Alex Sander Luiz Campos.

<sup>1</sup> Thu-Fu] Thou-Fou – em LJ1867. Ver nota 1 ao poema “O imperador”.

<sup>2</sup> abaixo] abaixo, – em PC1937.

<sup>3</sup> véu] véu, – em FAL1870, em PCEC1976 e em TPCL.

### Lista das abreviaturas empregadas nesta edição

- CANCH1903 – *Cancioneiro chinês*, 1903.  
FAL1870 – *Falenas*, 1870.  
LJ1867 – *Le livre de jade*, 1867.  
OCA1959 – *Obra completa*, 1959.  
OCA1994 – *Obra completa*, 1994.  
OCA2015 – *Obra completa em quatro volumes*, 2015.  
PC1901 – *Poesias completas*, 1901.  
PC1937 – *Poesias completas*, 1937.  
PC1953 – *Poesias completas*, 1953.  
PCEC1976 – *Poesias completas*, edição crítica, 1976.  
PCRR – *A poesia completa*, ed. Rutzkaya Queiroz dos Reis, 2009.  
TPCL – *Toda poesia de Machado de Assis*, ed. Cláudio Murilo Leal, 2008.

### Referências

- ASSIS, Machado de. *Falenas*. Rio de Janeiro: B. L. Garnier, [1870].
- ASSIS, Machado de. *Poesias completas*. Rio de Janeiro: H. Garnier, 1901.
- ASSIS, Machado de. *Poesias completas*. Rio de Janeiro: W. M. Jackson, 1937.
- ASSIS, Machado de. *Poesias completas*. Rio de Janeiro: W. M. Jackson, 1953.
- ASSIS, Machado de. *Obra completa*. Rio de Janeiro: José Aguilar, 1959.
- ASSIS, Machado de. *Poesias completas*. Ed. crítica pela Comissão Machado de Assis. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976.
- ASSIS, Machado de. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.
- ASSIS, Machado de. *Toda poesia de Machado de Assis*. Org. Cláudio Murilo Leal. Rio de Janeiro: Record, 2008.
- ASSIS, Machado de. *A poesia completa*. Org. Rutzkaya Queiroz dos Reis. São Paulo: Nankin, 2009.
- ASSIS, Machado de. *Obra completa em quatro volumes*. São Paulo: Nova Aguilar, 2015.
- FEIJÓ, Antônio. *Cancioneiro chinês*. 2. ed. rev. e aum. Lisboa: Tavares Cardoso & Irmão, 1903.
- JACKSON, Kenneth David. Lira chinesa: a recepção da poesia clássica chinesa no Brasil. *Olho d'Água*, São José do Rio Preto, v. 8, n. 1, p. 82-90, jan.-jun. 2016.  
Disponível em:  
<<http://www.olhodagua.ibilce.unesp.br/index.php/Olhodagua/article/viewFile/328/310>>.
- POEMAS chineses, Li Po e Tu Fu. Tradução de Cecília Meireles. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1996.
- WALTER, Judith. *Le livre de jade*. Paris: Alphonse Lemerre, 1867. Disponível em:  
<<https://shorturl.at/hFZ37>>.

## VIII

### CORAÇÃO TRISTE FALANDO AO SOL\*

(Su-Tchon)<sup>1</sup>

No arvoredo sussurra o vendaval do outono,  
Deita as folhas à terra, onde não há florir<sup>2</sup>  
E eu contemplo sem pena esse triste abandono;<sup>3</sup>  
Só eu<sup>4</sup> as vi nascer, vejo-as só eu cair.

5      Como a escura montanha, esguia e pavorosa<sup>5</sup>  
Faz, quando o sol descamba, o vale enoitecer,  
Esta montanha<sup>6</sup> da alma, a tristeza amorosa,  
Também de ignota sombra enche todo o meu ser.

---

\* Esta edição foi preparada a partir da consulta às seguintes fontes: FAL1870 (p. 111-112), PC1901 (p. 99), PC1937 (p. 119), PC1953 (p. 141), OCA1959 (v. III, p. 54), PCEC1976 (p. 250-251), OCA1994 (v. III, p. 56), TPCL (p. 137-138), PCRR (p. 90) e OCA2015 (v. 3, p. 431). Texto-base: PC1901. Em FAL1870 e em TPCL o poema, no conjunto da “Lira chinesa”, é o primeiro – vem precedido do algarismo romano I. Antônio Feijó também o traduziu para o português e publicou no *Cancioneiro chinês* (CANCH1903, p. 49). Este poema foi musicado por Alberto Nepomuceno (“Coração triste”, op. 18, n. 1) e integra seu álbum *12 Canções*. (WEHRS, 1997, p. 92; MACHADO, 2021, p. 109; CAMPOS, 2017, p. 178) A versão musicada pode ser ouvida aos 10 minutos (aproximadamente) desta aula sobre a História da música brasileira, apresentada por Ricardo Kanji, disponível no YouTube: <<https://www.youtube.com/watch?v=cTuusB-BYXo>>. J. Galante de Sousa informa que este poema foi transcrito no *Novo Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro* para 1878, p. 366, publicado em Lisboa em 1877, ao qual não tivemos acesso. Kenneth David Jackson (2016, p. 83 e p. 89) informa que foi também transcrito no n. 17, p. 132 (junho de 1886), de *A Imprensa: Revista Científica, Literária e Artística*, de Lisboa (essa transcrição contém variantes). Editores: José Américo Miranda e Alex Sander Luiz Campos.

<sup>1</sup> Su-Tchon] Su-Tchon – em LJ1867; Imitado de Su-Tchon – em FAL1870; Su-Tchen – em PC1937. Sobre este poeta, escreveu Edgar Colby Knowlton Jr.: “Dos poemas da obra *Le livre de jade*, um é atribuído a Su-Tchon [“Coração triste falando ao sol”] e outro a Li-Su-Tchon [“Le clair de lune dans la mer” – não traduzido por Machado de Assis]. Se Su-Tchon e Li-Su-Tchon são o mesmo poeta, isso é uma questão que não sabemos.” (KNOWLTON Jr., 1995, p. 91) Marta Pacheco Pinto registra apenas o nome Li-Su-Tchon (ela inclui este poema entre os de Tu-Fu, porque Antônio Feijó o atribuiu, no seu *Cancioneiro chinês*, a esse poeta, cujo nome ele grafava Thu-Fu) e, tampouco, conseguiu apurar sua existência. (PINTO, 2018, p. 17)

<sup>2</sup> florir] florir, – em PC1953, em OCA1959, em PCEC1976, em OCA1994, em TPCL e em OCA2015.

<sup>3</sup> abandono;] abandono – em PC1937; abandono, – em PC1953, em OCA1959 e em OCA1994.

<sup>4</sup> Só eu] Se eu – em PCRR e em OCA2015.

<sup>5</sup> pavorosa] pavorosa, – em PC1953, em OCA1959 e em OCA1994.

<sup>6</sup> Esta montanha] A montanha – em FAL1870.

- 10 Transforma o frio inverno a água em pedra dura,<sup>7</sup>  
Mas torna a pedra em água um raio de verão;  
Vem, ó sol, vem, assume o trono teu na altura,  
Vê se podes fundir meu triste coração.

### Lista das abreviaturas empregadas nesta edição

- CANCH1903 – *Cancioneiro chinês*, 1903.  
FAL1870 – *Falenas*, 1870.  
LJ1867 – *Le livre de jade*, 1867.  
OCA1959 – *Obra completa*, 1959.  
OCA1994 – *Obra completa*, 1994.  
OCA2015 – *Obra completa em quatro volumes*, 2015.  
PC1901 – *Poesias completas*, 1901.  
PC1937 – *Poesias completas*, 1937.  
PC1953 – *Poesias completas*, 1953.  
PCEC1976 – *Poesias completas*, edição crítica, 1976.  
PCRR – *A poesia completa*, ed. Rutzkaya Queiroz dos Reis, 2009.  
TPCL – *Toda poesia de Machado de Assis*, ed. Cláudio Murilo Leal, 2008.

### Referências

- ASSIS, Machado de. *Falenas*. Rio de Janeiro: B. L. Garnier, [1870].
- ASSIS, Machado de. *Poesias completas*. Rio de Janeiro: H. Garnier, 1901.
- ASSIS, Machado de. *Poesias completas*. Rio de Janeiro: W. M. Jackson, 1937.
- ASSIS, Machado de. *Poesias completas*. Rio de Janeiro: W. M. Jackson, 1953.
- ASSIS, Machado de. *Obra completa*. Rio de Janeiro: José Aguilar, 1959.
- ASSIS, Machado de. *Poesias completas*. Ed. crítica pela Comissão Machado de Assis. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976.
- ASSIS, Machado de. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.
- ASSIS, Machado de. *Toda poesia de Machado de Assis*. Org. Cláudio Murilo Leal. Rio de Janeiro: Record, 2008.
- ASSIS, Machado de. *A poesia completa*. Org. Rutzkaya Queiroz dos Reis. São Paulo: Nankin, 2009.

---

<sup>7</sup> dura,] dura – em PC1937.

ASSIS, Machado de. *Obra completa em quatro volumes*. São Paulo: Nova Aguilar, 2015.

CAMPOS, Alex Sander Luiz. *Da colaboração de Machado de Assis na revista luso-brasileira O Futuro: literatura e vida literária, 1862-1863*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, 2017. (Tese, Doutorado em Estudos Literários) Disponível em: <<https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/LETR-AL7PSM>>.

FEIJÓ, Antônio. *Cancioneiro chinês*. 2. ed. rev. e aum. Lisboa: Tavares Cardoso & Irmão, 1903.

HISTÓRIA da música brasileira. Cap. 10. Romantismo e patriotismo: afinal, somos brasileiros? Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=cTuusB-BYXo>>.

JACKSON, Kenneth David. Lira chinesa: a recepção da poesia clássica chinesa no Brasil. *Olho d'Água*, São José do Rio Preto, v. 8, n. 1, p. 82-90, jan.-jun. 2016. Disponível em: <<http://www.olhodagua.ibilce.unesp.br/index.php/Olhodagua/article/viewFile/328/310>>.

KNOWLTON Jr., Edgar Colby. Machado de Assis e a sua *Lira chinesa*. *Revista de Cultura*, Macau, II série, n. 22, p. 81-93, jan.-mar. 1995.

MACHADO, Ubiratan. *Dicionário de Machado de Assis*. 2. edição revista e ampliada. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2021.

PINTO, Marta Pacheco. *Cancioneiro chinês (1890): tradução e exotismo*. *Ponte de Lima: do passado ao presente, rumo ao futuro!*, n. 4, p. 7-29, jul. 2018. Disponível em: <<https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/34837/1/29-106-1-PB.pdf>>.

SOUSA, J. Galante de. *Bibliografia de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1955.

WALTER, Judith. *Le livre de jade*. Paris: Alphonse Lemerre, 1867. Disponível em: <<https://shorturl.at/hFZ37>>.

WEHRS, Carlos. *Machado de Assis e a magia da música*. Rio de Janeiro: C. Wehrs, 1997.

# **OUTRAS EDIÇÕES**

**A RIR DA NATUREZA**

(Uan-Tié)

O lago é comparável  
A uma taça que houvesse transbordado,  
– Diáfano, puríssimo, inefável...

Nas margens, lado a lado,  
Os esguios bambus tomam aspectos  
D'estranhas, perfeitíssimas cabanas,  
A que os grandes arbustos formam tectos  
Estendendo a ramagem sobre as canas.

Dentre as flores, rochedos pontiagudos  
Emergem para os ares,  
Com os contornos ásperos e agudos  
De terríveis pagodes singulares.

– E no seu barco o Poeta navegava  
A rir perdidamente,  
Por ver que a Natureza copiava  
Os homens, servilmente...

Antônio Feijó

[*Cancioneiro chinês*. 2. ed. rev. aum. Lisboa: Livraria, 1903. p. 51]

Transcrição: José Américo Miranda

**A UMA MULHER FORMOSA**

(Tché-Tsi)

Nas límpidas canções que me inspiraste,  
Ao som da flauta d'ébano cantadas,  
Narrava as minhas mágoas desoladas,  
– Mas tu não me escutaste!

Depois compus estâncias primorosas,  
Que leste sem carinho e sem ternura,  
Lançando ao rio as páginas famosas  
Onde eu cantava a tua formosura.

Quis ser então mais fino e mais amável:  
Dei-te um presente fabuloso e raro,  
– Uma safira ideal, só comparável  
A um céu noturno imensamente claro.

E em paga dessa joia deslumbrante,  
Desse primor duma riqueza louca,  
Mostraste-me, sorrindo um só instante,  
As pequeninas pérolas da boca...

Antônio Feijó

[*Cancioneiro chinês*. 2. ed. rev. aum. Lisboa: Livraria, 1903. p. 15]

Transcrição: José Américo Miranda

## O IMPERADOR

(Thu-Fu)

O moço Imperador está sentado  
Num trono d'ouro e pedrarias belas:  
É como o sol no meio das estrelas,  
Dos seus ilustres mandarins cercado.

Os mandarins discutem gravemente,  
Mas o Filho do Céu não os ouvia...  
Todo o seu pensamento se perdia  
Pela janela entreaberta em frente.

No pavilhão de porcelana estava,  
Entre as damas da augusta comitiva,  
A Imperatriz, como uma flor altiva  
Que de viçosas folhas se elevava.

Pensa no Esposo amado, e com desgosto  
– “Vem hoje tarde o Imperador!” – murmura...  
Nesse momento a aragem mansa e pura,  
Impregnada no aroma do seu rosto,

Beija, ondulando, o moço Imperador,  
Que o solene conselho presidia...  
Então, na deslumbrante pedraria  
Dos seus vestidos, cheio de esplendor,

Diz o Filho do Céu, d'olhos parados:  
– “Vem dela este perfume!” – e nesse instante,  
Partiu direito ao pavilhão distante,  
Abandonando os mandarins pasmados!...

Antônio Feijó

[*Cancioneiro chinês*. 2. ed. rev. aum. Lisboa: Livraria, 1903. p. 31-32]

Transcrição: José Américo Miranda

## O LEQUE

(Tan-Jo-Su)

Estava a Noiva tímida e formosa,  
Na primeira manhã do seu noivado,  
Na pequenina alcova silenciosa  
Onde abraçara o seu Esposo amado.

Graciosa, o leque de charão agita,  
Desoprimindo o sufocado peito;  
Mas nele, por acaso, estava escrita  
Uma frase que tinha este conceito:

“Nos dias de calor, em pleno estio,  
O meu frescor suavíssimo apetece...  
Chega o rigor do inverno, chega o frio,  
E toda a gente me desdenha e esquece.”

A Noiva leu; e nisto, de repente,  
Ergueu o olhar turbada e pensativa...  
Deixou-a aquele dístico inocente  
Numa vaga tristeza apreensiva.

“É moço, – diz – o meu amado Esposo;  
Por isso vem neste primeiro ardor,  
Refrigerar seu coração feroso  
Nas carícias subtis do meu amor.

Mas quando tiver frio o coração,  
E nele a chama juvenil pereça,  
Quando for sem desejo e sem paixão,  
Talvez um dia me desdenhe e esqueça...”

Antônio Feijó

[*Cancioneiro chinês*. 2. ed. rev. aum. Lisboa: Livraria, 1903. p. 29-30]

Transcrição: José Américo Miranda

## A FOLHA DE SALGUEIRO

(Tchan-Tiu-Lin)

Adoro essa mulher moça e formosa,  
Que à janela, a sonhar, vejo esquecida,  
Não por ter uma casa suntuosa  
Junto ao Rio Amarelo construída...  
– Amo-a porque uma folha melindrosa  
Deixou cair nas águas, distraída.

Também adoro a brisa do Levante,  
Não por trazer a essência virginal  
Do pessegueiro que floriu distante,  
No pendor da Montanha Oriental...  
– Amo-a porque impeliu a folha errante  
Ao meu batel, no lago de cristal.

E adoro a folha, não por ter lembrado  
A nova primavera que rompeu,  
Mas por causa dum nome idolatrado,  
Que essa jovem mulher nela escreveu  
Com a doirada agulha do bordado...  
Esse nome... era o meu!

Antônio Feijó

[*Cancioneiro chinês*. 2. ed. rev. aum. Lisboa: Livraria, 1903. p. 3]

Transcrição: José Américo Miranda

## AS FLORES E OS PINHEIROS

(Tin-Tun-Ling)

Vi os altos pinheiros combalidos  
Sobre a elevada e solitária selva,  
E pelos vales os vergéis floridos  
A ostentar-se na relva.

Estavam rindo as pequeninas flores,  
Comparando os seus cálices vermelhos  
Às taciturnas, desoladas cores  
Dos pinheiros já velhos.

Ao coro, insetos juntam-se, lascivos...  
Mas uma vez, na madrugada leve,  
Encontrei os pinheiros pensativos,  
Todos brancos de neve.

Lembrei-me então d'olhar, entre as neblinas,  
Da montanha nos íngremes pendores,  
Mas já não vi nas úmidas campinas  
As zombeteiras flores...

Antônio Feijó

[*Cancioneiro chinês*. 2. ed. rev. aum. Lisboa: Livraria, 1903. p. 99]

Transcrição: José Américo Miranda

## **SOBRE O RIO TCHÚ\***

(Thu-Fu)

O meu barco desliza mansamente  
Sobre as águas do rio...  
Eu... vou fitando a múrmura corrente.

Muito longe, no azul extenso e frio,  
Correm as nuvens silenciosamente...

O céu fulge nas águas; quando passa  
Uma nuvem, e encobre o olhar da Lua,  
Vendo no rio a sombra que perpassa,  
Cuido que o barco pelo azul flutua!...

E sonho e penso e fantasio então,  
Com a mente em quimeras embalada,  
Que também no meu doido coração  
Docemente se espelha a minha amada!

Antônio Feijó

[*Cancioneiro chinês*. 2. ed. rev. aum. Lisboa: Livraria, 1903. p. 49]

Transcrição: José Américo Miranda

---

\* Este poema, que Machado de Assis traduziu com o título de “Reflexos”, traz, em *Le livre de jade*, o título de “Sur le fleuve Tchou”. O *Dicionário geral de monossílabos* traz ambas as formas – “Tchou” e “Tchu” – com as seguintes significações: “**TCHOU** – Palavra chinesa que significa *distrito* e figura na composição de expressões geográficas.”; “**TCHU, CHU, TSHU** – Palavra tibetana que significa *rio* e concorre para a formação de expressões geográficas.” (CASANOVAS, C. F. de Freitas. *Dicionário geral de monossílabos*. [Rio de Janeiro]: Instituto Nacional do Livro, 1968. p. 388) No *Cancioneiro chinês*, à p. 49, o título do poema vem grafado “Sobre o rio Thchú”; porém, no Índice, ao final do volume (p. 139), a grafia é esta: “Sobre o rio Tchú”.

## **CORAÇÃO TRISTE, FALANDO AO SOL**

(Thu-Fu)<sup>1</sup>

Vejo as folhas das árvores, no outono,  
Logo aos primeiros vendavais cair,  
E sem pesar, num íntimo abandono,  
Só, como as vi nascer, vejo-as partir.

No coração as lívidas tristezas  
Projetam sombras, como os altos montes  
Enoitecendo os vales e as devesas,  
Ao pôr do sol, nos vastos horizontes.

Aos hálitos do inverno agudo e frio  
Tornam-se as águas em cristais de prata,  
Mas um raio de sol, no ardor do estio,  
Muda os cristais em límpida cascata.

Quando o estio voltar, hei de ir sentar-me  
No rochedo mais íngreme e escarpado,  
Para que tu, ó Sol, vindo banhar-me,  
Possas fundir meu coração gelado!

Antonio Feijó

[*Cancioneiro chinês*. 2. ed. rev. aum. Lisboa: Livraria, 1903. p. 97]

Transcrição: José Américo Miranda

---

<sup>1</sup> Este poema, em *Le livre de jade*, é atribuído a Su-Tchon. No *Cancioneiro chinês*, os nomes dos poetas só aparecem no índice que vem ao final do volume, às páginas 139-140.

Judith Walter

## **O LIVRO DE JADE**



Tradução  
José Américo Miranda  
e  
Gilson Santos

2023

Agradecimento a  
Gracinéa I. de Oliveira, pela leitura atenta e pelas sugestões; e a Alex  
Sander Luís Campos, pela lembrança de uma passagem de *Dom Casmurro*.

Notas dos tradutores (úteis na leitura de alguns poemas):

1. Barco das Flores é um prostíbulo flutuante; aparece nos poemas “À mais bela das mulheres / Do Barco das Flores, p. 114, “Sobre os balanços de um navio / Visto da província do Oeste”, p. 116, e “O Barco das Flores / Do subúrbio do Oeste”, p. 176.
2. Ninhos de andorinhas são uma iguaria da culinária chinesa; a expressão aparece no poema “As três mulheres do mandarim”, p. 153. Machado a mencionou também no capítulo CXL de *Dom Casmurro*.

Foto: ramos de pessegueiro em flor.

**LE LIVRE DE JADE**

Judith Walter

**O LIVRO DE JADE**

José Américo Miranda  
e  
Gilson Santos  
(trad.)

A

TIN-TUN-LING

*Poëte chinois*

CE LIVRE EST DÉDIÉ.

J. W.

AVRIL 1867.

A

TIN-TUN-LING

*Poeta chinês*

ESTE LIVRO É DEDICADO.

J. W.

ABRIL DE 1867.

LES AMOUREUX

OS AMANTES

## La feuille de saule

*Selon Tchan-Tiou-Lin*

La jeune femme qui rêve accoudée à sa fenêtre, je ne l'aime pas à cause de la maison somptueuse qu'elle possède au bord du Fleuve Jaune;

Mais je l'aime parce qu'elle a laissé tomber à l'eau une petite feuille de saule.

Je n'aime pas la brise de l'est parce qu'elle m'apporte le parfum des pêcheurs en fleurs qui blanchissent la Montagne Orientale;

Mais je l'aime parce qu'elle a poussé du côté de mon bateau la petite feuille de saule.

Et la petite feuille de saule, je ne l'aime pas parce qu'elle me rappelle le tendre printemps qui vient de refleurir;

Mais je l'aime parce que la jeune femme a écrit un nom dessus avec la pointe de son aiguille à broder, et que ce nom, c'est le mien.

## A folha de salgueiro

*Tchan-Tiou-Lin*

A moça que sonha recostada à janela, não a amo pela mansão suntuosa que ela tem à margem do rio Amarelo;

Eu a amo porque ela jogou na água uma pequena folha de salgueiro.

Não amo a brisa do leste porque me traz o perfume dos [pessegueiros em flor que branqueiam a montanha Oriental.

Eu a amo porque ela trouxe até meu barco a folha de salgueiro.

E a pequena folha de salgueiro, não a amo porque ela me lembra a primavera que acaba de chegar;

Eu a amo porque a moça escreveu nela, com a ponta de sua agulha de bordar, um nome:  
o meu nome.

## **L'ombre des feuilles d'oranger**

*Selon Tin-Tun-Ling*

La jeune fille qui travaille tout le jour  
dans sa chambre solitaire est doucement  
émue si elle entend tout à coup le son  
d'une flûte de jade;

Et elle s'imagine qu'elle entend la voix  
d'un jeune garçon.

À travers le papier des fenêtres, l'ombre  
des feuilles d'oranger vient s'asseoir sur  
ses genoux;

Et elle s'imagine que quelqu'un a  
déchiré sa robe de soie.

## **A sombra da laranjeira**

*Tin-Tun-Ling*

A moça que trabalha todo o dia  
solitária em seu quarto  
suavemente toda se comove  
se escuta de repente  
o som de uma flauta de jade.

Ela crê ouvir  
a voz de um rapaz.

Pelas fibras da cortina  
a sombra das folhas da laranjeira  
cai-lhe sobre os  
joelhos.

Ela o crê todo rasgado por alguém,  
o seu vestido de seda.

## **Au bord de la rivière**

*Selon Li-Tai-Pé*

Des jeunes filles se sont approchées de la rivière; elles s'enfoncent dans les touffes de nénuphars.

On ne les voit pas, mais on les entend rire, et le vent se parfume en traversant leurs vêtements.

Un jeune homme à cheval passe au bord de la rivière, tout près des jeunes filles.

L'une d'elles a senti son coeur battre et son visage a changé de couleur.

Mais les touffes de nénuphars l'enveloppent.

## **Na margem do rio**

*Li-Tai-Pé*

Algumas moças vão ao rio;  
e se misturam aos nenúfares.

Ninguém as vê,  
mas seu riso pode ser ouvido,  
e o vento que lhes passa nas roupas  
espalha o seu perfume.

Um jovem a cavalo  
passa na margem do rio,  
bem perto.

Uma delas sentiu o coração bater  
e seu rosto mudou de cor.

Porém,  
as moitas de nenúfares a ocultam.

## **L'épouse vertueuse**

*Selon Tchang-Tsi*

Tu m'offres deux perles brillantes; bien  
que je détourne la tête, mon coeur pâlit  
et s'émeut malgré moi.

Un instant je les pose sur ma robe, ces  
deux perles claires; la soie rouge leur  
donne des reflets rosés.

Que ne t'ai je connu avant d'être  
mariée! Mais éloigne-toi de moi, car  
j'appartiens à un époux.

Au bord de mes cils, voici deux larmes  
tremblantes; ce sont tes perles que je te  
rends.

## **A esposa fiel**

*Tchang-Tsi*

Tu me dás duas pérolas brilhantes;  
eu me esquivo,  
mas meu coração fraqueja  
e se comove, apesar de mim.

Coloco-as sobre meu vestido,  
as pérolas transparentes;  
a seda vermelha  
as faz rosicler.

Quisera conhecer-te antes de me casar!  
Afasta-te de mim,  
tenho um esposo.

Nos meus cílios,  
duas lágrimas tremem;  
são as pérolas que te devolvo.

## La fleur de pêcher

*Selon Tse-Tié*

J'ai cueilli une petite fleur de pêcher et je l'ai apportée à la jeune femme qui a les lèvres plus roses que les petites fleurs.

J'ai pris une hirondelle noire et je l'ai donnée à la jeune femme dont les sourcils ressemblent aux deux ailes d'une hirondelle noire.

Le lendemain la fleur était fanée, et l'oiseau s'était échappé par la fenêtre du côté de la Montagne Bleue où habite le Génie des fleurs de pêcher;

Mais les lèvres de la jeune femme étaient toujours aussi roses, et les ailes noires de ses yeux ne s'étaient pas envolées.

## A flor de pessegueiro

*Tse-Tié*

Colhi uma flor de pessegueiro e a trouxe para a moça que tem os lábios mais rosados que as pequenas flores.

Peguei uma andorinha negra e dei-a à moça cujas sobrancelhas [negras] parecem asas de andorinha.

No dia seguinte a flor tinha morrido e o passarinho fugido na direção da [montanha Azul] onde habita o Gênio das flores de [pessegueiro].

Porém, os lábios da moça continuaram rosados, e as asas negras de seus olhos não fugiram pela janela.

## L'empereur

*Selon Thou-Fou*

Sur un trône d'or neuf, le Fils du Ciel, éblouissant de pierreries, est assis au milieu des Mandarins; il semble un soleil environné d'étoiles.

Les Mandarins parlent gravement de graves choses; mais la pensée de l'Empereur s'est enfuie par la fenêtre ouverte.

Dans son pavillon de porcelaine, comme une fleur éclatante entourée de feuillage, l'Impératrice est assise au milieu de ses femmes.

Elle songe que son bien-aimé demeure trop longtemps au conseil, et, avec ennui, elle agite son éventail.

Une bouffée de parfums caresse le visage de l'Empereur.

“Ma bien-aimée d'un coup de son éventail m'envoie le parfum de sa bouche;” et l'Empereur, tout rayonnant de pierreries, marche vers le pavillon de porcelaine, laissant se regarder en silence les Mandarins étonnés.

## O imperador

*Thou-Fou*

O Filho do Céu,  
num trono de ouro reluzente,  
deslumbrante de pedrarias,  
está rodeado de Mandarins;  
parece um sol entre estrelas.

Os Mandarins circunspectos falam de  
[coisas graves;  
o pensamento do Imperador foge  
pela janela aberta.

Em seu pavilhão de porcelana,  
como flor brilhante entre folhagens,  
a Imperatriz está sentada entre damas.

Ela pensa em seu amado no conselho,  
– que demora! –  
e, entediada, abana o leque.

Um sopro perfumado acaricia  
o rosto do Imperador.

“Minha amada,  
com um golpe de seu leque,  
me envia o perfume de sua boca;”  
e o Imperador, brilhante entre pedrarias,  
corre desatinado  
ao pavilhão de porcelana,  
deixando os Mandarins atônitos,  
olhando, em silêncio, uns para os outros.

## Le pêcheur

*Selon Li-Tai-Pé*

La terre a bu la neige et voici que l'on  
revoit les fleurs de prunier.

Les feuilles de saule ressemblent à de  
l'or neuf et le lac est pareil à un lac  
d'argent.

C'est le moment où les papillons  
poudrés de soufre appuient leur têtes  
veloutées sur le coeur des fleurs.

Le pêcheur, de son bateau immobile,  
jette ses filets qui brisent la surface de  
l'eau.

Il pense à celle qui reste à la maison  
comme l'hirondelle dans son nid, à celle  
qu'il va bientôt aller revoir en lui  
portant la nourriture, comme le mâle de  
l'hirondelle.

## O pescador

*Li-Tai-Pé*

A terra absorveu a neve,  
voltam as flores das ameixeiras.

As folhas do salgueiro  
brilham como ouro;  
o lago parece feito de prata.

É o tempo das borboletas esfogueadas  
meterem as cabeças aveludadas  
no coração das flores.

O pescador,  
de seu barco imóvel,  
lança redes  
que estilhaçam a superfície da água.

Ele pensa naquela que fica em casa,  
como a andorinha em seu ninho;  
naquela que ele logo irá rever,  
levando-lhe alimento,  
como o macho da avezinha.

## Chant des oiseaux, le soir

*Selon Li-Tai-Pé*

Au milieu du vent frais les oiseaux  
chantent gaiement sur les branches  
transversales.

Derrière les treillages de sa fenêtre, une  
jeune femme qui brode des fleurs  
brillantes sur une étoffe de soie écoute  
les oiseaux s'appeler joyeusement dans  
les arbres.

Elle relève sa tête et laisse tomber ses  
bras; sa pensée est partie vers celui qui  
est loin depuis longtemps.

“Les oiseaux savent se retrouver dans le  
feuillage; mais les larmes qui tombent  
des yeux des jeunes femmes comme la  
pluie d'orage ne rappellent pas les  
absents.”

Elle relève ses bras et laisse tomber sa  
tête sur son ouvrage.

“Je vais broder une pièce de vers parmi  
les fleurs de la robe que je lui destine, et  
peut-être les caractères lui diront-ils de  
revenir.”

## Canto dos pássaros, ao anoitecer

*Li-Tai-Pé*

Em meio à brisa,  
entre ramagens, com alegria  
cantam os pássaros.

Atrás da gelosia da janela,  
uma jovem que borda flores brilhantes  
em tecido de seda  
ouve os pássaros se chamarem  
alegremente nas árvores.

Ela ergue a cabeça  
e deixa cair os braços;  
seu pensamento  
voou na direção daquele  
que partiu há muito tempo.

“Os pássaros se reencontram  
na folhagem;  
as lágrimas das jovens, porém,  
chuva de tempestade,  
não convocam de volta os ausentes.”

Ela ergue os braços,  
e volta pensativa ao trabalho.

“Vou bordar um pequeno poema  
entre as flores da roupa que lhe vou  
[mandar;  
quem sabe esses sinais  
lhe dirão que volte.”

## Les perles de jade

*Selon Tchan-Tiou-Lin*

J'ai vu passer la première épouse du grand Mandarin Lo-Wang-Li; elle se promenait à cheval près du lac, dans l'allée où la lune blanchit les feuilles de saule.

En se promenant elle a laissé tomber de son cou quelques perles de jade; un homme qui se trouvait là les a ramassées et s'est enfuit très-joyeux.

Mais moi, je n'ai pas ramassé des perles, parce que je regardais seulement le beau visage de la jeune femme, plus blanc que la lune dans les feuilles de saule, et je m'en suis allé en pleurant.

## As pérolas de jade

*Tchan-Tiou-Lin*

Vi passar a primeira esposa  
do grande Mandarin Lo-Wang-Li;  
passeava a cavalo na margem do lago,  
na alameda em que a lua  
branqueava  
as folhas do salgueiro.

Enquanto passeava,  
caíram-lhe do pescoço pérolas de jade;  
um homem que ali estava  
as recolheu e se afastou, todo feliz.

Mas eu, eu não as recolhi,  
só tinha olhos para o belo rosto da jovem,  
mais branco que o luar  
nas folhas do salgueiro;  
e eu, afastei-me dali chorando.

## La feuille sur l'eau

*Selon Tché-Tsi*

Le vent a décroché une feuille de saule;  
elle est tombée légèrement dans le lac et  
s'est éloignée, balancée par les vagues.

Le temps a effacé de mon coeur un  
souvenir, un souvenir que s'est  
lentement effacé.

Étendu au bord de l'eau, je regarde  
tristement la feuille de saule qui voyage  
loin de l'arbre penché.

Car depuis que j'ai oublié celle que  
j'aimais, je rêve tout le jour, tristement  
étendu au bord de l'eau.

Et mes yeux suivent toujours la feuille  
de saule, et maintenant elle est revenue  
sous l'arbre, et je pense que dans mon  
coeur le souvenir ne s'est jamais effacé.

## A folha sobre a água

*Tché-Tsi*

O vento arrancou uma folha ao  
[salgueiro;  
ela caiu no lago  
e se afastou  
oscilante nas ondas.

O tempo apagou de meu coração,  
muito lentamente,  
uma lembrança.

Recostado na margem,  
contemplo triste a folha que se afasta  
da árvore inclinada.

Desde que esqueci aquela que eu amava,  
cismo todo dia,  
triste,  
recostado à beira d'água.

E sigo com os olhos a folha,  
que está de novo debaixo da árvore;  
acho que em meu coração  
a lembrança jamais se apagou.

## Sur le fleuve Tchou

*Selon Thou-Fou*

Mon bateau glisse rapidement sur le fleuve, et je regarde dans l'eau.

Au-dessus est le grand ciel, où se promènent les nuages.

Le ciel est aussi dans le fleuve; quand un nuage passe sur la lune, je le vois passer dans l'eau;

Et je crois que mon bateau glisse sur le ciel.

Alors je songe que ma bien-aimé se reflète ainsi dans mon cœur.

## No rio Tchou

*Thou-Fou*

Meu barco desliza suavemente no rio, eu contemplo a água.

No alto, o vasto céu em que passeiam as nuvens.

O céu se reflete no rio; se uma nuvem encobre a lua – eu o vejo na água;

É como se meu barco deslizasse no céu.

Então penso:  
minha amada se reflete  
assim em meu coração.

## **Le mauvais chemin**

*Selon Tse-Tié*

J'ai vu un chemin doucement obscurci  
par les grands arbres, un chemin bordé  
de buissons en fleurs.

Mes yeux ont pénétré sous l'ombre  
verte et se sont promenés longuement  
dans le chemin.

Mais à quoi bon prendre cette route?  
Elle ne conduit pas à la demeure de  
celle que j'aime.

Quand ma bien-aimée est venue au  
monde, on a enfermé ses petits pieds  
dans des boîtes de fer; et ma bien-aimée  
ne se promène jamais dans les chemins.

Quand elle est venue au monde, on a  
enfermé son coeur dans une boîte de  
fer; et celle que j'aime ne m'aimera  
jamais.

## **O caminho inútil**

*Tse-Tié*

Vi uma alameda  
suavemente enoitecida pelo arvoredo,  
ladeada de arbustos em flor.

Meus olhos penetraram a sombra verde  
e vaguearam pelo caminho.

Mas a que bem conduz esta via?  
Ela não leva à casa daquela que amo.

Quando minha amada nasceu,  
meteram-lhe os pés em ferros;  
ela nunca passeia por esses caminhos.

Quando minha amada nasceu,  
trancaram seu coração  
numa caixa de ferro;  
aquela que amo jamais me amará.

**Un jeune-poète pense à sa  
bien-aimée.**

Qui habite de l'autre côté du fleuve.

*Selon Sao-Nan*

La lune monte vers le coeur du ciel  
nocturne et s'y repose amoureusement.

Sur le lac lentement remué, la brise du  
soir passe, passe, repasse en baisant  
l'eau heureuse.

Oh! quel accord serein résulte de  
l'union des choses qui sont faites pour  
s'unir.

Mais les choses qui sont faites pour  
s'unir s'unissent rarement.

**Um jovem poeta pensa em sua  
bem-amada.**

Que mora do outro lado do rio.

*Sao-Nan*

A lua sobe ao coração da noite  
e lá repousa amorosamente.

Sobre o lago suavemente ondulado,  
a brisa da noite passa, passa,  
repassa, beijando a água feliz.

Oh! que harmonia serena  
a da união das coisas  
feitas uma para a outra.

Mas as coisas feitas para se unirem  
raramente se unem.

## L'éventail

*Selon Tan-Jo-Su*

La nouvelle épouse est assise dans la Chambre Parfumée, où l'époux est entré la veille pour la première fois.

Elle tient à la main son éventail où sont écrits ces caractères: "Quand l'air est étouffant et le vent immobile, on m'aime et l'on me demande la fraîcheur; mais quand le vent se lève et quand l'air devient froid, on me dédaigne et l'on m'oublie."

En lisant ces caractères, la jeune femme songe à son époux, et déjà des pensées tristes l'enveloppent.

"Le coeur de mon époux est maintenant jeune et brûlant; mon époux vient près de moi pour rafraîchir son coeur;

"Mais lorsque son coeur sera froid et tranquille, il me dédaignera peut-être et m'oubliera."

## O leque

*Tan-Jo-Su*

A esposa recente em seu quarto perfumado, onde o esposo entrou ontem pela primeira vez.

No seu leque está escrito:  
"Quando o ar está parado, sufocante, gostam de mim, me pedem alívio; mas quando o vento sopra, quando o calor diminui, todos me desprezam e me esquecem."

Lendo essas palavras, a jovem imagina o marido, e pensamentos tristes a assaltam.

"Seu coração é jovem, ardente; ele me procura para refrescar o coração;

Mas quando seu coração esfriar, e ficar tranquilo, ele me desprezará talvez, e me esquecerá."

**À la plus belle femme**

Du Bateau des Fleurs

*Selon Tché-Tsi*

Je t'ai chanté des chansons en  
m'accompagnant de ma flûte d'ébène,  
des chanson où je te racontais ma  
tristesse; mais tu ne m'as pas écouté.

J'ai composé des vers où je célébrais ta  
beauté; mais en balançant la tête tu as  
jeté dans l'eau les feuilles glorieuses où  
j'avais tracé des caractères.

Alors je t'ai donné un gros saphir, un  
saphir pareil au ciel nocturne, et, en  
échange du saphir obscur, tu m'as  
montré les petites perles de ta bouche.

**À mais bela das mulheres**

Do Barco das Flores

*Tché-Tsi*

Cantei-te canções  
ao som da flauta de ébano  
– canções de minha tristeza;  
nem me escutaste.

Compus versos  
em que celebrava tua beleza;  
com gesto de negação,  
tu jogaste n'água as esplêndidas folhas  
em que eu os tinha escrito.

Depois te dei uma grande safira,  
escura como o céu noturno;  
em troca,  
mostraste-me as pérolas de tua boca.

## La maison dans le coeur

*Selon Thou-Fou*

Les flammes cruelles ont dévoré  
entièrement la maison où je suis né.

Alors je me suis embarqué sur un vaisseau  
tout doré, pour distraire mon chagrin.

J'ai pris ma flûte sculptée, et j'ai dit une  
chanson à la lune; mais j'ai attristé la  
lune, qui s'est voilée d'un nuage.

Je me suis retourné vers la montagne,  
mais elle ne m'a rien inspiré.

Il me semblait que toutes les joies de  
mon enfance étaient brûlées dans ma  
maison.

J'ai eu envie de mourir, et je me suis  
penché sur la mer. À ce moment, une  
femme passait dans une barque; j'ai cru  
voir la lune se reflétant dans l'eau.

Si Elle voulait, je me rebâtirais une  
maison dans son coeur.

## Casa no coração

*Thou-Fou*

As labaredas destruíram completamente  
a casa em que nasci.

Por isso me embarquei num navio,  
para alívio de minha dor.

Tomei minha flauta esculpida,  
cantei uma canção à lua;  
mas a lua entristeceu e  
cobriu-se de nuvens.

Voltei-me para a montanha,  
ela nada me inspira mais.

Parecia-me que as alegrias da infância  
foram queimadas com minha casa.

Tive vontade de morrer,  
e me debrucei sobre o mar.  
Uma mulher passava num barco;  
achei que era a lua na água.

Se Ela quisesse,  
eu faria outra casa em seu coração.

### **Sur les balacements d'un navire**

Vu de la province de l'Ouest

*Selon Sou-Tong-Po*

Une vapeur bleue l'enveloppe comme  
une gaze légère, et une dentelle  
d'écume l'entoure, semblable à un rang  
de dents blanches.

Le soleil lentement s'élève en souriant à  
la mer, et la mer semble une grande  
étouffe de soie brodée d'or.

Les poissons viennent souffler à la  
surface des globules qui sont autant de  
perles brillantes, et les flots clairs  
bercent doucement le Bateau des Fleurs.

Mon coeur se tord de douleur en le  
voyant si éloigné de moi et retenu au  
rivage par une corde de soie.

Car c'est là que fleurissent les fleurs les  
plus éclatantes, c'est là que le vent est  
parfumé et que demeure le printemps.

Je vais chanter une chanson en vers,  
marquant la mesure avec mon éventail,  
et la première hirondelle qui passera, je  
la prierai d'emporter là-bas ma chanson.

Et je vais jeter dans la mer une fleur que  
le vent poussera jusqu'au navire.

La petite fleur, quoique morte, danse  
légèrement sur l'eau; mais moi je chante  
avec l'âme désolée.

### **Sobre os balanços de um navio**

Visto da província do Oeste

*Sou-Tong-Po*

Uma névoa o envolve como uma gaze,  
uma renda de espuma o rodeia,  
como uma fileira de dentes brancos.

O sol se eleva alegre sobre o mar,  
e o mar parece  
um tecido de seda bordado a ouro.

Os peixes vêm à tona soprar bolhas,  
essas pérolas brilhantes;  
e as ondas claras embalam docemente  
o Barco das Flores.

Meu coração se contorce de dor  
ao vê-lo tão longe,  
preso à praia por um cordame de seda.

É lá que estão as flores resplandecentes,  
é lá que o vento é perfumado,  
é lá que mora a primavera.

Quero cantar versos,  
marcando o compasso com meu leque,  
e à primeira andorinha que passar  
pedirei que leve até lá minha canção.

E jogarei ao mar uma flor  
que o vento levará ao navio.

A pequena flor, ainda que morta,  
flutua e dança sobre a água;  
e eu, eu canto desconsolado.

LA LUNE

A LUA

## Le fleuve paisible

*Selon Than-Jo-Su<sup>1</sup>*

Tant qu'un homme reste sur la terre, il voit la Lune toujours pure et brillante.

Comme un fleuve paisible suit son cours, chaque jour elle traverse le ciel.

Jamais on ne la voit s'arrêter ni revenir en arrière.

Mais l'homme a des pensées brèves et vagabondes.

## O rio de águas tranquilas

*Than-Jo-Su*

Enquanto houver um homem na terra, ele verá a Lua pura e brilhante.

Como um rio tranquilo segue seu curso, todo dia ela atravessa o céu.

Ela nunca para nem volta atrás.

O homem, porém, tem pensamentos fugazes e erráticos.

---

<sup>1</sup> Esta é a única ocasião em que o nome "Tan-Jo-Su" vem grafado "Than-Jo-Su".

## Le clair de lune dans la mer

*Selon Li-Su-Tchon*

La pleine Lune vient de sortir de l'eau.  
La mer ressemble à un grand plateau  
d'argent.

Sur un bateau quelques amis boivent  
des tasses de vin.

En regardant les petits nuages qui se  
balancent sur la montagne, éclairés par  
la Lune,

Quelques-uns disent que ce sont les  
femmes de l'Empereur qui se  
promènent vêtues de blanc;

Et d'autres prétendent que c'est une  
nuée de cygnes.

## Luz da lua no mar

*Li-Su-Tchon*

A lua cheia se eleva sobre a água.  
O mar parece  
uma grande planície de prata.

Num barco,  
alguns amigos tomam vinho.

Olhando as pequenas nuvens  
que oscilam sobre a montanha,  
iluminadas pela Lua,

Alguns dizem que são  
as mulheres do Imperador  
que passeiam vestidas de branco;

Outros acham  
que é um bando de cisnes.

## L'escalier de jade

*Selon Li-Tai-Pé*

Sous la douce clarté de la pleine Lune,  
l'Impératrice remonte son escalier de  
jade, tout brillant de rosée.

Le bas de la robe baise doucement le  
bord des marches; le satin blanc et le  
jade se ressemblent.

Le clair de Lune a envahi l'appartement  
de l'Impératrice; en passant la porte,  
elle est tout éblouie;

Car, devant la fenêtre, sur le rideau  
brodé de perles de cristal, on croirait  
voir une société de diamants qui se  
disputent la lumière;

Et, sur le parquet de bois pâle, on dirait  
une ronde d'étoiles.

## A escadaria de jade

*Li-Tai-Pé*

À luz clara da Lua cheia,  
a Imperatriz sobe a escadaria de jade,  
brilhante de orvalho.

A barra do vestido apenas roça  
a quina dos degraus;  
o cetim branco e o jade se parecem.

O luar invadiu  
os aposentos da Imperatriz;  
chegando à porta,  
ela ficou deslumbrada;

Na janela,  
a cortina bordada com pérolas de cristal  
parecia um consórcio de diamantes  
em disputa pela luz;

E o chão de madeira clara  
parecia salpicado de estrelas.

## Un poète regarde la lune

*Selon Tan-Jo-Su*

De mon jardin j'entends chanter une femme, mais malgré moi je regarde la Lune.

Je n'ai jamais pensé à rencontrer la femme qui chante dans le jardin voisin; mon regard suit toujours la Lune dans le ciel.

Je crois que la Lune me regarde aussi, car un long rayon d'argent arrive jusqu'à mes yeux.

Les chauves-souris le traversent de temps en temps et me font brusquement baisser les paupières; mais lorsque je les relève, je vois le regard d'argent toujours dardé sur moi.

La Lune se mire dans les yeux de poètes comme dans les écailles brillantes des dragons, ces poètes de la mer.

## Um poeta contempla a lua

*Tan-Jo-Su*

Do meu jardim  
ouço cantar uma mulher;  
apesar de mim, olho a Lua.

Nunca pensei em encontrar  
a mulher  
que canta no jardim da casa ao lado;  
continuo olhando a Lua no céu.

Acho que a Lua  
também me olha:  
um raio prateado vem até meus olhos.

Os morcegos  
passam de tempos em tempos  
e me fazem fechar os olhos;  
assim que os abro,  
a luz prateada me atinge.

A lua se reflete nos olhos dos poetas  
como em escamas brilhantes de dragões,  
esses poetas do mar.

**Sur la rivière bordée de fleurs**

*Selon Tan-Jo-Su*

Un seul nuage se promène dans le ciel;  
ma barque est seule sur le fleuve.

Mais voici la Lune qui se lève dans le  
ciel et dans le fleuve;

Le nuage est moins sombre, et moi je  
suis moins triste dans ma barque  
solitaire.

**No rio margeado de flores**

*Tan-Jo-Su*

Uma só nuvem no céu;  
meu barco sozinho na água.

Eis que a lua surge no céu  
e no rio;

A nuvem fica menos sombria,  
e eu menos triste  
em meu barco solitário.

## Promenade le soir dans la prairie

*Selon Thou-Fou*

Le soleil d'automne a traversé la prairie  
en venant de l'est; maintenant il glisse  
derrière la grande montagne de l'ouest.

Il reste une lueur dans le ciel; sans doute  
le jour se lève de l'autre côté de la  
montagne.

Les arbres sont couverts de rouille, et le  
vent froid du soir décroche les dernières  
feuilles.

Une cigogne veuve regagne son nid  
solitaire, tristement et lentement,  
comme si elle espérait encore voir  
revenir celui qui ne reviendra plus,

Et les corbeaux font un grand bruit  
autour des arbres, pendant que la Lune  
commence à s'allumer pour la nuit.

## Passeio à tardinha no campo

*Thou Fou*

O sol de outono  
atravessou o campo,  
vindo do leste;  
agora ele desce  
atrás da montanha no oeste.

Permanece um clarão no céu;  
sem dúvida  
o dia amanhece  
no outro lado da montanha.

As árvores se cobrem de ferrugem,  
o vento frio da tarde arranca-lhes  
as últimas folhas.

Uma cegonha viúva  
retorna solitária ao ninho,  
tristemente, lentamente,  
como se esperasse ainda  
aquele que não voltará mais,

E os corvos  
grasnam por entre as árvores,  
enquanto a Lua noturna  
se põe a brilhar.

**Au bord du petit lac**

*Selon Tan-Jo-Su*

Le petit lac s'enfuit poursuivi par le vent, mais bientôt il revient sur ses pas.

Les poissons sautent par moment hors de l'eau: on croirait que ce sont les nénuphars qui s'épanouissent.

La Lune, adoucie par les nuages, se fait un chemin à travers les branches,

Et la gelée blanche change en perles les diamants de la rosée.

**Na margem do pequeno lago**

*Tan-Jo-Su*

O pequeno lago avança,  
tangido pelo vento,  
mas logo retorna.

Os peixes saltam na água:  
parecem nenúfares  
se abrindo em flores.

A Lua,  
amortecida por nuvens,  
abre caminho  
através dos ramos,

E o frio intenso  
torna em pérolas  
os diamantes do orvalho.

## Près de l'embouchure du fleuve

*Selon Li-Tai-Pé*

Les petites vagues brillent au clair de Lune qui change en argent le vert limpide de l'eau; et l'on croirait voir mille poissons courir vers la mer.

Je suis seul dans mon bateau qui glisse le long du rivage; quelquefois j'effleure l'eau avec mes rames; la nuit et la solitude me remplissent le coeur de tristesse.

Mais voici une touffe de nénuphars avec ses fleurs semblables à de grosses perles; je les caresse doucement de mes rames.

Le frémissement des feuilles murmure avec tendresse, et les fleurs, inclinant leurs petites têtes blanches, ont l'air de me parler.

Les nénuphars veulent me consoler; mais déjà, en les voyant, j'avais oublié ma tristesse.

## Na boca do rio

*Li-Tai-Pé*

Pequenas ondulações  
brilham ao clarão da Lua  
que muda em prata  
o verde transparente da água;  
é como se  
peixes aos milhares  
se precipitassem rumo ao mar.

Estou só no meu barco  
que desliza ao longo do rio;  
às vezes dou com os remos  
de leve na água;  
a noite e a solidão  
encham meu coração de tristeza.

Eis que surge ua moita de nenúfares,  
as flores semelhante grandes pérolas;  
– eu os toco de leve com meus remos.

O frêmito das folhas  
murmura com ternura,  
e as flores brancas,  
inclinando-se,  
parecem querer falar-me.

Os nenúfares  
querem me consolar;  
mas agora,  
vendo-os,  
minha tristeza ficou para trás.

## Une femme devant son miroir

*Selon Tan-Jo-Su*

Assise devant son miroir, elle regarde le  
clair de Lune.

Le store baissé entrecoupe la lumière;  
dans la chambre on croirait voir du jade  
brisé en mille morceaux.

Au lieu de peigner ses cheveux, elle  
relève le store en fils de bambou, et le  
clair de Lune apparaît plus brillant,

Comme une femme vêtue de soie qui  
laisse tomber sa robe.

## Mulher diante do espelho

*Tan-Jo-Su*

Sentada diante do espelho,  
ela contempla o Luar.

A persiana baixada  
entrecorta a luz;  
o quarto parece  
jade quebrado  
em mil pedaços.

Ao invés de pentear seus cabelos,  
ela suspende a persiana de bambu,  
e a luz da Lua ganha mais brilho,

Como uma mulher vestida de seda  
que deixa cair o vestido.

L' AUTOMNE

O OUTONO

## Les cheveux blancs

*Selon Tin-Tun-Ling*

Les sauterelles vertes poussent en même temps que le blé; ainsi, dans la belle saison, les jeunes gens boivent et folâtrant.

Mais ceux dont l'esprit s'élève deviennent bientôt tristes, car les nuages noirs se balancent à moitié chemin du ciel.

Les hirondelles noires s'en vont; les cigognes blanches arrivent; ainsi les cheveux blancs suivent les cheveux noirs;

Et c'est une règle unique sur toute la terre, comme il n'y a qu'une lune dans le ciel.

## Os cabelos brancos

*Tin-Tun-Ling*

Os gafanhotos verdes surgem junto com o trigo; assim os jovens, na estação bela, bebem e se divertem.

Os de espírito elevado logo ficam tristes, pois nuvens negras oscilam a meio caminho do céu.

As andorinhas negras se vão; as cegonhas brancas chegam; assim os cabelos brancos vêm depois dos negros;

Essa é a única lei em toda a terra, como única é a lua no céu.

## **Le cormoran**

*Selon Sou-Tong-Po*

Solitaire et immobile, le cormoran  
d'automne médite au bord du fleuve, et  
son oeil rond suit la marche de l'eau.

Si quelquefois un homme se promène  
sur le rivage, le cormoran s'éloigne  
lentement en balançant la tête;

Mais, derrière les feuilles, il guette le  
départ du promeneur, car il aspire à voir  
encore les ondulations du courant  
monotone;

Et, la nuit, lorsque la lune brille sur les  
vagues, le cormoran médite, un pied  
dans l'eau.

Ainsi l'homme qui a dans le coeur un  
grand amour suit toujours les  
ondulations d'une même pensée.

## **O cormorão**

*Sou-Tong-Po*

Imóvel e solitário,  
o cormorão de outono medita  
à margem do rio;  
seu olho redondo  
segue a correnteza.

Se às vezes um homem  
passeia no rio,  
o cormorão se afasta  
devagar, balançando a cabeça.

Mas, de trás da folhagem,  
ele espera o homem ir embora,  
pois ainda quer ver as ondulações  
da correnteza monótona;

E, à noite,  
quando a lua brilha sobre as ondas,  
o cormorão medita,  
com um pé dentro d'água.

Assim, o homem que tem no coração  
um grande amor  
segue sempre as ondulações  
de um só pensamento.

## **Pendant que je chantais la nature**

*Selon Thou-Fou*

Assis dans mon pavillon du bord de l'eau, j'ai regardé la beauté du temps; le soleil marchait lentement vers l'occident au travers du ciel limpide.

Les navires se balançaient sur l'eau, plus légers que des oisaeaux sur les branches, et le soleil d'automne versait de l'or dans la mer.

J'ai pris mon pinceau, et, penché sur le papier, j'ai tracé des caractères semblables à des cheveux noirs qu'une femme lisse avec la main;

Et, sous le soleil d'or, j'ai chanté la beauté du temps.

Au dernier vers, j'ai relevé la tête; alors j'ais vu que la pluie tombait dans l'eau.

## **Enquanto eu cantava a natureza**

*Thou-Fou*

Sentado em minha varanda  
à beira d'água,  
eu vi a beleza do tempo;  
o sol seguia devagar para o ocidente  
pelo caminho do céu claro.

Os navios oscilavam  
sobre a água,  
mais leves que os pássaros nos ramos,  
e o sol de outono  
vertia ouro sobre o mar.

Peguei meu pincel,  
e, debruçado sobre o papel,  
tracéi caracteres  
parecidos com cabelos negros  
que uma mulher alisa com a mão.

Sob o sol dourado,  
cantei a beleza do tempo.

Quando terminei o poema,  
ergui a cabeça;  
vi então que chovia sobre a água.

## Le soir d'automne

*Selon Tché-Tsi*

La vapeur bleue de l'automne s'étend  
sur le fleuve; les petites herbes sont  
couvertes de gelée blanche,

Comme si un sculpteur avait laissé  
tomber sur elles de la poussière de jade.

Les fleurs n'ont déjà plus de parfums; le  
vent du nord va les faire tomber, et  
bientôt les nénuphars navigueront sur le  
fleuve.

Ma lampe s'est éteinte d'elle-même, la  
soirée est finie, je vais aller me coucher.

L'automne est bien long dans mon  
coeur, et les larmes que j'essuie sur mon  
visage se renouvellent toujours.

Quand donc le soleil du mariage  
viendra-t-il sécher mes larmes?

## Tarde de outono

*Tché-Tsi*

O vapor azul do outono  
se estende sobre o rio;  
as pequenas ervas  
estão cobertas de geada branca,

Como se um escultor tivesse espalhado  
sobre elas  
poeira de jade.

As flores  
já não têm perfume;  
o vento do norte  
vai fazê-las cair,  
e logo os nenúfares seguirão rio abaixo.

Minha lâmpada se apagou,  
o serão acabou,  
vou me deitar.

O outono é bem longo  
no meu coração,  
as lágrimas que enxugo em meu rosto  
sempre se renovam.

Quando virá o sol  
do casamento  
secar minhas lágrimas?

## **Pensées d'automne**

*Selon Thou-Fou*

Voici les tristes pluies; on dirait que le ciel pleure le départ du beau temps.

L'ennui couvre l'esprit comme un voile de nuages, et nous restons tristement assis à l'intérieur.

C'est le moment de laisser tomber sur le papier la poésie amassée pendant l'été; ainsi, des arbres, les fleurs mûres tombent.

Allons, je tremperai mes lèvres dans ma tasse chaque fois que j'imbiberai mon pinceau,

Et je ne laisserai pas ma rêverie s'en aller, semblable à un filet de fumée, car le temps s'envole plus vite que l'hirondelle.

## **Pensamentos de outono**

*Thou-Fou*

Aí estão as tristes chuvas; parece que o céu chora o fim do tempo agradável.

O tédio me cobre o espírito como um véu de nuvens, e ficamos tristes sentados em casa.

É o tempo de deixar sobre o papel a poesia acumulada no verão; assim, das árvores caem as flores maduras.

Vamos, molharei meus lábios em minha taça a cada vez que molhar meu pincel,

E não deixarei meus devaneios escaparem como fumaça. O tempo voa mais rápido que a andorinha.

## Le cœur triste au soleil

*Selon Su-Tchon*

Le vent d'automne arrache les feuilles  
des arbres et les disperse sur la terre.

Je les regarde s'envoler sans regret, car  
seul je les ai vues venir, et seul je les  
vois partir.

La tristesse projette son ombre sur mon  
cœur, comme les hautes montagnes  
font la nuit dans la vallée.

Les souffles d'hiver changent l'eau en  
pierre brillante; mais au premier regard  
de l'été elle redeviendra cascade  
joyeuse.

Quand l'été sera de retour, j'irai  
m'asseoir sur la plus haute roche, pour  
voir si le soleil fera fondre mon cœur.

## O coração triste ao sol

*Su-Tchon*

O vento do outono  
arranca as folhas das árvores  
e as espalha no chão.

Eu as olho sem pesar,  
sozinho eu as vi nascer,  
sozinho eu as vejo partir.

A tristeza lança sua sombra  
sobre meu coração,  
como as altas montanhas  
convertem em noite  
o fundo do vale.

Os sopros do inverno  
fazem da água pedra brilhante;  
mas ao primeiro sinal de verão  
ela voltará a ser  
cascata festiva.

Quando o verão voltar,  
irei sentar-me sobre a rocha mais alta,  
para ver se o sol  
aquecerá meu coração.

**Pensée écrite sur la gelée blanche**

*Selon Haon-Ti*

La gelée blanche recouvre entièrement les arbustes; ils ressemblent aux visages poudrés des femmes.

Je les regarde de ma fenêtre, et je pense que l'homme, sans les femmes, est comme une fleur dépouillée de feuillage.

Et pour chasser la tristesse amère qui m'envahit,

Avec mon souffle, j'écris ma pensée sur la gelée blanche.

**Pensamento escrito sobre a geada branca**

*Haon-Ti*

A geada recobre de branco os arbustos, completamente; eles parecem rostos empoados de mulheres.

Eu os olho de minha janela, e penso que o homem, sem as mulheres, é como uma flor sem folhagem.

Para combater a tristeza amarga que me invade,

Com meu hálito escrevo este pensamento sobre a geada branca.

## **Tristesse du laboureur**

*Selon Sou-Tong-Po*

La neige est descendue légèrement sur  
la terre, comme une nuée de papillons.

Le laboureur a posé sa bêche, et il lui  
semble que des fils invisibles serrent  
son cœur.

Il est triste, car la terre était son amie, et  
lorsqu'il se penchait sur elle pour lui  
confier la graine pleine d'espérance, il  
lui donnait aussi ses pensées secrètes.

Et plus tard, lorsque la graine avait  
germé, il retrouvait ses pensées tout en  
fleur.

Et maintenant la terre se cache sous un  
voile de neige.

## **Tristeza do lavrador**

*Sou-Tong-Po*

A neve desceu com leveza  
sobre a terra,  
como uma nuvem de borboletas.

O lavrador abandonou sua pá,  
parece-lhe que fios invisíveis apertam  
seu coração.

Ele está triste,  
a terra era sua amiga,  
e quando ele se debruçou sobre ela,  
para lhe confiar as sementes  
prenhes de esperança,  
ele lhe confiou também  
seus mais secretos pensamentos.

E depois, quando a semente germinou,  
ele reencontrou seus pensamentos,  
todos em flor.

Agora a terra está oculta  
sob um véu de neve.

## Le pavillon du jeune roi

*Selon Ouan-Po*

Le jeune roi de Teng habitait près du grand fleuve un pavillon gracieusement découpé.

Le roi était vêtu de satin, et des ornements de jade se balançaient à sa ceinture.

Mais maintenant les robes de satin dorment dans des coffres d'ébène et les ornements de jade sont immobiles; on ne voit plus entrer dans le pavillon que les vapeurs bleues du matin et la pluie qui pleure le soir.

Les nuages roulent dans le ciel, noircissant l'eau limpide; car le roi est parti. Ainsi la lune traverse le ciel et disparaît.

Et les automnes se suivent tristement. Où donc le roi est-il allé? Autrefois il admirait le fleuve; l'eau vibrante n'a pas gardé le reflet de ses yeux, et lui, maintenant, garde-t-il le souvenir du fleuve?

## O pavilhão do jovem rei

*Ouan-Po*

O jovem rei de Teng morava num pavilhão encantador, perto do grande rio.

O rei vestia cetim, ornamentos de jade pendiam de sua cintura.

Mas agora as roupas de cetim dormem em cofres de ébano e os ornamentos de jade estão imóveis; nada mais entra no pavilhão senão os vapores azuis da manhã e a chuva que cai à noite.

As nuvens passam pelo céu, escurecendo a água límpida; pois o rei partiu. Do mesmo modo a lua percorre o céu e desaparece.

E os outonos se sucedem tristemente. Para onde foi o rei? Antes ele admirava o rio; a água trepidante não conservou o reflexo de seus olhos; ele, agora, será que se lembra do rio?

**Les petites fleurs se moquent  
des graves sapins**

*Selon Tin-Tun-Ling*

Sur le haut de la montagne, les sapins demeurent sérieux et hérissés; au bas de la montagne, les fleurs éclatantes s'étalent sur l'herbe.

En comparant leurs fraîches robes aux vêtements sombres des sapins, les petites fleurs se mettent à rire.

Et les papillons légers se mêlent à leur gaieté.

Mais, un matin d'automne, j'ai regardé la montagne: les sapins, tout habillés de blanc, étaient là, graves et rêveurs.

J'ai eu beau chercher au bas de la montagne, je n'ai pas vu les petites fleurs moqueuses.

**As pequenas flores zombam  
dos sensatos pinheiros**

*Tin-Tun-Ling*

No alto da montanha estão os pinheiros sizudos e eriçados; ao pé da montanha, as flores resplandecem sobre a relva.

Comparando suas roupagens novas com as velhas e gastas dos pinheiros, as florinhas se põem a rir.

E as borboletas saltitantes se juntam à sua alegria.

Porém, numa manhã de outono, olhei para a montanha: os pinheiros, cobertos de branco, estavam lá, graves e compenetrados.

Por mais que procurasse ao pé da montanha, não vi as pequenas flores zombeteiras.

## Par un temps tiède

*Selon Ouan-Tchan-Lin*

Les jeunes filles d'autrefois sont assises dans le bosquet fleuri et parlent bas entre elles.

“On prétend que nous sommes vieilles et que nos cheveux sont blancs; on dit aussi que notre visage n'est plus resplendissant comme la lune.

“Qu'en savons-nous? C'est peut-être une médisance; on ne peut pas se voir soi-même.

“Qui nous dit que l'hiver n'est pas de l'autre côté du miroir, obscurcissant nos traits et couvrant de gelée blanche nos chevelures?”

## Num tempo cálido

*Ouan-Tchan-Lin*

As moças de antigamente sentadas em campo florido, conversam baixinho entre si.

“Nos chamam de velhas, nossos cabelos são brancos; dizem que nossos rostos já não brilham como a lua.

Que sabemos nós?  
Talvez seja intriga;  
não podemos nos ver a nós mesmas.

Quem nos diz que o inverno não está do outro lado do espelho, tirando o brilho de nossas feições, cobrindo de geada nossas cabeleiras?”

## Le souci d'une jeune fille

*Selon Han-Ou*

La lune éclaire la cour intérieure, je  
passe la tête par ma fenêtre et je regarde  
les marches de l'escalier.

Je vois le reflet du feuillage et aussi  
l'ombre agitée de la balançoire que le  
vent secoue.

Je rentre et je me couche dans mon lit  
treillagé; la fraîcheur de la nuit m'a  
saisie; je tremble dans ma chambre  
solitaire.

Et voici que j'entends tomber la pluie  
dans le lac! Demain mon petit bateau  
sera mouillé; comment ferai-je pour  
aller cueillir les fleurs de nénuphar?

## A preocupação da moça

*Han-Ou*

O luar clareia o pátio interno,  
eu olho por minha janela  
e vejo os degraus da escadaria.

Vejo o reflexo da folhagem  
e a sombra oscilante  
do balanço que o vento agita.

Eu volto  
e me deito na cama de palhinha;  
a frescura da noite me invadiu;  
estremeço em meu quarto solitário.

Eis que ouço cair a chuva no lago!  
Amanhã meu barco estará molhado;  
como farei  
para ir colher as flores de lótus?

LES VOYAGEURS

OS VIAJANTES

## **L' exilé**

*Selon Sou-Tong-Po*

Les jeunes gens portent volontiers des costumes aux couleurs joyeuses; les uns ont des robes roses, d'autres ont des robes vertes,

De même qu'au retour du jeune printemps les jardins resplendissent d'herbes nouvelles et de pêchers en fleurs;

Mais celui qui voyage loin de son pays, bien qu'il soit jeune encore, est toujours vêtu d'une robe noire.

## **O exilado**

*Sou-Tong-Po*

Jovens alegres  
adoram roupas coloridas;  
uns se vestem de vermelho,  
outros de verde.

Assim,  
na volta da primavera,  
os jardins brilham:  
vegetação nova  
e pessegueiros em flor;

Mas quem está distante de seu país,  
ainda que seja jovem,  
está sempre vestido de preto.

## **L'auberge**

*Selon Li-Tai-Pé*

Je me suis couché dans ce lit d'auberge;  
la lune, sur le parquet, jetait une lueur  
blanche,

Et j'ai d'abord cru qu'il avait neigé sur  
le parquet.

J'ai levé la tête vers la lune claire, et j'ai  
songé aux pays que je vais parcourir et  
aux étrangers qu'il me faudra voir.

Puis j'ai baissé la tête vers le parquet, et  
j'ai songé à mon pays et aux amis que je  
ne verrai plus.

## **O albergue**

*Li-Tai-Pé*

Estou deitado neste leito de albergue;  
a lua lança  
uma luz clara no assoalho,

Pensei primeiro  
que havia neve no chão.

Olhei a lua,  
pensei no país que vou percorrer,  
nos estrangeiros que encontrarei.

Depois,  
baixei a cabeça,  
pensei no meu país,  
nos amigos que não verei mais.

## **Le gros rat**

*Selon Sao-Nan*

Gros rat! énorme rat! ne ronge pas tout  
mon grain, rat cruel et dévorateur!

Depuis trois ans je subis la férocité de  
tes dents aiguës, et j'ai vainement tenté  
de t'adoucir par des supplications.

Mais enfin je partirai, et je te fuirai, et  
j'irai me bâtir une maison dans un pays  
lointain,

Dans un pays lointain et heureux, où les  
remords ne sont pas éternels!

## **O grande rato**

*Sao-Nan*

Grande rato! enorme!  
não roa meu alimento,  
rato cruel, devorador!

Depois de sofrer por três anos  
a ferocidade de teus dentes,  
tentei em vão te abrandar com súplicas.

Enfim, vou partir;  
fugirei de ti,  
construirei uma casa num país distante,

Num país distante e feliz,  
em que os remorsos não são eternos!

**Un navire a l'abri du vent  
contraire**

*Selon Sou-Tong-Po*

Les voiles tombent lourdement le long  
du mât, le vent joue de la flûte avec  
fureur.

De tous côtés, en écumant, les vagues  
battent le navire; on dirait qu'il est posé  
au milieu d'une grande fleur blanche.

L'ancre, au bout de sa chaîne, descend  
dans l'eau et s'accroche aux rochers; de  
mille et mille lieues le vent se lance  
contre elle, et ils luttent ensemble.

On dirait que la mer veut escalader la  
montagne pour atteindre le ciel; par  
moments le ciel et la mer paraissent se  
rejoindre.

Les marins oisifs dorment dans le  
navire, calmes sur l'océan furieux.  
Cependant le coeur aussi a ses vents  
contraires et ses orages.

Lorsque le temps nous permettra de  
repartir, j'écrirai ma pensée sur le flanc  
de la montagne.

**Um navio ao abrigo do vento  
contrário**

*Sou-Tong-Po*

As velas caem  
pesadamente  
ao longo do mastro;  
o vento assobia com fúria.

De todos os lados,  
espumando,  
as ondas batem o navio;  
ele parece estar  
no centro de uma grande flor branca.

A âncora,  
na ponta da corrente,  
mergulha na água  
e se engancha aos rochedos;  
de todos os lados o vento a ataca,  
e eles lutam um com o outro.

O mar parece querer  
escalar a montanha  
para alcançar o céu;  
às vezes o céu e o mar  
parecem encontrar-se.

Os marinheiros ociosos  
dormem,  
calmos no mar revolto.  
O coração também  
tem seus ventos contrários  
e suas tempestades.

Quando o tempo nos deixar partir,  
escreverei meu pensamento  
no flanco da montanha.

## La flûte d'automne

*Selon Thou-Fou*

Pauvre voyageur, loin de la patrie, sans argent et sans amis, tu n'entends plus la douce musique de langue maternelle.

Cependant l'été est si brillant, la nature étale tant de richesse, que tu n'es pas pauvre; et le chant des oiseaux n'est pas pour toi une langue étrangère.

Mais lorsque tu entendras le cri de la cigale, cette flûte de l'automne, quand tu verras le nuage roulé par le vent dans le ciel, ta douleur n'aura plus de bornes,

Et, mettant la main sur tes yeux, tu laisseras ton âme s'enfuir vers la patrie.

## A flauta de outono

*Thou-Fou*

Pobre viajante,  
distante da pátria,  
sem dinheiro e sem amigos,  
não ouves mais  
a doce música da língua materna.

Enquanto brilha tanto o verão,  
a natureza tanto se exhibe em riqueza,  
que já não és pobre;  
e o canto dos passarinhos  
não é para ti uma língua estrangeira.

Assim que escutares  
o guizalhar da cigarra,  
a flauta do outono,  
quando vires as nuvens  
rolarem tangidas pelo vento no céu,  
tua dor não terá mais limites,

Tampando os olhos com as mãos,  
fugirás em espírito  
para o teu país.

## En allant à Tchi-Li

*Selon Tse-Tié*

Je me suis assis au bord de la route, sur un arbre renversé, et j'ai regardé la route qui continuait à s'en aller vers Tchi-Li.

Ce matin le satin bleu de mes souliers brillait comme de l'acier, et l'on pouvait suivre le dessin des broderies noires.

Maintenant mes souliers sont cachés sous la poussière.

Quand je suis parti, le soleil riait dans le ciel, les papillons voltigeaient autour de moi, et je comptais les marguerites blanches répandues dans l'herbe comme des poignées de perles.

Maintenant c'est le soir, et il n'y a plus de marguerites.

Les hirondelles glissent rapidement à mes pieds, les corbeaux s'appellent pour se coucher, et je vois des laboureurs, leur natte roulée autour de la tête, regagner les prochains villages.

Mais moi j'ai encore une longue route à parcourir.

Avant d'arriver à Tchi-Li, je veux composer une pièce de vers, une pièce de vers triste comme mon esprit sans compagnon,

Et dans un rythme difficile, dans un rythme très-difficile, afin que la route d'ici à Tchi-Li me paraisse trop courte.

## Indo para Tchi-Li

*Tse-Tié*

Sentado à beira do caminho, num tronco caído, olhei o caminho que vai até Tchi-Li.

De manhã o cetim azul de meus sapatos brilhava como aço, via-se o desenho negro dos bordados.

Agora meus sapatos estão cobertos de poeira.

Quando parti, o sol ria alegre no céu, as borboletas voavam em torno de mim, e eu contava as margaridas como punhados de pérolas espalhadas na relva.

Agora é o entardecer, e não há mais margaridas.

As andorinhas passam baixinhas, roçando meus pés, os corvos se convocam para os ninhos, e vejo os lavradores, com esteiras trançadas sobre a cabeça, retornarem para suas aldeias.

Mas eu, tenho ainda um longo caminho pela frente.

Antes de chegar a Tchi-Li, quero compor um poema, um poema triste como meu espírito sem companheiro,

E num ritmo difícil, num ritmo bem difícil, para que o caminho até Tchi-Li me pareça bem curto.

LE VIN

O VINHO

**Au milieu du fleuve**

*Selon Tchan-Oui*

Dans mon bateau, que le fleuve balance  
sans brusquerie, je me promène tant que  
le jour dure,

Et je regarde l'ombre des montagnes  
dans l'eau.

Je n'ai plus d'autre amour que l'amour  
du vin, et ma tasse pleine est en face de  
moi. Aussi mon coeur est rempli de  
gaîté.

Autrefois il y avait dans mon coeur plus  
de mille chagrins; mais, à présent,

Je regarde l'ombre des montagnes dans  
l'eau.

**No meio do rio**

*Tchan-Oui*

No meu barco,  
que o rio balança de leve,  
eu passeio enquanto dura o dia,

E olho a sombra das montanhas na  
[água.

Não tenho outro amor,  
senão o amor do vinho;  
minha taça cheia está diante de mim.  
Também meu coração  
está cheio de alegria.

Antigamente havia muita tristeza  
em meu coração;  
mas,  
agora,

Eu olho a sombra das montanhas na água.

**Pour oublier ses pensées**

*Selon Ouan-Oui*

Réjouissons-nous ensemble et remplissons  
de vin tiède nos tasses de porcelaine.

Le frais printemps s'éloigne, mais il  
reviendra; buvons tant que nos lèvres  
auront soif,

Et peut-être oublierons-nous que nous  
sommes à l'hiver de notre âge,

Et que les fleurs se fanent.

**Para esquecer seus pensamentos**

*Ouan-Oui*

Rejubilemo-nos juntos,  
enchamos de vinho  
nossas taças de porcelana.

A fresca primavera se distancia,  
mas ela voltará;  
bebamos  
enquanto nossos lábios tiverem sede.

Talvez assim esqueçamos  
que estamos no inverno de nossas vidas,

E que as flores fenecem.

## **Pensées du septième mois**

*Selon Li-Tai-Pé*

Au milieu des fleurs de mon jardin, je songe en buvant un vin frais et transparent comme le jade.

Le vent me caresse doucement les joues et rafraîchit l'air brûlant; mais, quand l'hiver viendra, comme je ramènerai mon manteau!

La femme, dans la splendeur de sa beauté, est pareille au vent tiède d'août: elle rafraîchit et parfume notre vie;

Mais, lorsque la soie blanche de l'âge couvre sa tête, nous la fuyons comme le vent d'hiver.

## **Pensamentos do sétimo mês**

*Li-Tai-Pé*

Entre as flores do meu jardim, penso em beber um vinho fresco, transparente como o jade.

O vento me acaricia o rosto, refresca o ar escaldante; porém, quando o inverno chegar, buscarei outra vez meu casaco!

A mulher,  
no esplendor de sua beleza,  
é como o vento cálido de agosto:  
refresca e perfuma nossa vida.

Porém,  
quando a seda branca da idade  
lhe cobre a cabeça,  
fugimos dela  
como do vento de inverno.

## Chanson sur le fleuve

*Selon Li-Tai-Pé*

Mon bateau est d'ébène; ma flûte de jade est percée de trous d'or.

Comme la plante qui enlève une tache sur une étoffe de soie, le vin efface la dispute dans le coeur.

Quand on possède de bon vin, un bateau gracieux et l'amour d'une jeune femme, on est semblable aux Génies immortels.

## Canção sobre o rio

*Li Tai-Pé*

Meu barco é de ébano;  
minha flauta de jade  
tem furos de ouro.

Como a planta  
que remove mancha em tecido de seda,  
o vinho apaga o conflito no coração.

Quando se tem bom vinho,  
um barco lindo  
e o amor de uma jovem,  
a gente se parece com os Gênios imortais.

## Le pavillon de porcelaine

*Selon Li-Tai-Pé*

Au milieu du petit lac artificiel s'élève  
un pavillon de porcelaine verte et  
blanche; on y arrive par un pont de jade  
qui se voûte comme le dos d'un tigre.

Dans ce pavillon quelques amis vêtus de  
robes claires boivent ensemble des  
tasses de vin tiède.

Ils causent gaiement ou tracent des vers  
en repoussant leurs chapeaux en arrière,  
en relevant un peu leurs manches,

Et, dans le lac où le petit pont renversé  
semble un croissant de jade, quelques  
amis vêtus de robes claires boivent, la  
tête en bas, dans un pavillon de  
porcelaine.

## O pavilhão de porcelana

*Li-Tai-Pé*

No meio do pequeno lago artificial  
há um pavilhão de porcelana verde e  
[branca;  
chega-se a ele  
por uma ponte de jade  
cujo arco lembra o dorso de um tigre.

Nesse pavilhão  
alguns amigos de roupas claras  
tomam taças de vinho tépido.

Eles conversam alegres,  
escrevem versos,  
jogando seus chapéus para trás,  
arregaçando um pouco suas mangas.

E no lago  
em que a pequena ponte abobadada  
parece um crescente de jade,  
alguns amigos de roupas claras  
bebem, refletidos na água,  
num pavilhão de porcelana.

## Les trois femmes du mandarin

*Selon Sao-Nan*

### *L'Épouse légitime*

Il y a du vin dans la tasse, et dans la plat il y a des nids d'hirondelles. Depuis les temps les plus reculés, un mandarin a toujours respecté son épouse légitime.

### *La Concubine*

Il y a du vin dans la tasse, et dans le plat il y a une oie bien grasse. Quand la femme d'un mandarin ne lui donne pas d'enfants, le mandarin choisit une concubine.

### *La Servante*

Il y a du vin dans la tasse, et dans le plat il y a des confitures variées. Il importe peu à un mandarin qu'une femme soit épouse ou concubine, mais il veut chaque nuit une femme nouvelle.

### *Le Mandarin*

Il n'y a plus de vin dans la tasse, et dans le plat il n'y a qu'un poireau sec. Allons, allons, femmes bavardes, ne vous moquez pas d'un pauvre vieux.

## As três mulheres do mandarin

*Sao-Nan*

### *A Esposa legítima*

Há vinho na taça,  
no prato há ninhos de andorinhas.  
Desde sempre,  
um mandarin respeita sua esposa legítima.

### *A Concubina*

Há vinho na taça,  
no prato há um ganso bem gordo.  
Quando a mulher não lhe dá filhos,  
o mandarin escolhe uma concubina.

### *A Serva*

Há vinho na taça,  
no prato há compotas variadas.  
Pouco importa a um mandarin  
que uma mulher seja esposa  
ou concubina;  
a cada noite ele quer uma mulher nova.

### *O Mandarin*

Não há mais vinho na taça,  
no prato só há alho-poró seco.  
Vamos, vamos,  
mulheres tagarelas,  
não zombem de um pobre velho.

**En buvant dans la maison  
de Thou-Fou**

*Selon Tsoui-Tchou-Tchi*

J'ai rempli ma tasse jusqu'au bord d'un vin bien fabriqué, mais, quand j'ai voulu boire, ma tasse était vide, parce que le souffle de la fenêtre l'avait jetée à terre.

Quand il pleut, c'est que le vent renverse les tasses pleines de Sages immortels qui s'enivrent dans les nuages, au-dessus des montagnes;

Mais la rosée des champs et l'humidité des fleuves, aspirés par le soleil, remplissent de nouveau les grandes tasses de Génies;

Et il reste assez de vin dans la maison de Thou-Fou pour que je puisse boire encore en composant des vers à la louange des poètes et de l'empereur Ta-Ming.

**Bebendo na casa  
de Thou-Fou**

*Tsoui-Tchou-Tchi*

Enchi minha taça até à borda de um bom vinho; quando o ia beber, a taça estava vazia; o vento que soprou da janela a jogara ao chão.

Quando chove, é que o vento derruba as taças cheias dos Sábios imortais que se embriagam nas nuvens, acima das montanhas;

Mas o orvalho dos campos e a umidades dos rios, aspirados pelo sol, enchem de novo as grandes taças dos Génios;

E há muito vinho na casa de Thou-Fou para que eu possa beber ainda enquanto componho versos em louvor dos poetas e do imperador Ta-Ming.

**À huit grands poètes  
Qui buvaient ensemble**

*Selon Thou-Fou*

*À Tchi-Tchan*

Tchi-Tchan, ton cheval est parti plus vite qu'un navire sous un bon vent, et ses mouvements onduleux imitaient le balancement des vagues.

Quand ton regard tombait à terre, tu reconnaissais à peine les objets, comme si tu avais ouvert les yeux au fond de l'eau;

Et tu es arrivé promptement pour boire avec tes amis.

*À Ouan-Tié*

Ouan-Tié, je te conseille de rester toujours dans la ville de Ju-Ian;

C'est là que se trouve le meilleur vin en si grande abondance qu'on croirait qu'il y en a un lac naturel;

Et c'est là seulement que tu trouves assez de vin pour apaiser ta grande soif.

**A oito grandes poetas  
Que bebiam juntos**

*Thou-Fou*

*A Tchi-Tchan*

Tchi-Tchan, teu cavalo partiu mais veloz que um navio de vento em popa, e seus movimentos imitavam o balanço das ondas.

Quando olhavas o chão, tinhas dificuldade de reconhecer os [objetos, como se tivesses aberto os olhos debaixo d'água.

E chegaste bem rápido, para beber com teus amigos.

*A Ouan-Tié*

Ouan-Tié, eu te aconselho a ficar para sempre na aldeia de Ju-Ian;

É lá que se encontra o melhor vinho, e em tal quantidade, que parece vir de um lago natural;

E é só lá que encontras vinho bastante para aplacar tua grande sede.

*À Tso-Sian*

Tso-Sian, le vin tombe toujours de ta tasse dans ta bouche comme un torrent dans un lac.

Ton gosier est pareil au lit d'un fleuve qui coulerait entre deux montagnes, et ton ventre est l'océan où se jette le fleuve.

Tu bois le vin comme les poissons respirent l'eau: jamais les poissons n'ont trop d'eau, et ton grand esprit n'a jamais trop de vin.

*À Tsoui-Tchou-Tchi*

Tsoui-Tchou-Tchi, ta tasse est beaucoup plus grande que celle des autres.

Lorsque tu renverses la tête pour boire en montrant le blanc de tes yeux, tu as le temps de voir s'il y a des nuages sur le ciel.

Ton visage est blanc comme la mousse des vagues, et tu as l'air d'un arbre de jade que le vent traverse,

Quand le vin parfumé passe entre tes lèvres.

*A Tso-Sian*

Tso-Sian, o vinho jorra da taça em tua boca como uma correnteza num lago.

Tua goela parece o leito de um rio que corre entre duas montanhas, e teu ventre é o oceano em que o rio deságua.

Tomas o vinho como os peixes respiram a água: nunca a água é demais para eles, o vinho nunca é demais para teu assinalado espírito.

*A Tsoui-Tchou-Tchi*

Tsoui-Tchou-Tchi, tua taça é muito maior que a dos outros.

Quando ergues a cabeça para beber, mostrando o branco de teus olhos, tens tempo de ver  
se há nuvens no céu.

Teu rosto é branco como a espuma das ondas; pareces uma árvore de jade batida pelo vento,

Quando o vinho perfumado passa por teus lábios.

*À Li-Tai-Pé*

Li-Tai-Pé, tu soulèves ta tasse, et avant de la reposer sur la table tu as fait cent poèmes.

Tu demandes d'autre vin, mais le marchand est couché, et il n'y a plus de vin chez lui.

Le Fils du Ciel, qui passe dans son navire, te prie de venir près de lui; mais toi: "Je n'aime pas les nobles, et nous sommes là huit amis."

Je sais que tu trouves dans le vin la félicité des Sages immortels; mais je ne le dirai pas.

*À Tsou-Tié*

Tsou-Tié, tu loges dans la grande pagode; jamais tu ne manges de viande, et tu ne bois de vin qu'avec modération;

Mais tu aimes la société des poètes, quoique tu ne fasses pas de vers, et chacune de tes paroles est une poésie.

*A Li-Tai-Pé*

Li-Tai-Pé, elevas tua taça, e, antes de colocá-la sobre a mesa, já fizeste cem poemas.

Tu pedes mais vinho, mas o vendedor já se deitou, e não há mais vinho em sua adega.

O Filho do Céu, que passa em seu navio, te pede para ir até ele; mas tu:  
"Não gosto dos nobres, e somos oito amigos aqui."

Sei que encontras no vinho a felicidade dos Sábios imortais; mas não o direi eu.

*A Tsou-Tié*

Tsou-Tié, tu moras no grande pagode; nunca comes carne, e tomas vinho com moderação;

Porém, gostas da companhia dos poetas, ainda que não faças versos, e cada palavra tua é pura poesia.

*À Tan-Jo-Su*

Tan-Jo-Su, après que tu as bu trois tasses tu commences à méditer;

Contre les rites, tu retires ton chapeau et tu te mets à écrire;

Et les caractères apparaissent si rapidement sur le papier que l'on dirait voir de la fumée s'échapper de ton pinceau.

*À Tio-Soui*

Tio-Soui, déjà tu as bu cinq tasses, et tu n'écris pas de vers.

Tes paroles bruyantes réveillent tes amis de leur rêverie comme le vent écarte un nuage.

Déjà ils se lèvent de leurs sièges. Cesse de boire, toi qui bois depuis si longtemps; car il faut décidément partir d'ici.

*A Tan-Jo-Su*

Tan-Jo-Su, depois da terceira taça comesças a meditar;

Contra os ritos,  
tiras teu chapéu  
e te pões a escrever;

E os caracteres aparecem  
tão rapidamente sobre o papel  
que parecem fumaça  
saindo do teu pincel.

*A Tio-Soui*

Tio-Soui, já bebeste cinco taças,  
e não escreves poesia.

Tuas palavras ruidosas  
despertam teus amigos do devaneio  
como o vento tange uma nuvem.

Já eles se erguem de seus assentos.  
Para de beber,  
tu que bebes há tanto tempo;  
pois é preciso sair já daqui.

LA GUERRE

A GUERRA

**L'époux d'une jeune femme  
S'arme pour le combat**

*Selon Thou-Fou*

Allons, femme, pique ta longue aiguille  
dans la soie rouge du métier, et apporte  
ici mes armes guerrières.

Croise toi-même sur mes reins les deux  
larges sabres, et qu'on voie leurs  
poignées tranquilles dépasser mes  
épaules.

Et pendant que, tenant fièrement ma  
lance, ma lance dont la pointe claire fait  
de si souriantes blessures aux vaincus,

Pendant que, ma lance à la main, je te  
regarde agenouillée près de moi,

Accroche à ma ceinture l'arc souple  
d'où s'élanceront bientôt mille flèches  
sifflantes qui, décrivant dans l'air une  
courbe gracieuse, iront se fixer en  
frémissant dans la chair sanglante.

Et maintenant tremble et éloigne-toi, car  
voici le visage terrible que j'offrirai aux  
ennemis!

**O esposo de uma jovem  
Se arma para o combate**

*Thou-Fou*

Vamos, mulher,  
espete tua agulha  
na seda vermelha – é o teu afazer –  
e traga minhas armas de guerra.

Cruze os grandes sabres nas minhas  
[costas,  
e, para todos verem,  
que seus punhos fiquem  
acima de meus ombros.

E enquanto seguro com orgulho a lança,  
com sua ponta luzente  
de tantas feridas abertas nos vencidos,

Enquanto, com a lança na mão,  
te vejo ajoelhada junto a mim,

Prenda à minha cintura o arco  
de onde sairão flechas sibilantes que,  
fazendo uma curva elegante no ar,  
alcançarão vibrantes  
a carne em sangue.

E agora estremece e te afasta;  
eis, aqui está, a cara terrível  
que vou mostrar aos inimigos!

## Le départ du grand Chef

*Selon Thou-Fou*

Le grand Chef a quitté tristement son amie; il est sorti par la grande porte de la ville et s'en est allé dormir dans sa tente, où il rêve à son amie.

Tout à coup, un bruit semblable à celui des feuilles mortes remuées par la vent d'automne le réveille, et il se soulève sur son coude.

C'est la robe de soie de son amie qui imite le bruit des feuilles mortes remuées par le vent d'automne, de son amie qui est venue le rejoindre.

“J'avais perdu mon âme, et subitement elle m'est rendue. Je suis plus surpris que si les neiges de la montagne de l'Ouest s'étaient tout à coup fondues.”

Ainsi parle le grand Chef, et son amie lui répond:

“Je pleurais à la fenêtre occidentale; une hirondelle, touchée, m'a prêté ses ailes, et je suis venue avec tant de promptitude que près de moi ton cheval de bataille aurait eu la marche de tortues.”

## A partida do Comandante

*Thou-Fu*

O Comandante  
deixou com tristeza sua amante;  
ele saiu pela grande porta da aldeia  
e foi dormir em sua tenda,  
onde sonha com ela.

De repente, um ruído  
parecido com o de folhas mortas  
sopradadas pelo vento de outono o desperta,  
e ele se ergue, apoiado no cotovelo.

É o vestido de seda de sua amante  
que imita o ruído de folhas mortas  
sopradadas pelo vento de outono,  
de sua amante que veio juntar-se a ele.

“Eu tinha perdido minha alma,  
e subitamente ela me é restituída.  
Estou mais surpreso  
do que se as neves da montanha do Oeste  
estivessem num instante derretidas.”

Assim fala o Comandante,  
e sua amante lhe responde:

“Eu chorava na janela ocidental;  
uma andorinha,  
comovida,  
me emprestou suas asas,  
e eu vim tão depressa que,  
comparado comigo,  
teu cavalo seria uma tartaruga.”

## Les adieux

*Selon Roa-Li*

Le grand Chef est parti pour la guerre;  
avant le premier mouvement de son  
cheval, sa femme lui a donné une étoffe  
de soie.

“Emporte, en souvenir de moi, cette  
étoffe où j’ai brodé des caractères, et ne  
t’attarde pas trop longtemps;

“Car voici le moment de la pleine lune,  
et chaque jour lui ôte un morceau de sa  
rondeur;

“Ainsi le temps cruel fera décroître ma  
beauté.”

## As despedidas

*Roa-Li*

O Comandante partiu para a guerra;  
antes de seu cavalo partir,  
a mulher lhe deu um lenço de seda.

“Tome,  
como lembrança minha,  
este lenço em que bordei caracteres,  
e não demore muito tempo;

“É tempo de lua cheia,  
e a cada dia ela diminui;

Do mesmo modo o tempo cruel  
vai acabar com a minha beleza.”

## La fleur rouge

*Selon Li-Tai-Pé*

En travaillant tristement près de ma fenêtre, je me suis piquée au doigt; et la fleur blanche que je brodais est devenue une fleur rouge.

Alors j'ai songé brusquement à celui qui est parti pour combattre les révoltés; j'ai pensé que son sang coulait aussi, et des larmes sont tombée de mes yeux.

Mais j'ai cru entendre le bruit des pas de son cheval, et je me suis levée toute joyeuse; c'était mon coeur que, en battant trop vite, imitait le bruit des pas de son cheval.

Je me suis remise à mon ouvrage près de la fenêtre, et mes larmes ont brodé de perles l'étoffe tendue sur le métier.

## A flor vermelha

*Li-Tai-Pé*

Trabalhando triste  
ao pé de minha janela,  
espetei o meu dedo coa agulha;  
a flor branca que eu bordava  
tornou-se vermelha.

Então imaginei de repente  
aquele que partiu  
para combater os revoltosos;  
pensei que seu sangue corria também,  
e lágrimas caíram-me dos olhos.

Mas julguei ouvir o ruído  
dos passos de um cavalo,  
e me ergui toda cheia de alegria;  
era meu coração que,  
batendo depressa,  
imitava os passos de seu cavalo.

Voltei a meu trabalho ao pé da janela,  
e minhas lágrimas bordaram de pérolas  
o tecido estendido no bastidor.

## De la fenêtre occidentale

*Selon Ouan-Tchan-Lin*

À la tête de mille guerriers furieux, au  
bruit forcené des gongs, mon mari est  
parti, courant après la gloire.

J'ai d'abord été joyeuse de reprendre  
ma liberté de jeune fille.

Maintenant, je regarde de ma fenêtre les  
feuilles jaunissantes du saule; à son  
départ, elles étaient d'un vert tendre.

Serait-il joyeux, lui aussi, d'être si loin  
de moi?

## Da janela ocidental

*Ouan-Tchan-Lin*

Á frente de mil guerreiros em fúria,  
ao som desenfreado dos gongos,  
meu marido partiu,  
em busca da glória.

Eu primeiro fiquei alegre  
por recuperar minha liberdade de  
[donzela.

Agora,  
olho de minha janela  
as folhas amareladas do salgueiro;  
quando ele partiu  
elas estavam suavemente verdes.

Estará alegre,  
também ele,  
por estar tão longe de mim?

## Le chien du vainqueur

*Selon Thou-Fou*

Dans la grande guerre où j'ai combattu  
sous la Bannière Noire j'ai reçu une  
blessure, mas j'ai tué beaucoup  
d'ennemis.

Tout sanglant après la mêlée, j'ai  
parcouru le champ de bataille, suivi de  
mon chien qui avait combattu à côté de  
moi.

Et en montrant à mon chien les corps de  
mes victimes, je lui ai dit: "Mange!" et  
en lui montrant leur sang qui coulait  
encore, je lui ai dit: "Bois!"

Mais la noble bête n'a point daigné  
toucher à ces vils cadavres de vaincus,  
et, se dressant, béante, sur ses pattes de  
derrière, jusqu'à la hauteur de ma  
blessure ouverte,

Elle n'était altérée que de mon propre  
sang victorieux et chaud que pétillait  
dans la plaie comme dans un tasse  
rouge!

## O cão do vencedor

*Thou-Fou*

Fui ferido  
na grande guerra em que combati  
sob a Bandeira Negra,  
mas matei muitos inimigos.

Ainda sangrando depois do combate,  
percorri o campo de batalha,  
com meu cão  
que havia lutado ao meu lado.

E mostrando a ele  
os corpos de minhas vítimas,  
disse-lhe: "Coma!"  
e mostrando-lhe o sangue delas  
que ainda corria, lhe disse: "Beba!"

Mas o nobre animal  
sequer tocou nos vis cadáveres dos  
[vencidos,  
e, erguendo-se sobre as patas trazeiras,  
com a boca aberta,  
chegou à altura de minha ferida aberta,

Ele só mudou de atitude  
diante de meu sangue vitorioso e quente  
que cintilava na ferida  
como numa taça vermelha!

## **La cigogne**

*Selon Chen-Tué-Tsi*

O pauvres habitants de la grande Patrie  
du Milieu, vous êtes en proie à la guerre  
civile, et mon coeur pâlit de tristesse  
lorsque je songe à votre misère!

Vous êtes nés libres et êtes esclaves;  
vous êtes punis quoique vous n'avez fait  
aucun mal.

Quand donc viendra pour vous le jour  
du salut? De quelle race est-il, l'homme  
choisi par le ciel pour vous tirer de  
peine?

Une blanche cigogne apparaît là-bas  
parmi les nuages, mais on ne sait pas  
encore sur quelle maison elle se posera.

## **A cegonha**

*Chen-Tué-Tsi*

Ó pobres habitantes da grande Pátria do  
[Meio,  
sois vítimas da guerra civil,  
e meu coração empalidece de tristeza  
quando penso em vossa desgraça.

Nascestes livres e sois escravos;  
sois punidos  
mesmo sem ter feito mal algum.

Quando virá para vós o dia da salvação?  
De que raça é ele,  
o homem escolhido pelo céu  
para vos livrar do castigo?

Uma cegonha branca aparece lá longe,  
entre as nuvens,  
mas não se sabe ainda  
em que casa ela pousará.

LES POÈTES

OS POETAS

## Les sages dansent

*Selon Li-Tai-Pé*

Dans ma flûte aux bouts de jade, j'ai chanté une chanson aux humains; mais les humains ne m'ont pas compris.

Alors j'ai levé ma flûte vers le ciel, et j'ai dit ma chanson aux Sages.

Les Sages se sont réjouis; ils ont dansé sur les nuages resplendissants;

Et maintenant les humains me comprennent, lorsque je chante en m'accompagnant de ma flûte aux bouts de jade.

## Os sábios dançam

*Li-Tai-Pé*

Na flauta de orifícios de jade, cantei uma canção aos homens; mas não me entenderam.

Então voltei minha flauta para o céu, e cantei aos Sábios.

Os Sábios se rejubilaram; dançaram sobre as nuvens resplandecentes;

E agora os homens me entendem, quando canto me acompanhando com a flauta de orifícios de jade.

**À un jeune poète**

*Selon Sao-Nan*

Imite la lune grandissante! Imite le  
soleil levant!

Tu seras pareil à la montagne du Sud, qui  
ne vacille jamais, ne s'ébranle jamais,

Et demeure éternellement verte comme  
les pins glorieux et les cèdres!

**A um jovem poeta**

*Sao-Nan*

Sejas como a lua crescente!  
Sejas como o sol nascente!

Serás como a montanha do Sul,  
que não treme nunca,  
nunca se abala,

E permanece eternamente verde,  
como os pinheiros gloriosos  
e os cedros!



## **La flûte mystérieuse**

*Selon Li-Tai-Pé*

Un jour, par-dessus le feuillage et les fleurs embaumées, le vent m'apporta le son d'une flûte lointaine.

Alors j'ai coupé une branche de saule et j'ai répondu une chanson.

Depuis, la nuit, lorsque tout dort, les oiseaux entendent une conversation dans leur langage.

## **A flauta misteriosa**

*Li-Tai-Pé*

Um dia,  
sobre a folhagem e as flores perfumadas,  
o vento me trouxe  
o som de uma flauta distante.

Então, cortei um galho de salgueiro  
e respondi com uma canção.

Desde então, à noite,  
quando tudo dorme,  
os pássaros ouvem um diálogo  
na língua deles.

## **Indifférence aux douceurs de l'été**

*Selon Tan-Jo-Su*

Les fleurs de pêcher voltigent comme  
des papillons roses; le saule en souriant  
se regarde dans l'eau.

Cependant mon ennui persiste, et je ne  
peux pas faire de vers.

La brise d'est, qui m'apporte le parfum  
des pruniers, me trouve insensible.

Oh! quand la nuit viendra-t-elle me faire  
oublier ma tristesse dans le sommeil!

## **Indiferença às doçuras do verão**

*Tan-Jo-Su*

As flores do pessegueiro  
volteiam como borboletas cor-de-rosa;  
o salgueiro sorridente  
se mira na água.

Meu desgosto persiste,  
apesar disso,  
e não consigo fazer versos.

A brisa do leste,  
que me traz o perfume das ameixeiras,  
me encontra insensível.

Oh! quando virá a noite  
que me fará esquecer no sono  
a minha tristeza!

## La feuille blanche

*Selon Tché-Tsi*

La tête dans ma main, je regarde la  
feuille de papier qui reste blanche  
depuis que je suis là.

Je regarde aussi l'encre qui se sèche au  
bout de mon pinceau.

Mon esprit semble dormir; est-ce que  
mon esprit ne se réveillera pas?

Je m'en vais dans la plaine toute chaude  
de soleil, et je laisse mes mains traîner  
sur les hautes herbes.

D'un côté je vois la forêt veloutée, de  
l'autre les montagnes gracieuses,  
poudrées par la neige et à qui le soleil  
met du rouge.

Et je regarde aussi la marche lente des  
nuages, et je m'en reviens, poursuivi par  
l'éclat de rire des corbeaux,

M'asseoir devant la feuille de papier qui  
demeure blanche sous mon pinceau.

## A folha branca

*Tché-Tsi*

Com a cabeça entre as mãos,  
olho a folha de papel  
que continua em branco  
depois de algum tempo  
que estou sobre ela.

Olho também a tinta  
que seca na ponta de meu pincel.

Meu espírito parece dormir;  
será que ele não mais acordará?

Saio para o campo quente da luz do sol,  
e minhas mãos tocam a grama alta.

De um lado vejo a mata aveludada,  
do outro as montanhas graciosas,  
polvilhadas pela neve  
a que o sol dá tons de vermelho.

Vejo também  
o deslocar lento das nuvens,  
e volto, perseguido  
pelo estridente crocitar dos corvos,

A sentar-me diante da folha de papel  
que continua branca sob o meu pincel.

**Le poëte monte la montagne**

Enveloppée de brouillard

*Selon Sou-Tong-Po*

Je monte sur cette haute montagne; le  
poil noir de mon cheval est jauni par la  
maladie.

Le chagrin a aussi couvert mes joues  
maigres d'une teinte jaune, et je monte  
tristement la montagne.

Je veux emplir ma gourde d'un vin de  
riz de bonne qualité, et voiler mes  
chagrins dans l'étourdissement que  
donne le vin.

**O poeta sobe a montanha**

Envolta em neblina

*Sou-Tong-Po*

Subo a montanha alta;  
o pelo preto de meu cavalo  
está amarelado pela doença.

O pesar me deixou com as faces  
magras e amarelas,  
e subo com tristeza a montanha.

Quero encher minha cabaça  
de um bom vinho de arroz,  
e esconder meus pesares  
na tontura que o vinho dá.

**Le poète se promène sur la montagne**

Enveloppée de brouillard

*Selon Sou-Tong-Po*

Le poète se promène lentement sur la montagne; au loin les pierres couvertes de brouillard lui semblent des moutons endormis.

Il est arrivé en haut très-fatigué, car il a bu beaucoup de vin; et il se couche sur une pierre.

Les nuages se balancent au-dessus de sa tête; il les regarde se rejoindre et voiler le ciel.

Alors il chante tristement que l'automne approche, que le vent devient frais, que le printemps prochain est éloigné encore.

Et les promeneurs qui viennent admirer la beauté de la nature l'entourent en battant des mains, et ils s'écrient: "Voici assurément un homme qui est fou!"

**O poeta passeia na montanha**

Envolta em neblina

*Sou-Tong-Po*

O poeta passeia devagar  
no alto da montanha;  
ao longe, as pedras encobertas pela  
[neblina  
lhe parecem carneiros adormecidos.

Ele chegou ao cimo bem cansado,  
tinha bebido muito vinho;  
então se deita sobre uma pedra.

As nuvens oscilam acima de sua cabeça;  
ele as vê se juntarem e encobrir o céu.

Enquanto isso ele canta tristemente  
que o outono se aproxima,  
que o vento esfria,  
que a primavera ainda está longe.

E os andarilhos  
que vêm admirar a beleza da natureza  
o rodeiam, batendo as mãos,  
e eles gritam:  
"Eis aí, com certeza, um homem  
[louco!"

## **Le Bateau des Fleurs**

Du faubourg de l'Ouest

*Selon Thou-Fou*

Sur ce bateau est la plus belle des femmes; ses sourcils ressemblent aux cornes des papillons.

Elle improvise des vers en s'accompagnant tristement de sa flûte; et les Sages s'émeuvent dans les hautes nuées.

“Comme une fleur tombée dans la boue, les passants cruels m'abandonnent.

“Les blés de riz que le vent balance sont plus heureux que moi; lorsqu'ils entr'ouvrent leurs épis, on croirait voir mon sourire;

“Mais moi, depuis longtemps, je ne souris jamais plus.

“Et bientôt un homme, tirant par-dessus son épaule le cordon de soie qui attache le Bateau des Fleurs à la rive, conduira ma douleur vers un autre pays!”

## **O Barco das Flores**

Do subúrbio do Oeste

*Thou-Fou*

Neste barco está a mais bela das mulheres; suas sobrancelhas parecem antenas de borboletas.

Ela improvisa versos acompanhando-se triste com a flauta; e os Sábios se comovem nas altas nuvens.

“Como flor caída na lama, os passantes cruéis me abandonam.

Os cachos de arroz que o vento balança são mais felizes que eu; quando entreabrirem suas espigas, vão achar que é meu sorriso;

Mas eu, há muito tempo, não sorrio mais.

Em breve um homem, puxando sobre o ombro o cabo de seda que prende o Barco das Flores à [margem, levará minha dor para um outro país!”

**Louange à Li-Taï-Pé**

*Selon Thou-Fou*

La poésie est ton langage, comme le chant est celui des oiseaux.

Que ce soit à la clarté du soleil ou à l'ombre du soir, tu vois la poésie de toutes choses.

Lorsque tu bois le vin doré, sur le nuage de l'ivresse te viennent des idées de vers.

Tu es le premier des hommes, et, comme le soleil, tu répands sur eux les rayonnements de ton esprit.

De celui que t'admire dans l'ombre, reçois cette adoration inconnue.

**Em louvor de Li-Taï-Pé**

*Thou-Fou*

A poesia é tua linguagem, como o canto é a dos passarinhos.

À luz do sol ou no escuro da noite, tu vês a poesia de todas as coisas.

Quando bebes o vinho dourado, a nuvem da embriaguez te traz ideias para versos.

És o primeiro dos homens, e, como o sol, tu lanças sobre eles os raios luminosos de teu espírito.

Daquele que da sombra te admira, receba esta adoração secreta.

### **Envoi à Li-Tai-Pé**

Le vingtième jour du douzième mois

*Selon Thou-Fou*

Ton nom est Ti-Sié-Jen, la goutte d'eau intarissable, et tu es au rang des Sages immortels.

Le sceptre du Fils du Ciel est moins puissant que ton pinceau; moins fort est le sabre du guerrier.

Dans le ciel pur de l'été rien ne fait présager l'orage; mais tout à coup le vent amasse des nuages, et la pluie se précipite;

De même sur le papier sans tache le souffle de ton génie fait pleuvoir de noirs caractères; ce sont les larmes de ton esprit qui coulent silencieusement de ton pinceau.

Et, lorsque la pièce de vers est finie, on entend autour de toi les murmures d'admiration des Génies invisibles.

### **Enviado a Li-Tai-Pé**

No vigésimo dia do décimo segundo mês

*Thou-Fou*

Teu nome é Ti-Sié-Jen,  
a gota d'água perene,  
e estás entre os Sábios imortais.

O cetro do Filho do Céu  
é menos poderoso do que teu pincel;  
menos forte é o sabre do guerreiro.

No céu claro de verão  
nada faz pressentir a tempestade;  
mas de repente o vento acumula nuvens,  
e a chuva cai.

Assim sobre o papel sem marcas  
o sopro de teu gênio  
faz chover caracteres negros;  
são as lágrimas de teu espírito  
que brotam em silêncio de teu pincel.

E, quando os versos estão prontos,  
ouvem-se ao teu redor  
os murmúrios de admiração  
dos Gênios invisíveis.

## Les caractères éternels

*Selon Li-Tai-Pé*

Tout en faisant des vers je regarde de ma fenêtre les balancements des bambous; on dirait de l'eau qui s'agite; et les feuilles en frôlant leur épines imitent le bruit des cascades.

Je laisse tomber des caractères sur le papier; de loin on pourrait croire que des fleurs de prunier tombent à l'envers dans de la neige.

La charmante fraîcheur des oranges mandarines se fane lorsqu'une femme les porte trop longtemps dans la gaze de sa manche, de même que la gelée blanche s'évanouit au soleil;

Mais les caractères que je laisse tomber sur le papier ne s'effaceront jamais.

## Os caracteres eternos

*Li-Tai-Pé*

Fazendo versos,  
olho de minha janela  
a oscilação dos bambus;  
parece água revolta;  
as folhas se roçando  
imitam o som de cascatas.

Escrevo caracteres no papel;  
ao contrário –  
de longe parecem  
flores de ameixeira que caem,  
sobre a neve.

O frescor agradável das tangerinas  
desaparece, como geada branca  
que se esvai ao sol,  
quando uma mulher  
as traz consigo por muito tempo  
na gaze de sua manga;

Mas os caracteres que traço no papel  
não desaparecerão nunca mais.

# ARTIGOS

## A “LIRA CHINESA”, DE MACHADO DE ASSIS

José Américo Miranda  
Universidade Federal de Minas Gerais

**Resumo:** Este artigo analisa o conjunto dos oito poemas chineses traduzidos por Machado de Assis a partir da tradução em prosa francesa de Judith Walter, publicados em *Le livre de jade* (1867). A ordem dos poemas em *Falenas* (1870) é comparada com a harmoniosa disposição deles na segunda edição (*Poesias completas*, 1901). A partir desse rearranjo, tenta-se apreender a estrutura do conjunto.

**Palavras-chave:** Poesia brasileira, Machado de Assis, Lira chinesa.

Os títulos dos dois primeiros livros de poesias de Machado de Assis, *Crisálidas* (1864) e *Falenas* (1870), sugerem muito fortemente a existência de uma continuidade entre as duas obras. Entretanto, conforme tentei demonstrar em outro artigo, se no primeiro livro a matéria dos versos tinha origem nas experiências íntimas do poeta, no segundo tal traço distintivo não explica todo o volume – só se aplica à sua primeira parte (MIRANDA, 2017, p. 87-107); apenas ela tem continuidade direta com o primeiro livro: só seus versos poderiam ser entendidos como a “borboleta” daquela “ninfa” – pela forma com que foram elaborados, pela escolha de seus temas e pela origem deles na experiência pessoal do poeta. Sendo assim, o título *Falenas* só cabe aos versos dessa parte; mas o livro tem outras três, que escapam à designação atribuída ao conjunto.

Reconhecida a projeção de *Crisálidas* sobre a primeira parte de *Falenas*, com a observação de que o grau de realização estética dos poemas é maior no segundo livro, restam, ainda, neste, três partes, que se não vinculam ao primeiro. Na edição das *Poesias completas*, a primeira parte perdeu o título – “Vária” – que trazia na primeira edição; dos frontispícios divisórios, que delimitavam as partes da obra na primeira edição, apenas o que marca o início de “Uma ode de Anacreonte”, provavelmente

devido à forma dramática do poema, que a distingue bastante das outras peças, permaneceu no lugar em que estava.

A distribuição, tal como foi feita na primeira edição, distingue claramente uma parte da outra; até mesmo na página de rosto há a discriminação de cada parte; abaixo do título geral *Phalenas / por / Machado de Assis*, vinham as partes assim discriminadas: VARIA. – LYRA CHINESA. // UMA ODE DE ANACREONTE. // PALLIDA ELVIRA. Esse mesmo espaço, na página de rosto das *Poesias completas*, é ocupado pelos títulos dos quatro livros reunidos, que vêm no interior de um retângulo – *Chrysalidas, Phalenas // Americanas, Occidentales*. A página de rosto de *Falenas*, na edição de 1870, era confirmada pelo “índice” do volume; nele, do mesmo modo, vinham os títulos das partes nitidamente discriminados.

Esse conjunto de traços nos dá a entender que *Falenas* contém quatro obras: talvez a poesia de Machado de Assis fosse mais lida, se a “Lira chinesa” – a segunda das quatro partes do livro –, por exemplo, fosse posta à disposição dos leitores numa edição atraente. O mesmo poderia ser dito de “Uma ode de Anacreonte” e de “Pálida Elvira” (terceira e quarta partes, respectivamente).

Se se aceitam essas considerações, fica o livro livre de julgamentos como este, de Jean-Michel Massa:

Sob um determinado ponto, *Crisálidas* e *Falenas* são gêmeas: a ordem dos textos não parece ligada a uma intenção particular. Pelo menos, as quatro partes que dividem a coletânea, *Vária, Lira Chinesa, Uma Ode de Anacreonte, Pálida Elvira* não parecem corresponder a um plano definido. (MASSA, 1971, p. 599)

Embora Jean-Michel Massa se refira às quatro partes da obra, sua observação continua válida se transferida aos poemas da primeira parte. A possível “gемelidade” entre *Crisálidas* e *Falenas* ficaria, assim, restrita à primeira parte da segunda obra. Quanto às outras três, cada uma é uma peça autônoma.

\* \* \*

A “Lira chinesa” é um conjunto de recriações, em verso português, de poesias chinesas traduzidas em prosa para o francês por Judith Walter.<sup>1</sup> O resultado, na tradução

---

<sup>1</sup> Judith Walter era o pseudônimo de Judith Gautier, filha do poeta Théophile Gautier.

para o português, – tanto no caso de cada poema, considerado individualmente, como no do conjunto, tomado como um todo –, é primoroso: a fina sensibilidade do poeta soube encontrar a medida necessária à expressão das chinesices; os poemas parecem milagrosamente vindos diretamente do Oriente.

O efeito, nesse caso, assemelha-se ao da lira de Gonzaga traduzida para o russo por Púchkin. As liras do nosso poeta haviam sido traduzidas em prosa, um parágrafo para cada estrofe, por E. de Monglave e P. Chalas, e Púchkin, sem conhecer o português, traduziu para o russo a lira 71 (numeração de Lapa). Ao fazê-lo, criou “um dos poemas curtos mais belos de toda a literatura russa”, segundo avaliação de Boris Schnaiderman, conhecedor profundo de ambas as línguas e suas literaturas.

No caso de Machado de Assis, não há, em nossas condições, meios de avaliar a correspondência dos poemas que deram origem às traduções francesas com os poemas em português. Para Jean-Michel Massa a “Lira chinesa” é “uma tradução refinada, de vanguarda”. (MASSA, 1971, p. 599) Mas ela é mais que isso; é também um misterioso caso de intuição poética: os motivos são chineses, mas os poemas têm ares de poesia brasileira do final do século XIX, são “parnasianos” *avant la lettre*, e o poeta impôs-lhes sua personalidade, o seu modo de ver e de se expressar.

O “golpe oriental” do poeta, primeiro em toda a sua obra poética, criou o distanciamento necessário à contemplação pura da forma – à experiência estética.

Nenhum dos oito poemas da “Lira chinesa” foi excluído na edição de 1901; apenas a ordem em que aparecem foi alterada. Examinando bem os textos, é possível levantar hipóteses acerca do modo pelo qual ficou organizada definitivamente a nova construção. Na primeira edição, a ordem dos poemas era esta: 1. “Coração triste falando ao sol”, 2. “A folha do salgueiro”, 3. “O poeta a rir”, 4. “A uma mulher”, 5. “O imperador”, 6. “O leque”, 7. “As flores e os pinheiros”, 8. “Reflexos”. Essa sequência não guarda relação com a ordem dos poemas no livro de Judith Walter, em que eles estão, respectivamente, às páginas 73-74, 5-6, 147-148, 33-34, 15, 31-32, 81-82 e 25-26. (WALTER, 1867)

Na reordenação, a sequência passou a ser esta: 1. “O poeta a rir”, 2. “A uma mulher”, 3. “O imperador”, 4. “O leque”, 5. “A folha do salgueiro”, 6. “As flores e os pinheiros”, 7. “Reflexos”, 8. “Coração triste falando ao sol”. O que mais chama a atenção, nessa mudança de ordem, é que o primeiro poema da primeira composição passou a ser o último da segunda. O segundo passou a quinto, cedendo ao terceiro, ao

quarto e ao quinto as posições primeira, segunda e terceira, respectivamente. Os dois últimos poemas da primeira composição, sétimo e oitavo, pelo deslocamento do primeiro para o oitavo lugar, passaram a sexto e sétimo, respectivamente. Qual a razão desse rearranjo? É a pergunta que se impõe.

A simples leitura dos títulos não ajuda, embora o último colocado na sequência definitiva dê ao conjunto deles, quando dispostos em forma poemática, o aspecto de um *ready-made* oswaldiano:

LIRA CHINESA

O poeta a rir  
A uma mulher  
O imperador  
O leque  
A folha do salgueiro  
As flores e os pinheiros  
Reflexos  
Coração triste falando ao sol

A nova ordem dos poemas, na segunda edição de *Falenas*, não busca a cronologia dos poetas. O autor acreditava (equivocadamente) serem eles todos contemporâneos, segundo nota ao final do volume. (ASSIS, 1864, p. 215) Tampouco se justificaria um arranjo mecânico, subserviente à ordem em que eles aparecem em *Le livre de jade*, onde Machado os conheceu.

Apesar de avanços na identificação dos poetas, ainda persiste alguma confusão. Marta Pacheco Pinto (2013, p. 97) afirma:

À exceção de Tin-Tun-Ling (1830-1886), o tutor chinês com quem Judith aprenderia, durante quatro anos, a língua de Confúcio e a quem ela dedica a primeira edição de *Le Livre de jade*, todos os outros poetas que Machado de Assis imita são clássicos, pertencendo ao período áureo da dinastia Tang [...].

A dinastia Tang corresponde aos anos 618-906 de nosso calendário. Examinaremos os sete nomes dos poetas traduzidos, e os confrontaremos com o que sobre eles afirmam Marta Pacheco Pinto e Edgar Colby Knowlton Jr., professor jubilado de Línguas Europeias na Universidade do Havaí, diretor executivo do Conselho Havaiano da Herança Portuguesa, de Honolulu. (KNOWLTON, 1995, p. 81, nota de rodapé)

O primeiro dos poetas, Han-Tiê – que Judith Walter grafou Ouan-Tié, e Antônio Feijó, Uan-Tié –, autor de “O poeta a rir”, é, segundo confirmação da sugestão (ele ainda tinha dúvida sobre isso) de Knowlton Jr. (1995, p. 85) por Marta Pacheco Pinto (2018, p. 17), Wang-Ji ou Wang Chi (c.590-644).

O segundo, Tchê-Tsi – grafado Tchê-Tsi por Judith Walter e Antônio Feijó –, autor de “A uma mulher”, foi identificado por Marta Pacheco Pinto como Qian-Qi ou Ch’ien-Ch’i (c.722-c780). Knowlton Jr. (1995, p. 88) dá esse poema como equivalente a outro (publicado em versões inglesas conhecidas por ele) de Wang Chi. A única semelhança que ele vê entre esse nome e os nomes usados por Machado, Judith Walter e Antônio Feijó está na última sílaba. Quanto a nós, em nossa ignorância do idioma chinês, podemos observar semelhança também entre as vogais (e alguma coisa mais) de Wang Chi (Knowlton Jr.) e Ch’ien Ch’i (Marta Pacheco Pinto)...

Thu-Fu – grafado Thou-Fou por Judith Walter e Thu-Fu por Antônio Feijó – é o único poeta a que são atribuídos dois poemas na “Lira chinesa” de Machado de Assis. O primeiro deles (terceiro na sequência da “Lira”) é “O imperador”. Tendo-o identificado entre os poetas da “Lira” machadiana, Péricles Eugênio da Silva Ramos (1979, p. 202) escreveu: “Tu Fu, por exemplo, um dos maiores poetas da China, coetâneo de Li Po e de Wang Wei, viveu de 712 a 770.” O poeta, entretanto, não é autor de “O imperador” – este é um poema espúrio, conforme informação de Knowlton Jr. (1995, p. 86). O outro poema seu é “Reflexos”, sétimo da série traduzida para o português. Cecília Meireles (1996, p. 106) também o traduziu (sem título).

“O leque”, de Tan-Jo-Lu (grafado Tan-Jo-Su por Judith Walter e Antônio Feijó), é o quarto poema da sequência. Edgar Colby Knowlton Jr. (1995, p. 81) informa que “Tan-Jo-Lu ou Senhora Pan, viveu antes do começo da era de Cristo.” A ser verdadeira essa informação, nem todos os poetas seriam do período Tang... como afirma Marta Pacheco Pinto. Ela, porém, Marta Pacheco Pinto (2018, p. 17), dá esse nome como equivalente a Zhang Ruouxu ou Chang Jo-Hsü (c.660-c.720). Novamente nos encontramos diante da coincidência de sons vocálicos e de alguns consonantais.

O quinto poeta, Tchan-Tiú-Lin – grafado Tchan-Tiou-Lin por Judith Walter Tchan-Tiu-Lin por Antônio Feijó –, autor de “A folha do salgueiro”, é reconhecido como Chang Chiu Ling (673-740) por Knowlton Jr. (1995, p. 89) e como Zhang Jiuling ou Chang Chiu-Ling por Marta Pacheco Pinto (2018, p. 17). As cadeias sonoras...

Tin-Tun-Sing – grafado Tin-Tun-Ling por Judith Walter e por Antônio Feijó – é o único poeta contemporâneo de Machado de Assis. Ele vivia na França na época em que conviveu com a tradutora francesa dos poemas chineses, segundo Knowlton Jr. (1995, p.82). Foi ele o tutor chinês com quem Judith Walter aprendeu a língua oriental, informa Marta Pacheco Pinto (2013, p. 97). Ele nasceu em 1830 e morreu em 1886, datas que colhemos também em Marta Pacheco Pinto (2018, p. 17).

Por fim, temos o autor de “Coração triste falando ao sol”, Su-Tchon – que Judith Walter grafa dessa mesma maneira. Antônio Feijó, por equívoco, atribui o poema a Thu-Fu. Marta Pacheco Pinto (2018, p. 17), grafando Li-Su-Tchon, não conseguiu apurar a existência desse poeta; tampouco Knowlton Jr. (1995, p. 91) o pôde identificar com segurança.

\* \* \*

No conjunto das traduções machadianas dos poemas chineses, o verso que predomina é o decassílabo, em todos os casos combinado com o quebrado de seis sílabas. Apenas dois poemas não se enquadram nessa regra: os dois que o poeta pôs no fim da sequência – “Reflexos”, sétima peça do conjunto, composto em heptassílabos combinados com versos de quatro sílabas, e “Coração triste falando ao sol”, no verso mais difícil, o alexandrino, que fecha, como chave de ouro, a “Lira chinesa”. Parece haver alguma lógica na organização, a julgar por esses dados. Quanto aos seis poemas em versos decassílabos e seu quebrado, em quatro os versos são brancos, um deles ostentando um “efeito especial”; em dois há rimas, mas eles são incomparáveis entre si no tocante aos esquemas, pela diversidade da estrutura estrófica que apresentam.

Dos poemas da “Lira”, apenas dois não apresentam temática amorosa: o primeiro, em versos brancos, e o sexto, com rimas – são os dois extremos das composições em decassílabos. Em ambos, é a natureza o tema da reflexão.

“O poeta a rir” inicia a série com o austero decassílabo branco. O poema, sendo breve, não apresenta grandes oportunidades para que se marquem na mente do leitor ou ouvinte a recorrência dos pontos rítmicos fortes, que determinam o andamento e facilitam a percepção do verso em formas poemáticas mais extensas – a menos que o leitor esteja preparadíssimo para altas e refinadas experiências estéticas, o que era (e, parece, continua sendo) raro no público brasileiro. Não fosse isso, esses poemas teriam

mais fama e o reconhecimento que merecem. O fato de serem tradução não os diminui em nada; provam, isto sim, que o poeta, como diria Fernando Pessoa, tinha a capacidade – necessária a todo poeta verdadeiro – de “outrar-se”: “O artista não exprime as suas emoções. O seu mister não é esse. Exprime, das suas emoções, aquelas que são comuns aos outros homens. Falando paradoxalmente, exprime apenas aquelas suas emoções que são dos outros.” (PESSOA, 1982, p. 225) Essa mesma aptidão seria necessária ao ato criador implícito na recepção ativa – como é o caso das traduções.

Antônio Feliciano de Castilho, cujos princípios sobre a técnica da versificação eram seguidos por Machado de Assis, pondera que, para a maior perfeição dos versos brancos, “convém dar aos seus períodos a maior variedade de cortes: ora o sentido apareça redondo e absoluto num só verso; ora se atire ao princípio, ao meio, ou ao fim do segundo; ora do terceiro”. (CASTILHO, 1851, p. 110-111) Evidentemente, em forma tão breve como a de “O poeta a rir”, constituída por duas quadras apenas, não pode haver grande variedade. Machado de Assis a experimentou, sim, mas em poemas mais extensos, sempre com muita propriedade.

Vejamos o poema:

I  
O POETA A RIR  
(Han-Tiê)

Taça d’água parece o lago ameno;  
Têm os bambus a forma de cabanas,  
Que as árvores em flor, mais altas, cobrem  
Com verdejantes tetos.

As pontiagudas rochas entre flores,  
Dos pagodes o grave aspecto ostentam...  
Faz-me rir ver-te assim, ó natureza,  
Cópia servil dos homens. (p. 21 e p. 43)<sup>2</sup>

Os dois versos iniciais desse primeiro poema da “Lira chinesa” têm sentido completo e estrutura magistralmente organizada: a apresentação das imagens em disposição quiasmática opõe o humano ao natural, segundo o esquema

---

<sup>2</sup> Utilizamos os textos, de que indicamos apenas as páginas, conforme vêm na edição que preparamos, neste número da *Machadiana Eletrônica*.

elemento humano	x	elemento natural
taça d’água	x	lago ameno
	X	
elemento natural	x	elemento humano
bambus	x	cabanas.

Cultura e natureza ficam de tal modo entrelaçadas, que o riso do poeta assume ares de discreta e fina ironia, na conclusão de que esta imita aquela. Nos dois versos seguintes, em disposição paralela ao que ocorre na segunda estrofe (como veremos), a natureza (“árvores em flor”) se antepõe à cultura (“verdejantes tetos”). Esse o lado, digamos, intelectual, conceitual, do poema; no mais, as imagens são precisas, cristalinas, tal uma “taça d’água”; o ritmo é preciso, delimita as ideias também com exatidão.

Na segunda estrofe, a oposição entre natureza e cultura como que se amplifica, os dois primeiros versos é que se opõem: no primeiro, o elemento da natureza – “rochas entre flores” –, no segundo, a realização arquitetônica do homem – “o pagode” –, com seu aspecto grave, solene, austero. Nos dois versos finais, a ordem das referências (ao elemento natural e ao humano) se mantém – em paralelismo, também, com os dois versos finais da primeira estrofe. Nos versos finais, já não temos imagens – temos conceitos: “natureza” e “homens”.

Por fim, em ambas as estrofes, o hexassílabo final completa o sentido do decassílabo que o antecede, esclarecendo-o e completando-lhe o sentido; desempenha o papel de acabamento rítmico e imagético na primeira estrofe, e de acabamento rítmico e lógico na segunda. Organização formal impecável, estrutura perfeita.

\* \* \*

O sexto poema da “Lira”, em que a natureza se apresenta ainda mais claramente viva, com a participação do poeta – que o distanciamento, a reflexão e a mofa impediam no primeiro poema –, alterna versos decassílabos com hexassílabos em todas as suas quatro quadras:

VI  
AS FLORES E OS PINHEIROS  
(Tin-Tun-Sing)

Vi os pinheiros no alto da montanha  
Ouriçados e velhos;  
E ao sopé da montanha, abrindo as flores  
Os cálices vermelhos.

Contemplando os pinheiros da montanha,  
As flores tresloucadas  
Zombam deles enchendo o espaço em torno  
De alegres gargalhadas.

Quando o outono voltou, vi na montanha  
Os meus pinheiros vivos,  
Branco de neve, e meneando ao vento  
Os galhos pensativos.

Volvi o olhar ao sítio onde escutara  
Os risos mofadores;  
Procurei-as em vão; tinham morrido  
As zombeteiras flores. (p. 31 e p. 63)

Os versos de dez sílabas precedem os de seis, e estes rimam entre si. Serve isso como uma espécie de exemplo do princípio que diz que o verso decassílabo não precisa dos consoantes para se ostentar como verso, ao passo que outros metros geralmente precisam se atar uns aos outros pela rima.

Também esse poema se organiza segundo uma espécie de geometria: desde o título, com sua estrutura bipartida, está anunciado seu princípio composicional básico; todo ele é bipartido – desde os dísticos compostos por um verso decassílabo sempre seguido de um hexassílabo até as antíteses que apresenta. As estrofes são compostas por dísticos atados entre si pela rima; as quadras são quatro: duas para a primavera, duas para o outono.

Como as estações, opõem-se as flores tenras e as árvores sólidas. O poeta, na primeira estrofe, sabiamente as opõe na estrutura:

Vi os pinheiros no alto da montanha  
Ouriçados e velhos;  
E ao sopé da montanha, abrindo as flores,  
Os cálices vermelhos.

Os dois primeiros versos, referindo-se aos pinheiros, situa-os no alto da montanha; os dois últimos, reportando-se às flores, as põe no sopé da montanha. Uns no alto, outras embaixo. Eles velhos, elas – exuberantes de vida – abrindo “os cálices vermelhos”.

A estrofe seguinte focaliza a atitude alegre e ruidosa das flores; elas zombam dos pinheiros velhos. Os versos que rimam casam o qualificativo “tresloucadas” – caracterização das flores – com o substantivo “gargalhadas” – a ocupação trocista delas.

O jogo semântico, a progressão do sentido, nos encaminha à estrofe seguinte: volta o outono, os pinheiros estão lá, “vivos, / Brancos de neve, e meneando ao vento / Os galhos pensativos.” O poeta, que testemunhara, na estação passada, a ruidosa zombaria das flores, conclui, ao modo das fábulas, insinuando um preceito moral:

Volvi o olhar ao sítio onde escutara  
Os risos mofadores;  
Procurei-as em vão; tinham morrido  
As zombeteiras flores.

\* \* \*

Os restantes quatro poemas em versos decassílabos, distribuídos entre o primeiro e o sexto, têm todos temática amorosa. Apenas o quarto poema da série, “O leque”, apresenta versos rimados, embora o segundo apresente o mencionado “efeito especial”, no lugar da rima. Neste, o poeta ama uma mulher a quem oferece versos e joias; no terceiro, o imperador abandona o seu “conselho de ministros”, os mandarins, para ir ao encontro da imperatriz amada; no quarto, a esposa recém-casada faz tristes reflexões sobre o futuro de seu amor, a partir do conceito inscrito no leque que usa; e, no quinto, o poeta ama a moça rica que lhe escreve o nome numa folha de salgueiro. Como veremos, há uma diferença clara entre a situação amorosa, tal como tratada nos poemas em versos decassílabos – números II, III, IV e V na série –, e a mesma temática, tal como se apresenta nos dois últimos poemas, números VII e VIII.

A organização desses quatro poemas amorosos também nos diz alguma coisa: no primeiro e no último dos quatro, é o poeta o amante; no segundo, o imperador; no terceiro, é a jovem recém-casada.

O primeiro poema amoroso, o de número II da “Lira”, “A uma mulher”, compõe-se de quatro quadras em que versos decassílabos se alternam com hexassílabos:

II  
A UMA MULHER  
(Tchê-Tsi)

Cantigas modulei ao som da flauta,  
Da minha flauta d’ébano;  
Nelas minh’alma segredava à tua  
Fundas, sentidas mágoas.

Cerraste-me os ouvidos. Namorados  
Versos compus de júbilo,  
Por celebrar teu nome, as graças tuas,  
Levar teu nome aos séculos.

Olhaste, e, meneando a airosa frente,  
Com tuas mãos puríssimas,  
Folhas em que escrevi meus pobres versos  
Lançaste às ondas trêmulas.

Busquei por encantar tu’alma  
Uma safira esplêndida,  
Fui depô-la a teus pés... tu descerraste  
Da tua boca as pérolas. (p. 23 e p. 47)

Não há propriamente rimas no poema; porém, os versos hexassílabos, segundo e quarto em cada quadra, terminam por vocábulos esdrúxulos – o que, de algum modo, substitui o efeito musical da rima, que consiste no retorno, a intervalos regulares, de determinadas características da sequência sonora. O procedimento de combinar versos esdrúxulos com versos graves foi utilizado por Machado de Assis em outros poemas – porém, em poemas em que os versos esdrúxulos figuram como soltos em meio a outros rimados.<sup>3</sup>

Esse detalhe técnico, bastante sutil, aproxima esse poema de outra peça de *Falenas*, o poema dramático “Uma ode de Anacreonte”. O texto dramático composto por Machado de Assis tem por núcleo uma tradução de Anacreonte feita por Antônio Feliciano de Castilho.<sup>4</sup> E a ode castilhiana é composta em versos alexandrinos alternados com dissílabos, sendo todos os alexandrinos esdrúxulos, ao passo que os dissílabos rimam dois a dois – e, num contraste inusitado com relação aos esdrúxulos, as rimas são agudas! (ASSIS, 1976, p. 275-276) Em ambos os poetas há um requinte de joalheiro que se esmera no detalhe para dar mais brilho à joia – no caso da tradução de Castilho, as rimas graves, as mais frequentes em língua portuguesa, foram banidas do poema.

Entre “A uma mulher” e “Uma ode de Anacreonte” há ainda outra afinidade. No poema da “Lira chinesa”, o poeta modula cantigas ao som da flauta, tentando

---

<sup>3</sup> Ver, por exemplo, “Epitáfio do México”, em *Crisálidas* – ASSIS, 1976, p. 140-141.

<sup>4</sup> A ode traduzida pertence à tradição anacreônica; porém, hoje não é mais atribuída ao poeta de Teos. (Cf. GLEDSON, 2008, p. 217, nota 41)

comunicar-se com ela pela substância imaterial da música, mas a mulher cerra-lhe os ouvidos. Ele escreve-lhe versos, celebrando o nome dela, mas ela os desdenha, olha e os lança às ondas. Então, último recurso, diz ele:

Busquei então por encantar tu'alma  
Uma safira esplêndida,  
Fui depô-la a teus pés... tu descerraste  
Da tua boca as pérolas.

Há um ponto na tradução de Machado de Assis, assinalado por Edgar Colby Knowlton Jr., que é importante para a compreensão de alguns detalhes: o tradutor simplificou o título do poema, “À la plus belle femme / Du Bateau des Fleurs”, para “A uma mulher” – “um título mais curto e menos específico”. (KNOWLTON Jr., 1995, p. 89) Qual a importância do detalhe? É que a mulher lançou às águas o papel em que poeta escrevera os seus “pobres versos”. E há mais: segundo o estudioso já citado, a “tradução literal é ‘barco de flores’, mas [...] significa de fato ‘bordel flutuante’.” (KNOWLTON Jr., 1995, p. 89) Portanto, a mulher pretendida pelo poeta é uma cortesã – o que se revela no comportamento dela.

Como o poema “A uma mulher”, a ode de Anacreonte, traduzida por Castilho, termina justamente pela imagem dos pés: “Até quisera ser teu calçado, e pisassem-me / Teus pés.” (ASSIS, 1976, p. 276) Mas ainda não é só a referência aos pés que aproxima os dois poemas: na ode castilhiana, Mirto, a jovem mulher que o poeta Cleon, um dos personagens do drama, pretende conquistar com as imagens poéticas em que manifesta seu desejo de tornar-se espelho, túnica, água do banho, perfume, listão, colar de pérolas, e, por fim, o calçado dela – a jovem Mirto prefere a ele o seu (dele) amigo, um rico homem que lhe oferece tudo isso (os bens materiais), não em versos, mas concretamente. E também ela é uma cortesã. O homem rico a convence com esta fala:

Eu caso o meu amor às regras da razão.  
Cleon quisera ser o espelho em que teu rosto  
Sorri; eu, bela Mirto, eu tenho melhor gosto.  
Ser espelho! ser banho! e túnica! tolice!  
Estéril ambição! loucura! criancice!  
Por Vênus! sei melhor o que a mim me convém.  
Homem sisudo e grave outros desejos tem.  
Fiz, a este respeito, aprofundado estudo;  
Eu não quero ser nada; eu quero dar-te tudo.  
Escolhe o mais perfeito espelho de aço fino,

A túnica melhor de pano tarentino,  
Vasos de óleo, um colar de pérolas, – enfim  
Quanto enfeita uma dama aceitá-lo-ás de mim.  
Brincos que vão ornar-te a orelha graciosa;  
Para os dedos o anel de pedra preciosa;  
A tua fronte pede áureo, rico anadema;  
Tê-lo-ás, divina Mirto. É este o meu poema. (ASSIS, 1976, p.282)

Como no caso da grega, a mulher chinesa (também cortesã) prefere pérolas de verdade a elogios, cantos e versos de poetas.

\* \* \*

O terceiro poema da “Lira”, “O Imperador”, de assunto nobre e também amoroso, compõe-se de cinco quadras, cada uma com os três primeiros versos decassílabos e o último de seis sílabas:

### III

#### O IMPERADOR (Thu-Fu)

Olha. O Filho do Céu, em trono de ouro,  
E adornado com ricas pedrarias,  
Os mandarins escuta: – um sol parece  
De estrelas rodeado.

Os mandarins discutem gravemente  
Cousas muito mais graves. E ele? Foge-lhe  
O pensamento inquieto e distraído  
Pela janela aberta.

Além, no pavilhão de porcelana,  
Entre donas gentis está sentada  
A imperatriz, qual flor radiante e pura  
Entre viçosas folhas.

Pensa no amado esposo, arde por vê-lo,  
Prolonga-se-lhe a ausência, agita o leque...  
Do imperador ao rosto um sopro chega  
De recendente brisa.

“Vem dela este perfume”, diz, e abrindo  
Caminho ao pavilhão da amada esposa,  
Deixa na sala olhando-se em silêncio  
Os mandarins pasmados. (p. 25 e p. 51)

Os versos são brancos. Em todas as quadras, o efeito do hexassílabo é o de pincelada final no quadro apresentado na estrofe. O período inicial, constituído pelo verbo apenas, em modo imperativo, institui a distância necessária e conveniente à situação representada e à experiência pela qual o leitor ainda há de passar, a experiência estética – já que a poesia é arte do tempo. O *enjambement* é usado com uma eficácia que certamente agradaria a Castilho, dando variedade e vivacidade ao período. O emprego do travessão, no terceiro verso, não tem a função de iniciar uma fala, como seria de se esperar num colóquio do Imperador com seus principais; ele reforça a distância instaurada pelo “olha” inicial. O segundo hemistíquio, que se segue ao travessão, descreve o imperador: “um sol parece”; e o verso final, o seu entorno, os mandarins: “De estrelas rodeado.”

Na segunda estrofe, fica clara a mudança de rumo: não haverá assembleia; não haverá deliberação pelo Imperador. O segundo verso – “Cousas muito graves. E ele? Foge-lhe” –, com uma pontuação que o divide internamente, representa bem a distância em que vagueia o Imperador em relação aos mandarins. “Pela janela aberta” – fecho eficaz da estrofe, foge-lhe o espírito. Ele está ausente. Onde andará?

Ora, as duas estrofes iniciais põem diante do leitor o salão da conferência entre Imperador e mandarins; as duas seguintes, como que encaminhando o pensamento de quem lê “pela janela aberta”, conduzem-no ao “pavilhão de porcelana”, onde “entre damas gentis está sentada / a imperatriz”. Não é preciso esforço algum para adivinhar que para esse pavilhão foi levado o pensamento do imperador. Amante e amada, em alas diferentes do grande palácio, fundem-se imediatamente no pensamento do leitor. A imperatriz, por sua vez, “pensa no amado esposo, arde por vê-lo”.

Ah! janela aberta que opera milagres! O imperador entende a mensagem da natureza. O poeta faz disso a alquimia poética, traz do leque, signo da impaciência amorosa da imperatriz, a brisa recendente que entra pela janela – a mesma janela por onde fugira o pensamento do imperador. Com isso assiste o leitor a um espetáculo: “combinações de palavras onde há carga de poesia”, como disse Manuel Bandeira (1984, p. 31) a propósito desse mistério.

Por fim, a última estrofe:

“Vem dela este perfume”, diz, e abrindo  
Caminho ao pavilhão da amada esposa,  
Deixa na sala, olhando-se em silêncio,  
Os mandarins pasmados.

E não só os mandarins ficam pasmados: o leitor também, que acompanha mentalmente a marcha apressada do imperador, enredando-se em suas próprias vestes, ao longo de corredores intermináveis, para embarafustar-se na câmara da imperatriz. Na sala da conferência, a constelação dos mandarins fica sem seu centro; o sol se foi – movido não pela constância e regularidade com que rege a natureza os astros, mas pelos impulsos inconstantes e imprevisíveis do humano coração.

A “brisa” que entra pela janela e transtorna o imperador, o “leque” que a imperatriz aciona – isso parece conduzir ao poema seguinte, que tem por título esse quase-símbolo daquela cultura – “O leque”. A própria palavra é de origem chinesa.

\* \* \*

“O leque”, de composição estrófica mais irregular, apresenta, em compensação, o controle adicional da rima:

IV  
O LEQUE  
(Tan-Jo-Lu)

Na perfumada alcova a esposa estava,  
Noiva ainda na véspera. Fazia  
Calor intenso; a pobre moça ardia,  
Com fino leque as faces refrescava.  
Ora, no leque em boa letra feito  
Havia este conceito:

“Quando, imóvel o vento e o ar pesado,  
Arder o intenso estio,  
Serei por mão amiga ambicionado;  
Mas, volte o tempo frio,  
Ver-me-eis a um canto logo abandonado.”

Lê a esposa este aviso, e o pensamento  
Volve ao jovem marido.  
“Arde-lhe o coração neste momento  
(Diz ela) e vem buscar enternecido  
Brandas auras de amor. Quando mais tarde  
Tornar-se em cinza fria  
O fogo que hoje lhe arde,  
Talvez me esqueça e me desdenhe um dia.” (p. 27 e p. 55)

É esse o primeiro (e único entre os compostos em versos decassílabos) poema inteiramente rimado da “Lira chinesa”. Seus versos são decassílabos e hexassílabos, em

combinação diferente a cada uma das estrofes, que são três. A descrição do poema na edição crítica das *Poesias completas* (1976) não ajuda muito: “Três estrofes assimétricas quanto à medida e à disposição das rimas. Ao todo, 19 versos.” Vejamos, então, cada estrofe, em seus aspectos formal e nocional.

A primeira tem seis versos, os cinco primeiros decassílabos, o último hexassílabo. Os primeiros quatro apresentam a situação da moça recém-casada, na alcova, sob calor intenso, refrescando-se com um leque. O esquema de rimas desses primeiros quatro versos é abba, e eles terminam por ponto-final (a quadra contém dois períodos sintáticos completos). Os dois versos seguintes, quinto e sexto, decassílabo e hexassílabo, respectivamente, rimam entre si (cc), anunciam e conduzem à estrofe seguinte.

A segunda estrofe tem cinco versos, três decassílabos, que rimam entre si, intercalados com dois hexassílabos, que também rimam entre si. Nela, fala o leque, através do conceito inscrito em suas lâminas. Já aí temos uma imagem do objeto, na alternância das rimas dos versos decassílabos com a rima nos versos hexassílabos. A fala do leque, que, nos hexassílabos, rima “estio” com “frio”, opõe as estações (verão/inverno). A vogal fechada “i” nos hexassílabos, opondo-se à vogal aberta “a” nos decassílabos, “pesado / ambicionado / abandonado”, sugere o abrir-fechar do objeto. As rimas do último par de decassílabos, “ambicionado / abandonado”, correspondem, adequadamente, às dos dois hexassílabos – “estio / frio”. Ou seja, no estio, ambicionado, ele se abre; no tempo frio, outono ou inverno, abandonado, ele se fecha.

A terceira estrofe, como a espelhar o abalo e a inquietação mental da moça recém-casada, que subitamente se dá conta de algo em que ainda não pensara, tem estrutura bastante irregular: tem oito versos, cinco decassílabos, três hexassílabos – com a seguinte disposição e esquema de rimas: AbABCdcD. Os dois primeiros versos introduzem o pensamento da jovem, que lhe ocorre após ler a inscrição no leque:

Lê a esposa este aviso, e o pensamento  
Volve ao jovem marido.

Nesses versos de transição do conceito inscrito no leque para o pensamento da esposa, há algo, no plano formal do poema, que chama a atenção: trata-se da assonância que associa a última palavra do primeiro hemistíquio (hexassílabo) do primeiro verso

(decassílabo) à palavra que termina o segundo verso (hexassílabo): “aviso/marido”. A sequência vocálica une a ideia do “aviso” à de “marido” – e a sequência das noções em jogo no poema passam daquele a este. A moça, subitamente, se dá conta de que um dia haverá um inverno para si – um dia o amor acabará e o marido a abandonará.

\* \* \*

“A folha do salgueiro” é o quinto poema da série, o quarto em versos decassílabos combinados com hexassílabos de temática amorosa:

V

A FOLHA DO SALGUEIRO  
(Tchan-Tiú-Lin)

Amo aquela formosa e terna moça  
Que, à janela encostada, arfa e suspira;  
Não porque tem do largo rio à margem  
Casa faustosa e bela.

Amo-a, porque deixou das mãos mimosas  
Verde folha cair nas mansas águas.

Amo a brisa de leste que sussurra,  
Não porque traz nas asas delicadas  
O perfume dos verdes pessegueiros  
Da oriental montanha.

Amo-a porque impeliu coas tênues asas  
Ao meu batel a abandonada folha.

Se amo a mimosa folha aqui trazida,  
Não é porque me lembre à alma e aos olhos  
A renascente, a amável primavera,  
Pompa e vigor dos vales.

Amo a folha por ver-lhe um nome escrito,  
Escrito, sim, por ela, e esse... é meu nome. (p. 29 e p. 59)

Compõe-se de três quadras em que apenas o último verso é hexassílabo, seguidas, cada uma, de um dístico em versos decassílabos. Os versos são brancos. As quadras têm estruturas sintáticas semelhantes entre si, os dísticos também: nas quadras ele diz que não ama a moça por ser rica, que não ama a brisa pelo perfume que traz, que não ama a folha trazida pela correnteza por ser sinal da primavera; nos dísticos, diz que ama a moça porque ela deixou cair n’água uma folha verde, diz que ama a brisa porque

ela lhe trouxe ao barco a folha jogada ao rio pela moça, e, por fim, diz que ama a folha porque nela a moça escrevera seu nome (dele). Estrutura harmoniosa e delicada, conveniente ao tema.

Com esse encerra-se o ciclo dos poemas de temática amorosa em versos decassílabos combinados com hexassílabos. Em todos eles o amor é atual – amante e amada encontram-se em relação no presente. O pequeno conjunto, quatro poemas, vem emoldurado pelos poemas I e VI, que, conforme foi visto, abordam temas da natureza: no primeiro, “O poeta a rir”, com ironia e humor; no segundo, “As flores e os pinheiros”, com certa amargura implícita na lição que se tira da situação. Quanto aos quatro poemas de amor, os dois centrais são cenas chinesas – a do imperador e a do leque – ao passo que os dois que os limitam falam de amores do poeta. Esse modo de dispor os quatro poemas, composição “interna” – porque emoldurada por outra –, como que espelha a composição maior, externa aos quatro poemas.

\* \* \*

Seguem-se os dois poemas finais, em que os versos não são decassílabos. Ambos falam de amor, mas o amante está só: no primeiro, o poeta está atualmente apaixonado; no último, há “sombra” e “tristeza amorosa”. Refletem-se neles, de algum modo, as atitudes dos dois poemas que abordam temas da natureza: um é alegre, bem humorado; o outro é triste, amargo.

VII  
REFLEXOS  
(Thu-Fu)

Vou rio abaixo vogando  
No meu batel e ao luar;  
Nas claras águas fitando,  
Fitando o olhar.

Das águas vejo no fundo,  
Como por um branco véu  
Intenso, calmo, profundo,  
O azul do céu.

Nuvem que no céu flutua,  
Flutua n’água também;  
Se a lua cobre, à outra lua  
Cobri-la vem.

Da amante que me extasia,  
Assim, na ardente paixão,  
As raras graças copia  
Meu coração. (p. 33 e p. 67)

O poema alegre, “Reflexos”, o poeta o compôs em quatro quadras, cada uma com os três primeiros versos de sete sílabas e o último de quatro. A escolha do verso é bem adequada ao tema amoroso, que é tratado com leveza. O esquema de rimas é constante: abab – esquema que também, dada a medida breve do verso, confere ao poema uma musicalidade ligeira. Tanto nesse poema como no seguinte, a natureza fornece os elementos da composição. Em “Reflexos”, vai o poeta no seu barco, em noite de lua, fitando a água – onde ele vê o céu. Se alguma nuvem no céu cobre a lua, fica oculto igualmente o reflexo dela na água. Dessa situação, tira o poeta, na última estrofe, o desenho de sua situação amorosa: como os reflexos na água, a lembrança de sua amada está em seu coração.

Sobre esse poema, um dos dois atribuídos a Thu-Fu no conjunto traduzido por Machado de Assis (o outro é “O Imperador”), afirma Knowlton Jr. (1995, p. 86):

O Professor [William] Hung [autor de um livro sobre Thu-Fu] dedicou muito do seu tempo e esforço a este problema [o problema da autoria] e confiamos nele totalmente de forma a estarmos certos quando afirmamos que o poema ‘Imperador’, atribuído a Tu Fu, é falso ou espúrio, enquanto o poema “Reflexões, no Rio Tchou”, é um poema chinês original daquele escritor.

Thu-Fu (como grafa Machado de Assis) “é o grande poeta chinês [...], que brilha ainda como estrela de 1ª grandeza [...]. [Ele] viveu no séc. VIII (712-770). Foi um dos maiores gênios da Poesia. De tal maneira chegou a dominar a arte, que esta se tornava natural na sua pena.” (GUERRA, 1995, p. 96)

Sendo o gênio que era, Thu-Fu, conforme já vimos, despertou interesse de outra grande voz da poesia brasileira – a de Cecília Meireles. Também ela (que grafa Tu Fu) traduziu este poema para o português, em prosa poética, como as versões de Judith Walter – sem atribuir-lhe qualquer título. (POEMAS chineses, 1996, p. 106) Não conhecemos a fonte utilizada por ela para traduzir esses versos. Cecília Meireles apenas diz, das fontes de suas traduções de poesia chinesa, que elas “nem sempre concordam nas diferentes versões ocidentais confrontadas.” (POEMAS chineses, 1996, p. 23)

\* \* \*

Por fim, o último poema do conjunto, em três quadras de versos alexandrinos rimados alternadamente, como que apresenta a consequência de todo amor grande: a frieza que vem depois dele.

VIII  
CORACÃO TRISTE FALANDO AO SOL  
(Su-Tchon)

No arvoredo sussurra o vendaval do outono,  
Deita as folhas à terra, onde não há florir  
E eu contemplo sem pena esse triste abandono;  
Só eu as vi nascer, vejo-as só eu cair.

Como a escura montanha, esguia e pavorosa  
Faz, quando o sol descamba, o vale enoitecer,  
Esta montanha da alma, a tristeza amorosa,  
Também de ignota sombra enche todo o meu ser.

Transforma o frio inverno a água em pedra dura,  
Mas torna a pedra em água um raio de verão;  
Vem, ó sol, vem, assume o trono teu na altura,  
Vê se podes fundir meu triste coração. (p. 35 e p. 69)

“Coração triste falando ao sol” traz, já no título, a antítese que o alimenta: a luz exterior, signo de vida e de alegria, oposta à tristeza, que vai por dentro na alma do poeta.

O verso alexandrino, lento e arrastado, com sons que só retornam – as rimas – depois de 23 sílabas interpostas (ou até 25 ou mais, se os versos forem graves ou esdrúxulos e optar-se pela inclusão das sílabas finais átonas na contagem), funciona muito bem no poema, em que tudo é desalento.

Na primeira estrofe o poeta contempla com indiferença o outono que chega, com o vento desfolhando as árvores; na intermediária, ponto culminante da composição, tudo é sombra: há sombra no vale ao anoitecer; há sombra na alma do poeta. E a estrofe final divide-se ao meio, e a primeira metade, por sua vez, numa antítese em que cada ideia se expõe num dos versos. O primeiro menciona o fato de a água congelar-se no inverno, transformar-se em pedra dura; o segundo, iniciado por “Mas”, lembra o efeito do verão, que “torna a pedra em água”. Esse é o símile que o poeta utiliza na invocação que faz ao sol nos últimos dois versos: “Vem, ó sol, vem, assume o trono teu na altura, / Vê se

podes fundir meu triste coração.” É de notar-se que “coração”, na estrofe final, rima com “verão” – o poeta deseja a renovação da experiência amorosa; está triste, mas não desesperado.

Edgar Colby Knowlton Jr. (1995, p. 91) faz, sobre esse poema, as seguintes considerações: “o título de Machado de Assis [‘Coração triste falando ao sol’] é maior e mais específico do que o de Mademoiselle Gautier [‘Le coeur triste au soleil’]”. Ele começa pelo título; porém, diz mais:

No poema português a personificação evidente no fim da última estância pode parecer mais característica da poesia do ocidente do que do oriente, e em comparação com Mademoiselle Gautier, esta mostra uma expressão mais caracteristicamente oriental. Fico com a impressão que o fato de se apostrofar o sol, aqui, trai o ponto de vista ocidental de Machado de Assis; ao mesmo tempo, transmite uma qualidade dramática e um poder indiscutíveis. (KNOWLTON Jr., 1995, p. 92)

Sem dúvida, o professor da Universidade do Havaí, estudioso da presença portuguesa no Oriente, tem razão, no tocante ao ímpeto e à dramaticidade que a versão machadiana introduziu no poema.

\* \* \*

Ao longo dos poemas que compõem a “Lira chinesa”, fica insinuado, na sucessão das evocações da natureza, dos fenômenos que caracterizam as estações do ano, que o destino humano é regido por leis semelhantes, que fazem nele alternar o amor, que deixa o espírito tresloucado, como o estio faz à natureza, e a falta dele, que enche de sombra a alma, como faz o anoitecer ao vale.

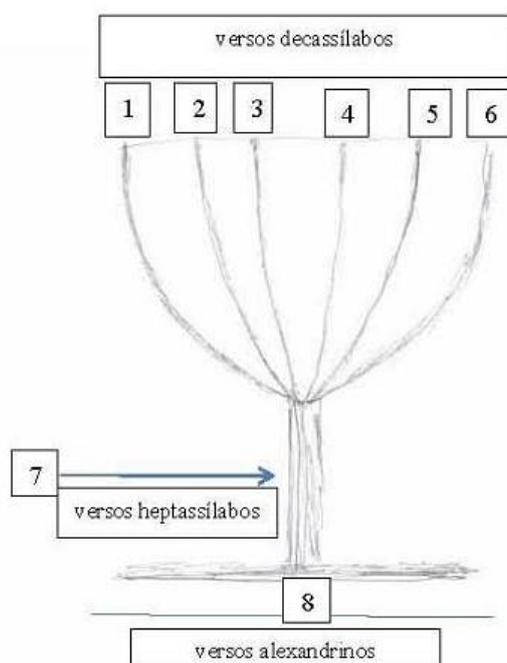
Musa consoladora: este o destino do mundo, este o destino de tudo o que há sob o sol.

#### THE “LIRA CHINESA” [CHINESE LYRE], BY MACHADO DE ASSIS

**Abstract:** This paper analyzes the Chinese poems translated by Machado de Assis from the French prose translation by Judith Walter (*Le livre de jade*, 1867). The order of the poems in the first edition (*Falenas*, 1870) is compared with their harmonious arrangement in the second edition (*Poesias completas*, 1901). From this rearrangement, an attempt is made to apprehend the structure of the whole.

**Keywords:** Brazilian Poetry, Machado de Assis, Chinese Lyre.

EQUIVALENTE VISUAL  
DA ANÁLISE REALIZADA



**Legenda:**

- 1 e 6 – versos decassílabos; tema: a natureza
- 2 e 5 – versos decassílabos; tema amoroso (em terceira pessoa)
- 3 e 4 – versos decassílabos; tema amoroso (em primeira pessoa)
- 7 – versos heptassílabos (os mais breves); tema amoroso (amada ausente)
- 8 – versos alexandrinos (os mais longos); tema amoroso (amada ausente)

## Referências

- ASSIS, Machado de. *Falenas*. Rio de Janeiro: B. L. Garnier, [1870].
- ASSIS, Machado de. *Poesias completas*. Ed. crítica pela Comissão Machado de Assis. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976.
- BANDEIRA, Manuel. *Itinerário de Pasárgada*. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.
- CASTILHO, Antônio Feliciano de. *Tratado de metrificacão portuguesa*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1851.
- GLEDSON, John. 1872: “A parasita azul” – Ficção, nacionalismo e paródia. *Cadernos de Literatura Brasileira*: Machado de Assis, Instituto Moreira Salles, São Paulo, n. 23 e 24, p. 163-218, jul. 2008.
- GUERRA, Joaquim A. de Jesus. A *Lira chinesa* de Machado de Assis. *Revista de Cultura*, n. 22 (II série), p. 95-100, jan.-mar. 1995.
- KNOWLTON JR., Edgar Colby. Machado de Assis e sua *Lira chinesa*. *Revista de Cultura*, n. 22 (II série), p. 81-93, jan.-mar. 1995.
- LEITE, José Roberto Teixeira. A lira chinesa de Machado de Assis. In: *A China e o Brasil: influências, marcas, ecos e sobrevivências na sociedade e na arte brasileiras*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1999. p. 257-258.
- MASSA, Jean-Michel. *A juventude de Machado de Assis – 1839-1870: ensaio de biografia intelectual*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1971.
- MIRANDA, José Américo. Os dois primeiros livros de poesias de Machado de Assis: seus títulos, suas semelhanças, suas diferenças – inter-relações. *Caligrama*, Belo Horizonte, v. 22, n. 1, p. 87-107, 2017.
- PESSOA, Fernando. *Obras em prosa*. Organização, introdução e notas de Cleonice Berardinelli. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1982.
- PINTO, Marta Pacheco. A lira chinesa em trânsito: de Machado de Assis a Antônio Feijó. *Scientia Traductionis*, n. 14, p. 93-106, 2013.
- PINTO, Marta Pacheco. *Cancioneiro chinês (1890): tradução e exotismo. Ponte de Lima: do passado ao presente, rumo ao futuro!*, n. 4, p. 7-29, jul. 2018. Disponível em: <<https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/34837/1/29-106-1-PB.pdf>>.
- POEMAS chineses. Li Po, Tu Fu; tradução Cecília Meireles; introdução Alexei Bueno. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1996.

MIRANDA, José Américo. A “Lira chinesa”, de Machado de Assis.

RAMOS, Péricles Eugênio da Silva. *Do barroco ao modernismo: estudos de poesia brasileira*. 2. ed. rev. e aum. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1979.

SCHNAIDERMAN, Boris. *Projeções: Rússia/Brasil/Itália*. São Paulo: Perspectiva, 1978.

WALTER, Judith. *Le livre de jade*. Paris: Alphonse Lemerre, 1867. Disponível em: <<https://shorturl.at/hFZ37>>.

## **NOMES, PRONOMES, VÍRGULAS, ETC. NUM POEMA DE MACHADO DE ASSIS**

*José Américo Miranda  
Professor aposentado de Literatura Brasileira  
Universidade Federal de Minas Gerais*

**Resumo:** Este artigo analisa o poema “A folha de Salgueiro”, da “Lira chinesa” (segunda parte de *Falenas*), de Machado de Assis. O poema foi traduzido do francês, língua em que havia sido traduzido do chinês (em prosa) por Judith Walter, que o publicou em *Le livre de jade*. A análise reconstitui a pequena história amorosa narrada no poema através de sinais menores, como os nomes, pronomes e sinais de pontuação. Esses elementos discretos dão sustentação à estrutura do poema, que foi composto por Machado de Assis em versos decassílabos brancos.

**Palavras-chave:** Poesia Brasileira; Machado de Assis; Lira chinesa; A folha do salgueiro.

### **A FOLHA DO SALGUEIRO**

(Tchan-Tiú-Lin)

Amo aquela formosa e terna moça  
Que, à janela encostada, arfa e suspira;  
Não porque tem do largo rio à margem  
Casa faustosa e bela.

Amo-a, porque deixou das mãos mimosas  
Verde folha cair nas mansas águas.

Amo a brisa de leste que sussurra,  
Não porque traz nas asas delicadas  
O perfume dos verdes pessegueiros  
Da oriental montanha.

Amo-a porque impeliu coas tênues asas  
Ao meu batel a abandonada folha.

Se amo a mimosa folha aqui trazida,  
Não é porque me lembre à alma e aos olhos  
A renascente, a amável primavera,  
Pompa e vigor dos vales.

Amo a folha por ver-lhe um nome escrito,  
Escrito, sim, por ela, e esse... é meu nome.

O estudo de textos poéticos, mesmo o estudo de textos literários em geral, mas principalmente os poéticos (grupo a que pertence o de que aqui se trata) – o estudo de textos poéticos, dizíamos, envolve questões muito variadas, que vão do entendimento do sentido denotativo (próprio) de cada palavra, ao sentido delas no contexto do poema (sentido situacional e sentido figurado), às menores minúcias, muitas vezes peças fundamentais na realização da estrutura poemática.

Giuseppe Ungaretti, numa das aulas na Universidade de São Paulo, aos seus alunos brasileiros, afirmou:

Não será demais recomendar-lhes que, quando tiverem de explicar um texto poético, prestem atenção, concretamente atenção, às coisas mais insignificantes. Antes de tudo, naturalmente, devem atentar ao sentido das palavras, mas o sentido de cada palavra é modificado, atenuado ou valorizado, seja pela sua posição em face das outras, seja pela palavra rimada e os acentos tônicos, seja pelas sílabas átonas, as aliteraões, até por uma vírgula, etc. Dar-se conta de um mínimo fato pode levar a descobertas em si mesmas pequenas, talvez, mas das quais pode decorrer toda uma revolução de uma posição crítica referente a uma obra poética e ao período histórico literário. (UNGARETTI, 1996, p. 100)

Com ele aprendemos, se não muitas outras preciosíssimas coisas (que nos ensinou), ao menos isto: prestar atenção ao detalhe, por menor que ele seja, e sua importância. Com outro grande mestre nosso, Antonio Candido, aprendemos outras inúmeras lições. No tocante ao estudo de poemas, dele ficou-nos isto:

Análise e interpretação representam os dois momentos fundamentais do estudo do texto, isto é, os que se podem chamar respectivamente o “momento da parte” e o “momento do todo”, completando o círculo hermenêutico, ou interpretativo, que consiste em entender o todo pela parte e a parte pelo todo, a síntese pela análise e a análise pela síntese. (CANDIDO, 2004, p. 29)

Essas são algumas indicações de caminho para nós, sem método que somos, que não alcançamos sequer aquilo de que “isto de método, sendo indispensável, todavia é melhor tê-lo sem gravata nem suspensórios”. (ASSIS, 1881, p. 37) Sem gravata nem suspensórios – nem isso; método sem método (é o que temos).

O poema “A folha do salgueiro”, quinta peça da “Lira chinesa”, segunda parte de *Falenas*, obra publicada por Machado de Assis em 1870, também nos ensina alguma coisa. Nós o editamos recentemente, e confrontamos os seguintes 10 testemunhos: o de *Poesias completas* (1901), que foi o texto-base da edição, com os das seguintes outras publicações (não temos notícia da existência de manuscrito): *Falenas*, de 1870; *Poesias completas*, de 1937, primeira publicação da editora W. M. Jackson; *Poesias completas*, de 1953, da mesma casa Jackson, em edição revista por Ari de Mesquita; *Obra completa*, de 1959, primeira edição da José Aguilar; *Poesias completas*, de 1976, edição crítica pela Comissão Machado de Assis, publicada pela editora Civilização Brasileira; *Obra completa*, de 1994, da Nova Aguilar, que foi utilizada como fonte para os textos disponibilizados na internet pelo Ministério da Educação;<sup>1</sup> *Toda poesia de Machado de Assis*, de 2008, primeira reunião completa da obra poética de Machado de Assis, realizada pelo prof. Cláudio Murilo Leal (Record); *A poesia completa*, de Machado de Assis, publicada em 2009, em edição preparada por Rutzkaya Queiroz dos Reis (Edusp); e, por fim, *Obra completa em quatro volumes*, de 2015 (Nova Aguilar), última disponível para os leitores quando do início de nossos trabalhos de edição.

O processo do cotejo, necessário à edição proposta, propiciou-nos um íntimo convívio com o texto; podemos afirmar, sem qualquer receio, que o contemplamos repetidamente, e muito de perto. Nesse convívio, até mesmo os atos falhos, que cometemos no processo das sucessivas leituras (referir-nos-emos a eles) ajudaram na compreensão dos segredos do texto – ou de alguns dos segredos da arte de um poeta.

Tudo isso contribui para a análise, que consiste, para usarmos o termo de Roland Barthes (1982, p. 52), na “desmontagem” do objeto estudado. Evidentemente, não se trata, aqui, apenas de uma desmontagem, mas de uma fragmentação necessária à compreensão do todo. Diríamos, mesmo, que a fragmentação é mais do que uma desmontagem, pois esta ideia supõe a separação de unidades funcionais íntegras, ao

---

<sup>1</sup> Disponível em: <<https://machado.mec.gov.br/#autor-obra>>.

passo que aquela desce aos elementos, em si mesmos, até desprovidos de significação (como uma vírgula, por exemplo).

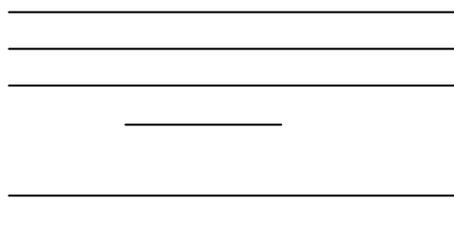
O original francês do poema traduzido por Machado de Assis foi concebido em prosa; uma prosa poética, é certo – mas prosa. Nosso poeta optou pelo verso, ideia nele indissociável da de poesia. E que verso escolheu para compor o poema, senão o decassílabo branco, o seu caro decassílabo branco, tão frequente em sua obra, pelo menos até 1875? Fica o verso solto muito bem em poemas narrativos longos; mais difícil é seu uso em poemas líricos curtos. Estamos, portanto, além de tudo, diante de uma dificuldade.

Uma observação ao mesmo tempo interessante e intrigante, a propósito desse verso, nos vem de Antônio Feliciano de Castilho (1851, p. 39), mestre de Machado de Assis nessa matéria: “O verso heroico – diz ele – quando bem feito, sai de tal maneira belo em nossa sonora e musicalíssima língua, que dispensa e desdenha o arrebique dos consoantes, ao mesmo passo que todos os outros metros mais ou menos o requerem.” A razão disso é o que ele não nos dá. Supomos que se deva tal privilégio à extensão máxima do verso em língua portuguesa representada pelo decassílabo. É verdade que existem versos de onze e doze sílabas, mas, em ambos os casos, trata-se de versos compostos: o de onze (verso de arte maior) compõe-se de dois pentassílabos; o de doze (alexandrino), de dois hexassílabos. A extensão discursiva vasta permitiria ao verso de dez sílabas a comodidade de abrigar em si artifícios que contrabalançariam o efeito dos consoantes, ou seja, das rimas (o que as dispensaria).

Em não havendo rimas nos versos soltos, e sabendo nós que a rima é um dos elementos de sustentação da estrutura poética, perguntamo-nos: neste poema específico, em que consistiu a técnica de composição que resultou na forma poemática sólida? Evidentemente, sem rimas, nada há de fixo – exceto, é claro, a medida do verso. Diríamos que o poeta, na jaula dos decassílabos, goza de toda a liberdade. É uma situação estranha, semelhante àquela em que Clarice Lispector (2020, p. 181), explicando para Natércia Freire sua condição de “casada com diplomata” definiu a natureza de sua liberdade, de suas viagens: “...viajar é ir e voltar quando se quer, é poder andar. Mas viajar como eu viajarei é ruim: é cumprir pena em vários lugares.” No verso solto, o poeta cumpre sua pena.

Antonio Candido (1989, p.81), em *Na sala de aula*, no capítulo em que estuda “O pastor pianista”, de Murilo Mendes, afirma: “Quando enfrentamos um poema escrito segundo a versificação tradicional, devidamente metrificado e rimado, a análise tende a se apoiar nas características aparentes, que definem a fisionomia poética.” Assumindo essa perspectiva, basta firmar os olhos sobre a composição de “A folha do salgueiro” para constatar, de imediato, a existência de três grandes unidades no poema; cada uma delas composta por uma quadra e um dístico. Veremos, ainda, a funcionalidade dessa divisão interna de cada parte.

Conforme dizíamos, visto como que de longe, ou de certa distância, é possível destacar no poema três grandes unidades, que poderíamos representar graficamente assim:



Essa unidade se repete três vezes. Poder-se-ia dizer (ou lembrar) que, ao afirmar isso, estamos no plano puro da exterioridade formal do poema; e é verdade. Nessa mesma versão esquematizada já se vê a divisão interna das partes: cada uma delas é constituída por uma quadra composta por três versos decassílabos e um hexassílabo final, seguida de um dístico decassilábico.

Esse ordenamento reflete-se no plano da significação, não é mecânico, casual, aleatório. Escolhido que foi o verso branco, sobre que se apoiaria o ritmo, na ausência da rima? É certo que o verso tem seus tempos fortes e fracos: estudaremos os decassílabos do poema, parte a parte, estrofe a estrofe (e veremos sua funcionalidade).

Há, entretanto outros apoios rítmicos, sob a forma de repetições: anáforas, em certas posições específicas das estrofes, e sintáticas, na composição de cada uma delas. As repetições no início de cada quadra e de cada dístico chamam desde logo a atenção: “Amo aquela / Amo-a // Amo a brisa / Amo-a // Se amo a folha / Amo a folha” – que ficariam mais relevantes (visíveis) se as registrássemos assim: “Amo a... / Amo-a // Amo a ... / Amo-a // Se amo a... / Amo a”. Sintaticamente, temos a repetição de certa

estrutura: “Não é porque / Não porque / Não porque” no interior da estrofe – apenas na primeira esse segmento vem no terceiro verso (veremos por quê), nas demais, vem no segundo. Esse conjunto de travamentos na estrutura mantém o poema suspenso no ar – feito apenas de palavras que ele é.

Passemos à primeira das partes:

Amo aquela **formosa** e terna **moça**  
Que, à janela encostada, arfa e suspira;  
Não porque tem do **largo** rio à **margem**  
Casa faustosa e **bela**.

Amo-a, porque **deixou** das mãos **mimosas**  
Verde folha **cair** nas mansas **águas**.

O poeta já se apresenta antes mesmo da primeira palavra do poema: [Eu] Amo. Apesar disso, o objeto da fala é a amada, à qual ele dedica os dois primeiros versos; daí o “Não porque”, que será repetido no segundo verso das estrofes seguintes, ficar no terceiro verso – o objeto de que se fala estende-se pelos dois versos iniciais; a amada não é apenas designada, é apresentada em postura compatível com o devaneio amoroso. Os dois versos seguintes acrescentam-lhe uma qualidade apreciável: ela é rica – mas o poeta nega que a ame por essa razão.

No dístico seguinte, ele faz um contraponto à negativa anterior: ele diz por que a ama; e a razão que dá é um enigma para o leitor... Ele diz amá-la por ela deixar cair uma folha na água... bela razão para se amar alguém! – dirá o leitor apressado. Algo mais se descortina aqui: a situação do poeta – se já sabíamos que ela morava à margem do lago, agora sabemos (pelo ponto de onde ele a vê) que o poeta se encontra no lago, na água propriamente (adiante veremos que é num barco).

Quanto ao ritmo dos versos, deixando de lado os acentos secundários (para não nos alongarmos demais e tornar fastidiosa a leitura), fiquemos nos acentos principais: nesta estrofe, todos os decassílabos são heroicos, ou seja, todos os versos têm acento na sexta sílaba, e os de dez sílabas o têm também na décima.

O estudo das sílabas é revelador de algo que alimenta o poema de ponta a ponta: no primeiro verso, a sílaba tônica de “**formosa**” e de “**moça**” é a mesma – as duas ideias como que se fundem pela sonoridade quase idêntica (para efeito de rima, a poesia portuguesa, como sua irmã espanhola, não distingue vogais abertas de fechadas). E no

verso seguinte, há um jogo de claro-escuro (vogais abertas x vogais fechadas), com claro predomínio das sonoridades abertas, em que a moça recostada à janela aparece na zona luz: “”à janela encostada, arfa e suspira”. No terceiro verso, as sílabas acentuadas são ainda mais sugestivas: “**lar**go” e “**mar**gem”. Ora vejam: “lar”, o lugar da convivência íntima, liga-se a “mar”, casando a ideia da vida privada (no recesso do lar) ao esplendor e à vastidão da experiência amorosa.

No dístico subsequente, o poeta passa ao registro afirmativo: ele não a ama por ser rica; ama-a por outro motivo. E há um detalhe na pontuação que nos interessa muito. O começo do primeiro verso, “Amo-a, porque” – e segue-se a explicação –, é repetido no segundo dístico do poema, mas sem a vírgula: “Amo-a porque”. Veremos o sentido disso. Das edições que confrontamos, apenas a da editora Jackson de 1953, revista por Ari de Mesquita, introduziu uma vírgula no segundo verso. Imaginamos que a ideia tenha sido a da “uniformização”, pelo paralelismo, isto é, pela ideia de que estruturas idênticas devam ser igualmente pontuadas. Infelizmente (ou felizmente) isso não é verdade; não é necessária nenhuma uniformização, sob pena de se alterar a estrutura do conjunto.

No primeiro verso desse primeiro dístico, que efeito tem a vírgula? Tem o efeito de separar da “formosa moça” a “folha de salgueiro” (que dá título ao poema) que ela deixou cair na água. Toda a estrofe seguinte fala da brisa que impele a folha na superfície da água – e, claro, do seu destino! Chegaremos lá!

O ritmo geral da primeira estrofe, conforme vimos, é bastante regular: todos os versos de dez sílabas têm acentos na sexta e na décima (são heroicos), e o hexassílabo, por definição, tem acento na sexta. Na segunda parte do poema, em seu último verso, surgirá uma alteração, de significativo e surpreendente efeito. O estudo disso nos revelará algo sobre a arte do verso branco, sobre como esse verso se equilibra no ritmo sem o apoio da rima, sobre como o sistema de travamento interno da estrutura sustenta o poema no ar (coisa/forma aérea que ele é).

A brisa, tema da segunda parte do poema, não surge aí por acaso; ela aparece em decorrência de seus efeitos sobre a famigerada “folha do salgueiro”, de que trata o poema. A brisa impele mansamente a folha na direção do barco do poeta – e é aí que descobrimos sua localização exata: ele se encontra no lago, em seu barco.

Repitamos a segunda parte:

Amo a brisa de **leste** que sussurra,  
Não porque traz nas **asas delicadas**  
O perfume dos **verdes pessegueiros**<sup>2</sup>  
Da oriental montanha.

Amo-a porque impeliu coas tênues **asas**  
Ao meu **batel** a abandonada **folha**.

Está aí a surpresa: os decassílabos da quadra, como o primeiro do dístico, são todos heroicos; seguem o padrão da primeira parte. O segmento negativo da quadra começa agora no segundo verso: “Não porque traz nas asas delicadas”. A razão é outra: “Amo-a porque impeliu com as tênues asas” em direção ao poeta a folha do salgueiro. Não há mais a vírgula depois de “Amo-a”; a vírgula, como vimos, separava a amada da folha; agora não: a folha vem tangida pela brisa – não há mais de que separá-la; ela simplesmente vem, está solta, flutuando n’água. A funcionalidade da ausência de vírgula é evidente.

A surpresa fica por conta do segundo verso do dístico, cujos acentos passam da sexta e décima sílabas à quarta, oitava e décima (é este o primeiro verso sáfico do poema). Repare-se nas sílabas (e nas palavras) sobre que incidem os acentos: “Ao meu **batel** a abandonada **folha**.” O **batel** em que se encontra o poeta, a folha abandonada pela moça formosa, e a folha propriamente (em pessoa) – objeto principal do poema e da aventura amorosa. Se antes a folha estava vinculada à moça, agora ela se liga ao poeta. Mudança de estágio na aventura, mudança de ritmo. De objeto pertencente ao mundo, passa a folha ao universo subjetivo do poeta.

É curioso observar que seria muito fácil tornar heroico esse verso: bastaria inverter as duas últimas palavras dele, pospondo o adjetivo ao substantivo (posição, aliás, mais comum na língua portuguesa): “Ao meu **batel** a **folha** abandonada.” Acertaríamos, se disséssemos que nessa conformação o acento principal do verso recairia justamente sobre a palavra “folha” – núcleo do poema. Esse luxo entretanto fica adiado – o acento recairá sobre essa palavra no primeiro verso da terceira parte, em que a gloriosa folha está em mãos do poeta. Entretanto, o ritmo do conjunto não se alteraria, não haveria anúncio nenhum do que está por vir (na terceira parte do poema), e surgiria,

---

<sup>2</sup> O primeiro dos atos falhos que cometemos, para o qual não conseguimos encontrar explicação relevante para nossa análise, ocorreu justamente neste verso: trocamos a palavra “verdes” por “velhos” – seria uma reminiscência de “As flores e os pinheiros” (sexto poema do conjunto)?

inesperada, uma rima toante – “abandonada” rima com “asas”. Já vimos que o poema dispensa a rima, e que o seu sistema de travamento estrutural interno é de outra natureza. Fez parte do desafio técnico enfrentado pelo poeta isto de pôr de pé uma estrutura, sem o apoio das colunas de rimas.

Também neste verso, numa de nossas leituras em voz alta, durante o processo de edição, cometemos o ato falho de inverter as palavras. Daí vieram as observações que nos ocorreram.

Chegamos, por fim, à derradeira parte:

Se amo a *mimosa* **folha** *aqui* **trazida**,  
Não é porque me **lembre** à alma e aos **olhos**  
A renascente, a **amável** **primavera**,  
Pompa e vigor dos **vales**.

Amo a folha por **ver**-lhe um nome **escrito**,  
**Escrito**, **sim**, por ela, e esse... é meu **nome**.

Eis aí, o acento principal do verso posto na palavra “folha”, que agora encontra-se no centro do verso – está como que em repouso, encontrou um porto, junto ao poeta. Nessa parte, são retomados os acentos na sexta e décima sílabas dos decassílabos; o poeta não passa aos sáficos, aparentemente numa indicação (razoavelmente clara) de que o amor está apenas alvorecendo. Não há outros versos claramente sáficos no poema, a não ser o já apontado acima. O primeiro verso, com certo esforço, poderíamos considerar como “hesitantemente” sáfico; sua melhor leitura é com acento na sexta e na décima sílabas, embora a quarta e a oitava também tenham seus acentos (marquei-os com itálico).

Nessa última parte, entretanto, coroando o dístico final, temos um pentâmetro jâmbico (acentos da segunda, na quarta, na sexta, na oitava e na décima sílabas), de sublime efeito, em que a amada comparece no primeiro hemistíquio (a sexta sílaba, acentuada, está em “ela”), e o poeta no segundo. Também aqui pusemos vírgula, entre o que dissemos dela, e o que dissemos dele – pois, se é verdade que eles se amam, é também verdade (tudo o indica) que ainda não se encontraram fisicamente. Em outras palavras, o amor ainda se não realizou com plenitude. O verso sáfico hesitante que apontamos, assim como o pentâmetro jâmbico final (que tanto poderia, do ponto de vista puramente rítmico, ser heroico como sáfico – nós achamos, se tivéssemos de

escolher uma das opções que o heroico seria a melhor solução), parecem claramente indicar a não realização amorosa plena (ainda).

Observe-se que, neste último verso, os acentos principais recaem sobre “ela”, forma pronominal, e sobre “nome” – o nome dele, evidentemente. “Ela”, representada por pronome, ausente (à distância, na margem do lago); “ele” atual, presente, representado pelo “nome”, na extensão indefinida do lago.

E foi justamente sobre os pronomes utilizados nos dísticos que recaiu o terceiro dos atos falhos que cometemos numa das leituras que fizemos em voz alta. Há um paralelismo, no início de todos os dísticos: “Amo-a”, “Amo-a” e “Amo a”. Os pronomes são usados na ausência dos nomes: no primeiro caso, o pronome oblíquo “a” refere-se a “ela”, aquela moça formosa e terna que deixou cair na água a folha do salgueiro; no segundo, o pronome “a” representa a brisa, coisa aérea, impalpável, que se não pode pegar.

E onde o ato falho? Na leitura do terceiro dístico, provavelmente por um paralelismo inconsciente, pronunciei “Amo-a” onde deveria ler “Amo a [folha]”. Quando o objeto está ausente ou distante, ou pertence à esfera das coisas impalpáveis (como o vento), o poeta usa o pronome; quando o objeto está próximo, de se pegar, usa o nome. Melhor uso não há para as palavras dessas duas categorias gramaticais. O objeto do amor agora é bem concreto, palpável, está na mão do poeta: é a folha do salgueiro, que, tendo caído da mão da formosa moça na água, foi lentamente conduzida ao barco do poeta: “Amo a folha por ver-lhe um nome escrito, / Escrito, sim, por ela, e esse... é meu nome.” Ele é correspondido no amor! poeta feliz!

#### NOUNS, PRONOUNS, COMMAS, ETC. IN A POEM BY MACHADO DE ASSIS

**Abstract:** This paper analyzes the poem “A Folha do Salgueiro”, from “Lira china” (second part of *Falenas*), by Machado de Assis. The poem was translated from French, the language in which it had been translated in prose from Chinese by Judith Walter, who published it in *Le livre de jade*. The analysis reconstructs the small love story narrated in the poem through minor signs, such as names, pronouns and punctuation marks. These discrete elements and their organization inside the text support the structure of the poem, which was composed by Machado de Assis in blank decasyllable verses.

**Keywords:** Brazilian Poetry; Machado de Assis; Lira chinesa; A folha do salgueiro.

MIRANDA, José Américo. Nomes, pronomes, vírgulas, etc. num poema de Machado de Assis.

## Referências

ASSIS, Machado de. *Memórias póstumas de Brás Cubas*. Rio de Janeiro: Tipografia Nacional, 1881. [Edição fac-similar, Brasília: Thesaurus, 2008.]

ASSIS, Machado de. *Poesias completas*. Rio de Janeiro: H. Garnier, 1901.

BARTHES, Roland. A atividade estruturalista. In: *Crítica e verdade*. São Paulo: Perspectiva, 1982. p. 49-56.

CANDIDO, Antonio. *Na sala de aula*. 3. ed. São Paulo: Ática, 1989.

CANDIDO, Antonio. *O estudo analítico do poema*. 4. ed. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2004.

CASTILHO, Antônio Feliciano de. *Tratado de metrificacão portuguesa*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1851,

LISPECTOR, Clarice. *Todas as cartas*. Rio de Janeiro: Rocco, 2020.

UNGARETTI, Giuseppe. *Invenção da poesia moderna: lições de literatura no Brasil 1937-1942*. São Paulo: Ática, 1996.

# ÍNDICES

## ÍNDICES (atualizados até v. 7, n. 13)

### TEXTOS DE MACHADO DE ASSIS, PELOS TÍTULOS:

- [A Antônio Martins Marinhas] – v. 4, n. 7, p. 31 e p. 73.
- A + B (12 set. 1886) – v. 3, n. 6, p. 7 e p. 33.
- A + B (16 set. 1886) – v. 3, n. 6, p. 11 e p. 41.
- A + B (22 set. 1886) – v. 3, n. 6, p. 15 e p. 49.
- A + B (28 set. 1886) – v. 3, n. 6, p. 17 e p. 57.
- A + B (4 out. 1886) – v. 3, n. 6, p. 21 e p. 65.
- A + B (14 out. 1886) – v. 3, n. 6, p. 25 e p. 73.
- A + B (24 out. 1886) – v. 3, n. 6, p. 29 e p. 81.
- A Caridade – v. 3, n. 5, p. 17 e p. 67.
- A Ch. F., filho de um proscrito – v. 1, n. 1, p. 13 e p. 33.
- A folha do salgueiro – v. 7, n. 13, p. 29 e p. 59.
- A jovem cativa – v. 3, n. 5, p. 19 e p. 71.
- A lanterna de Diógenes – v. 6, n. 11, p. 23 e p. 93.
- A morte de Ofélia – v. 5, n. 10, p. 43 e p. 99.
- A nova geração – v. 2, n. 4, p. 7 e p. 39.
- A reforma pelo jornal – v. 6, n. 11, p. 55 e p. 141.
- A S. M. I. – v. 1, n. 1, p. 17 e p. 41.
- A saudade – v. 2, n. 4, p. 37 e p. 83.
- A Semana – 84 (1º de janeiro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 25.
- A Semana – 85 (7 de janeiro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 30.
- A Semana – 86 (14 de janeiro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 36.
- A Semana – 87 (21 de janeiro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 40.
- A Semana – 88 (28 de janeiro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 46.

- A Semana – 89 (4 de fevereiro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 50.
- A Semana – 90 (11 de fevereiro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 54.
- A Semana – 91 (18 de fevereiro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 59.
- A Semana – 92 (25 de fevereiro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 65.
- A Semana – 93 (4 de março de 1894) – v. 1, n. 2, p. 70.
- A Semana – 94 (11 de março de 1894) – v. 1, n. 2, p. 76.
- A Semana – 95 (18 de março de 1894) – v. 1, n. 2, p. 83.
- A Semana – 96 (25 de março de 1894) – v. 1, n. 2, p. 88.
- A Semana – 97 (1º de abril de 1894) – v. 1, n. 2, p. 94.
- A Semana – 98 (8 de abril de 1894) – v. 1, n. 2, p. 98.
- A Semana – 99 (15 de abril de 1894) – v. 1, n. 2, p. 102.
- A Semana – 100 (22 de abril de 1894) – v. 1, n. 2, p. 108.
- A Semana – 101 (6 de maio de 1894) – v. 1, n. 2, p. 120.
- A Semana – 102 (13 de maio de 1894) – v. 1, n. 2, p. 126.
- A Semana – 103 (20 de maio de 1894) – v. 1, n. 2, p. 132.
- A Semana – 104 (27 de maio de 1894) – v. 1, n. 2, p. 138.
- A Semana – 105 (3 de junho de 1894) – v. 1, n. 2, p. 145.
- A Semana – 106 (10 de junho de 1894) – v. 1, n. 2, p. 150.
- A Semana – 107 (17 de junho de 1894) – v. 1, n. 2, p. 156.
- A Semana – 108 (24 de junho de 1894) – v. 1, n. 2, p. 162.
- A Semana – 109 (1º de julho de 1894) – v. 1, n. 2, p. 168.
- A Semana – 110 (8 de julho de 1894) – v. 1, n. 2, p. 172.
- A Semana – 111 (15 de julho de 1894) – v. 1, n. 2, p. 178.
- A Semana – 112 (22 de julho de 1894) – v. 1, n. 2, p. 184.
- A Semana – 113 (29 de julho de 1894) – v. 1, n. 2, p. 190.
- A Semana – 114 (5 de agosto de 1894) – v. 1, n. 2, p. 194.
- A Semana – 115 (12 de agosto de 1894) – v. 1, n. 2, p. 199.
- A Semana – 116 (19 de agosto de 1894) – v. 1, n. 2, p. 204.
- A Semana – 117 (26 de agosto de 1894) – v. 1, n. 2, p. 210.
- A Semana – 118 (2 de setembro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 216.
- A Semana – 119 (9 de setembro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 220.
- A Semana – 120 (16 de setembro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 226.
- A Semana – 121 (23 de setembro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 232.

- A Semana – 122 (30 de setembro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 238.
- A Semana – 123 (7 de outubro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 242.
- A Semana – 124 (14 de outubro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 248.
- A Semana – 125 (21 de outubro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 254.
- A Semana – 126 (28 de outubro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 261.
- A Semana – 127 (4 de novembro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 266.
- A Semana – 128 (11 de novembro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 272.
- A Semana – 129 (18 de novembro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 278.
- A Semana – 130 (25 de novembro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 282.
- A Semana – 131 (2 de dezembro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 288.
- A Semana – 132 (9 de dezembro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 294.
- A Semana – 133 (16 de dezembro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 300.
- A Semana – 134 (23 de dezembro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 306.
- A Semana – 135 (30 de dezembro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 312.
- A um legista – v. 5, n. 10, p. 35 e p. 85.
- A uma menina – v. 1, n. 1, p. 23 e p. 53.
- A uma mulher – v. 7, n. 13, p. 23 e p. 47.
- Abertura pelo Sr. Machado de Assis, Presidente – v. 1, n. 1, p. 9 e p. 25.
- Alpujarra – v. 3, n. 5, p. 49 e p. 123.
- Antes da missa – v. 5, n. 9, p. 91 e p. 199.
- Aquarelas I. Os fanqueiros literários – v. 6, n. 11, p. 35 e p. 109.
- Aquarelas II. O parasita – v. 6, n. 11, p. 39 e p. 115.
- Aquarelas II. O parasita (continuação) – v. 6, n. 11, p. 43 e p. 121.
- Aquarelas III. O empregado público aposentado – v. 6, n. 11, p. 47 e p. 129.
- Aquarelas IV. O folhetinista – v. 6, n. 11, p. 51 e p. 135.
- As flores e os pinheiros – v. 7, n. 13, p. 31 e p. 63.
- As ondinas – v. 3, n. 5, p. 35 e p. 97.
- As rosas – v. 3, n. 5, p. 41 e p. 105.
- As ventoinhas – v. 3, n. 5, p. 47 e p. 119.
- Aspiração – v. 3, n. 5, p. 23 e p. 79.

- Cantiga do rosto branco – v. 5, n. 10, p. 45 e p. 103.
- [Carta do Gatinho preto] – v. 4, n. 7, p. 33 e p. 77.
- [Carta-prefácio à obra *Legislação servil*] – v. 4, n. 7, p. 25 e p. 59.
- Cegonhas e rodovalhos – v. 5, n. 10, p. 31 e p. 79.
- Cleópatra – v. 3, n. 5, p. 27 e p. 85.
- Coração triste falando ao sol – v. 7, n. 13, p. 35 e p. 69.
- Elegia – v. 6, n. 12, p. 39 e p. 99.
- Epitáfio do México – v. 6, n. 12, p. 31 e p. 83.
- Errata da primeira edição das *Poesias completas* (1901) – v. 1, n. 1, p. 55.
- Erro – v. 6, n. 12, p. 37 e p. 95.
- Estâncias a Ema – v. 5, n. 10, p. 37 e p. 89.
- Fé – v. 3, n. 5, p. 15 e p. 63.
- Gabriela da Cunha – v. 1, n. 1, p. 19 e p. 45.
- Horas vivas – v. 6, n. 12, p. 45 e p. 109.
- Ideal do crítico – v. 6, n. 11, p. 77 e p. 201.
- Lira chinesa: Nota D – v. 7, n. 13, p. 19.
- Lúcia – v. 3, n. 5, p. 7 e p. 55.
- Maria Duplessis – v. 3, n. 5, p. 37 e p. 101.
- Menina e moça – v. 5, n. 10, p. 21 e p. 59.
- Monte Alverne – v. 3, n. 5, p. 45 e p. 113.
- Musa consolatrix – v. 6, n. 12, p. 21 e p. 65.
- [No álbum de Carlos Gomes] – v. 4, n. 7, p. 27 e p. 61.
- No espaço – v. 5, n. 10, p. 23 e p. 65.
- No limiar – v. 3, n. 5, p. 21 e p. 75.
- [Notas de leitura] – v. 4, n. 7, p. 35 e p. 79.
- [Notas de leitura (segunda parte)] – v. 6, n. 11, p. 69 e p. 175.
- Notícia da atual literatura brasileira. Instinto de nacionalidade – v. 6, n. 11, p. 59 e p. 145.
- O dilúvio – v. 3, n. 5, p. 11 e p. 59.
- O espelho – v. 4, n. 7, p. 17 e p. 45.

- O imperador – v. 7, n. 13, p. 25 e p. 51.
- O jornal e o livro – v. 6, n. 11, p. 27 e p. 97.
- O leque – v. 7, n. 13, p. 27 e p. 55.
- O passado, o presente e o futuro da literatura – v. 6, n. 11, p. 17 e p. 83.
- O poeta a rir – v. 7, n. 13, p. 21 e p. 43.
- O Progresso – v. 1, n. 1, p. 11 e p. 29.
- Os arlequins – v. 3, n. 5, p. 31 e p. 91.
- Os deuses da Grécia – v. 5, n. 10, p. 27 e p. 71.
- Os deuses de casaca – v. 5, n. 9, p. 17 e p. 105.
- Os dous horizontes – v. 3, n. 5, p. 43 e p. 109.
- Pensamentos de Machado de Assis (recolhidos e organizados por Letícia Malard) – v. 2, n. 3, p. 11.
- Polônia – v. 6, n. 12, p. 33 e p. 87.
- [Por ora sou pequenina] – v. 4, n. 7, p. 29 e p. 67.
- Prelúdio – v. 5, n. 10, p. 15 e p. 49.
- Quinze anos – v. 6, n. 12, p. 25 e p. 73.
- Reflexos – v. 7, n. 13, p. 33 e p. 67.
- Saudades – v. 1, n. 1, p. 21 e p. 49.
- Sinhá – v. 6, n. 12, p. 43 e p. 105.
- Souvenir d'exil (tradução de Machado de Assis) – v. 1, n. 1, p. 15 e p. 37.
- Stella – v. 6, n. 12, p. 29 e p. 79.
- Última folha – v. 6, n. 12, p. 61 e p. 137.
- Uma ode de Anacreonte – v. 5, n. 9, p. 65 e p. 163.
- Versos a Corina – v. 6, n. 12, p. 47 e p. 113.
- Versos a Corina – III (Fragmento) – v. 3, n. 5, p. 53 e p. 127.
- Visão – v. 5, n. 10, p. 17 e p. 53.
- Visio – v. 6, n. 12, p. 23 e p. 69.

**POESIAS DE MACHADO DE ASSIS, PELOS PRIMEIROS VERSOS:**

- A mulher é um cata-vento, – v. 3, n. 5, p. 47 e p. 119.
- Aí vão cinco quadrinhas – v. 4, n. 7, p. 31 e p. 73.
- Amo aquela formosa e terna moça – v. 7, n. 13, p. 29 e p. 59.
- Ao som da tua voz a mocidade acorda, – v. 1, n. 1, p. 11 e p. 29.
- As orações dos homens – v. 3, n. 5, p. 15 e p. 63.
- Beijam as ondas a deserta praia; – v. 3, n. 5, p. 35 e p. 97.
- Caía a tarde. Do infeliz à porta, – v. 3, n. 5, p. 21 e p. 75.
- Cantigas modulei ao som da flauta, – v. 7, n. 13, p. 23 e p. 47.
- César! fulge mais luz nas saudações do povo, – v. 1, n. 1, p. 17 e p. 41.
- Como aurora de um dia desejado, – v. 6, n. 12, p. 33 e p. 87.
- Desabrochas ainda; tu és bela – v. 1, n. 1, p. 23 e p. 53.
- Do sol ao raio esplêndido, – v. 3, n. 5, p. 11 e p. 59.
- Dobra o joelho: é um túmulo. – v. 6, n. 12, p. 31 e p. 83.
- Ela tinha no rosto uma expressão tão calma – v. 3, n. 5, p. 17 e p. 67.
- Enfim! sobre esta cena, a tua e nossa glória, – v. 1, n. 1, p. 19 e p. 45.
- Era uma pobre criança... – v. 6, n. 12, p. 25 e p. 73.
- Eras pálida. E os cabelos, – v. 6, n. 12, p. 23 e p. 69.
- Erro é teu. Amei-te um dia – v. 6, n. 12, p. 37 e p. 95.
- Está naquela idade inquieta e duvidosa, – v. 5, n. 10, p. 21 e p. 59.
- Filha pálida da noite, – v. 3, n. 5, p. 27 e p. 85.
- Fiz promessa, dizendo-te que um dia – v. 3, n. 5, p. 37 e p. 101.
- Flor a abrir, entre nós, surge agora um infante; – v. 1, n. 1, p. 15 e p. 37.
- Il est beau. Dans son front où la grâce rayonne, – v. 1, n. 1, p. 13 e p. 33.
- Já raro e mais escasso – v. 6, n. 12, p. 29 e p. 79.
- Jaz em ruínas o torrão dos mouros; – v. 3, n. 5, p. 49 e p. 123.
- Junto ao plácido rio – v. 5, n. 10, p. 43 e p. 99.
- Lembra-te a ingênua moça, imagem da poesia, – v. 5, n. 10, p. 15 e p. 49.
- Meiga saudade! – Amargos pensamentos – v. 2, n. 4, p. 37 e p. 83.

- Melancólica estás, bela Mirto. Bebamos! – v. 5, n. 9, p. 65 e p. 163.
- Morreu! – Assim baqueia a estátua erguida – v. 3, n. 5, p. 45 e p. 113.
- Musa, depõe a lira! – v. 3, n. 5, p. 31 e p. 91.
- Musa, desce do alto da montanha – v 6, n. 12, p. 61 e p. 137.
- Na perfumada alcova a esposa estava, – v 7, n. 13, p. 27 e p. 55.
- Nem o perfume que expira – v 6, n. 12, p. 43 e p. 105.
- No arvoredado sussurra o vendaval do outono, – v 7, n. 13, p. 35 e p. 69.
- Noite: abrem-se as flores... – v 6, n. 12, p. 45 e p. 109.
- Nós estávamos sós; era de noite; – v. 3, n. 5, p. 7 e p. 55.
- Olha. O Filho do Céu, em trono de ouro, – v. 7, n. 13, p. 25 e p. 51.
- Ora esta! Pois tu, que és a mãe da preguiça, – v. 5, n. 9, p. 91 e p. 199.
- Para os filhos do céu gêmeas nasceram – v. 4, n. 7, p. 27 e p. 61.
- Por ora sou pequenina – v. 4, n. 7, p. 29 e p. 67.
- Quando, coos ténues vínculos de gozo, – v. 5, n. 10, p. 27 e p. 71.
- Que a mão do tempo e o hálito dos homens – v. 6, n. 12, p. 21 e p. 65.
- Que valem glórias vãs? A glória, a melhor glória, – v. 3, n. 5, p. 53 e p. 127.
- Querem saber quem sou? O Prólogo. Mudado – v. 5, n. 9, p. 17 e p. 105.
- Recebe, ó Braga, o meu canto – v. 1, n. 1, p. 21 e p. 49.
- “Respeita a fouce a espiga que desponta; – v. 3, n. 5, p. 19 e p. 71.
- Rico era o rosto branco; armas trazia, – v. 5, n. 10, p. 45 e p. 103.
- Rompendo o último laço – v. 5, n. 10, p. 23 e p. 65.
- Rosas que desabrochais, – v. 3, n. 5, p. 41 e p. 105.
- Saímos, ela e eu, dentro de um carro, – v. 5, n. 10, p. 37 e p. 89.
- Salve, rei dos mortais, Semprônio invicto, – v. 5, n. 10, p. 31 e p. 79.
- Se, como outrora, nas florestas virgens, – v 6, n. 12, p. 39 e p. 99.
- Sinto que há na minh’alma um vácuo imenso e fundo, – v. 3, n. 5, p. 23 e p. 79.
- Taça d’água parece o lago ameno; – v. 7, n. 13, p. 21 e p. 43.
- Tu foges à cidade? – v. 5, n. 10, p. 35 e p. 85.
- Tu nasceste de um beijo e de um olhar. O beijo – v 6, n. 12, p. 47 e p. 113.

- Um horizonte, – a saudade – v. 3, n. 5, p. 43 e p. 109.
- Vi de um lado o Calvário, e do outro lado – v. 5, n. 10, p. 17 e p. 53.
- Vi os pinheiros no alto da montanha – v. 7, n. 13, p. 31 e p. 63.
- Vou rio abaixo vogando – v. 7, n. 13, p. 33 e p. 67.

**TEXTOS ATRIBUÍDOS A MACHADO DE ASSIS:**

- A hebreia – v. 2, n. 4, p. 89.
- A Portugal – v. 2, n. 4, p. 85.
- O Réquiem de Verdi – v. 2, n. 4, p. 93.

**OUTROS TEXTOS RELACIONADOS A MACHADO DE ASSIS:**

- Amor – v. 2, n. 4, p. 97.
- A missa de Réquiem – v. 2, n. 4, p. 99.
- Depois da missa – v. 5, n. 9, p. 217.
- Embirração – v. 3, n. 5, p. 131.
- Flor e fruto – v. 5, n. 10, p. 115.
- O gênio – v. 5, n. 10, p. 111.
- O verso alexandrino – v. 3, n. 5, p. 135.
- Machado de Assis (Notícia não assinada, publicada em *A Semana*, 9 out. 1886) – v. 3, n. 6, p. 89.

**AUTORES TRADUZIDOS POR MACHADO DE ASSIS:**

- Bouilhet, Louis
  - Cegonhas e rodovalhos – v. 5, n. 10, p. 31 e p. 79.
- Chateaubriand, François-René de
  - Cantiga do rosto branco – v. 5, n. 10, p. 45 e p. 103.
- Chénier, André
  - A jovem cativa – v. 3, n. 5, p. 19 e p. 71.
- Dumas Filho, Alexandre
  - Maria Duplessis – v. 3, n. 5, p. 37 e p. 101.
  - Estâncias a Ema – v. 5, n. 10, p. 37 e p. 89.

- Girardin, Mme. Émile de
  - Cleópatra – v. 3, n. 5, p. 27 e p. 85.
- Han-Tiê
  - O poeta a rir – v. 7, n. 13, p. 21 e p. 43.
- Heine, Heinrich
  - As ondinas – v. 3, n. 5, p. 35 e p. 97.
- Mickiewicz, Adam
  - Alpujarra – v. 3, n. 5, p. 49 e p. 123.
- Musset, Alfred de
  - Lúcia – v. 3, n. 5, p. 7 e p. 55.
- Ribeyrolles, Charles
  - Souvenir d'exil – v. 1, n. 1, p. 15 e p. 37.
- Schiller, Johann Christoph Friedrich von
  - Os deuses da Grécia – v. 5, n. 10, p. 27 e p. 71.
- Shakespeare, William
  - A morte de Ofélia – v. 5, n. 10, p. 43 e p. 99.
- Su-Tchon
  - Coração triste falando ao sol – v. 7, n. 13, p. 35 e p. 69.
- Tan-Jo-Lu
  - O leque – v. 7, n. 13, p. 27 e p. 55.
- Tchan-Tiú-Lin
  - A folha do salgueiro – v. 7, n. 13, p. 29 e p. 59.
- Tchê-Tsi
  - A uma mulher – v. 7, n. 13, p. 23 e p. 47.
- Thu-Fu
  - O imperador – v. 7, n. 13, p. 25 e p. 51.
  - Reflexos – v. 7, n. 13, p. 33 e p. 67.
- Tin-Tun-Sing
  - As flores e os pinheiros – v. 7, n. 13, p. 31 e p. 63.

**ARTIGOS E OUTROS TEXTOS, PELOS TÍTULOS:**

- “A + B” (1886) – v. 3, n. 6, p. 5.
- “A + B”: enigma e interpretação – v. 3, n. 6, p. 111.

- A errata das *Poesias completas* (edição de 1901), de Machado de Assis, e seu destino – v. 1, n. 1, p. 75.
- A escolarização de textos machadianos em livros didáticos: edição e análise de “O espelho” – v. 4, n. 7, p. 107.
- A folha de salgueiro (Tchan-Tiu-Lin) – v. 7, n. 13, p. 83.
- A “Lira chinesa”, de Machado de Assis – v. 7, n. 13, p. 183.
- A poesia excluída de *Falenas* – v. 5, n. 10, p. 141.
- A poesia que Machado de Assis publicou em *Crisálidas*, mas não incluiu em suas *Poesias completas* – v. 3, n. 5, p. 5.
- A pontuação no conto “O espelho”, de Machado de Assis – v. 4, n. 7, p. 141.
- A rir da natureza (Uan-Tié) – v. 7, n. 13, p. 75.
- A Semana – 84 (1º de janeiro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 23.
- A Semana – 85 (7 de janeiro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 29.
- A Semana – 86 (14 de janeiro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 35.
- A Semana – 87 (21 de janeiro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 39.
- A Semana – 88 (28 de janeiro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 45.
- A Semana – 89 (4 de fevereiro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 49.
- A Semana – 90 (11 de fevereiro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 53.
- A Semana – 91 (18 de fevereiro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 57.
- A Semana – 92 (25 de fevereiro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 63.
- A Semana – 93 (4 de março de 1894) – v. 1, n. 2, p. 69.
- A Semana – 94 (11 de março de 1894) – v. 1, n. 2, p. 75.
- A Semana – 95 (18 de março de 1894) – v. 1, n. 2, p. 81.
- A Semana – 96 (25 de março de 1894) – v. 1, n. 2, p. 87.
- A Semana – 96 (25 de março de 1894) – v. 1, n. 2, p. 87.
- A Semana – 97 (1º de abril de 1894) – v. 1, n. 2, p. 93.
- A Semana – 98 (8 de abril de 1894) – v. 1, n. 2, p. 97.
- A Semana – 99 (15 de abril de 1894) – v. 1, n. 2, p. 101.
- A Semana – 100 (22 de abril de 1894) – v. 1, n. 2, p. 107.
- A Semana – 101 (6 de maio de 1894) – v. 1, n. 2, p. 119.

- A Semana – 102 (13 de maio de 1894) – v. 1, n. 2, p. 125.
- A Semana – 103 (20 de maio de 1894) – v. 1, n. 2, p. 131.
- A Semana – 104 (27 de maio de 1894) – v. 1, n. 2, p. 137.
- A Semana – 105 (3 de junho de 1894) – v. 1, n. 2, p. 143.
- A Semana – 106 (10 de junho de 1894) – v. 1, n. 2, p. 149.
- A Semana – 107 (17 de junho de 1894) – v. 1, n. 2, p. 155.
- A Semana – 108 (24 de junho de 1894) – v. 1, n. 2, p. 161.
- A Semana – 109 (1º de julho de 1894) – v. 1, n. 2, p. 167.
- A Semana – 110 (8 de julho de 1894) – v. 1, n. 2, p. 171.
- A Semana – 111 (15 de julho de 1894) – v. 1, n. 2, p. 177.
- A Semana – 112 (22 de julho de 1894) – v. 1, n. 2, p. 183.
- A Semana – 113 (29 de julho de 1894) – v. 1, n. 2, p. 189.
- A Semana – 114 (5 de agosto de 1894) – v. 1, n. 2, p. 193.
- A Semana – 115 (12 de agosto de 1894) – v. 1, n. 2, p. 197.
- A Semana – 116 (19 de agosto de 1894) – v. 1, n. 2, p. 203.
- A Semana – 117 (26 de agosto de 1894) – v. 1, n. 2, p. 209.
- A Semana – 118 (2 de setembro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 215.
- A Semana – 119 (9 de setembro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 219.
- A Semana – 120 (16 de setembro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 225.
- A Semana – 121 (23 de setembro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 231.
- A Semana – 122 (30 de setembro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 237.
- A Semana – 123 (7 de outubro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 241.
- A Semana – 124 (14 de outubro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 247.
- A Semana – 125 (21 de outubro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 253.
- A Semana – 126 (28 de outubro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 259.
- A Semana – 127 (4 de novembro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 265.
- A Semana – 128 (11 de novembro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 271.
- A Semana – 129 (18 de novembro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 277.
- A Semana – 130 (25 de novembro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 281.

- A Semana – 131 (2 de dezembro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 287.
- A Semana – 132 (9 de dezembro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 293.
- A Semana – 133 (16 de dezembro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 299.
- A Semana – 134 (23 de dezembro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 305.
- A Semana – 135 (30 de dezembro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 311.
- “A Semana” 1894: uma introdução ao terceiro ano de publicação da série – v. 1, n. 2, p. 321.
- A uma mulher formosa (Tché-Tsi) – v. 7, n. 13, p. 77.
- A voluptuosidade da dor de Estêvão: o pessimismo galhofeiro em *A mão e a luva*, de Machado de Assis – v. 1, n. 1, p. 83.
- Abertura – v. 1, n. 1, p. 5.
- Abreviaturas empregadas nas edições dos textos de Machado de Assis – v. 1, n. 1, p. 177.
- Abreviaturas empregadas nas edições dos textos de Machado de Assis – v. 2, n. 4, p. 169.
- Abreviaturas empregadas nas edições dos textos de Machado de Assis – v. 3, n. 5, p. 315.
- Abreviaturas empregadas nas edições dos textos de Machado de Assis – v. 3, n. 6, p. 151.
- Abreviaturas empregadas nas edições dos textos de Machado de Assis – v. 4, n. 7, p. 209.
- Abreviaturas empregadas nas edições dos textos de Machado de Assis – v. 5, n. 9, p. 301.
- Abreviaturas empregadas nas edições dos textos de Machado de Assis – v. 5, n. 10, p. 215.
- Abreviaturas empregadas nas edições dos textos de Machado de Assis – v. 6, n. 11, p. 239.
- Abreviaturas empregadas nas edições dos textos de Machado de Assis – v. 6, n. 12, p. 165.
- Abreviaturas empregadas nas edições dos textos de Machado de Assis – v. 7, n. 13, p. 245.
- Abreviaturas utilizadas em “Pensamentos de Machado de Assis” recolhidos e organizados por Letícia Malard – v. 2, n. 3, p. 153.
- Além de “O espelho” – v. 4, n. 7, p. 13.
- Arte sem paixão: aproximações entre a prosa inicial de Machado de Assis e o teatro realista brasileiro – v. 2, n. 4, p. 121.
- As flores e os pinheiros (Tin-Tun-Ling) – v. 7, n. 13, p. 85.
- Caminhos da pesquisa – v. 2, n. 4, p. 5.
- Carvalho Júnior: ódio às “belezas de missal” – v. 2, n. 4, p. 141.
- Contribuições à bibliografia de Machado de Assis – v. 4, n. 7, p. 185.

- Coração triste, falando ao sol (Thu-Fu) – v. 7, n. 13, p. 89.
- *Crisálidas*, segundo tempo – v. 6, n. 12, p. 15.
- Cronologia – v. 1, n. 2, p. 317.
- Deuses entre homens – v. 5, n. 9, p. 233.
- Edição da série de crônicas “A + B” – v. 3, n. 6, p. 99.
- Edição dos versos alexandrinos de Machado de Assis: poemas anteriores a *Crisálidas* (1864) e não incluídos nesse livro – v. 1, n. 1, p. 65.
- Edições de Machado de Assis: por quê, para quê? – v. 1, n. 1, p. 131.
- Editar Machado de Assis na contemporaneidade: comentários acerca da edição de “A nova geração” – v. 2, n. 4, p. 105.
- Entrevista dos editores da *Machadiana Eletrônica* com o Prof. Roberto Acízelo de Souza – v. 6, n. 11, p. 211.
- Erratas – v. 4, n. 7, p. 215.
- Erratas – v. 5, n. 9, p. 301.
- Erratas – v. 6, n. 11, p. 245.
- Erratas – v. 6, n. 12, p. 171.
- Erratas – v. 7, n. 13, p. 251.
- Este número – v. 1, n. 1, p. 7.
- Índices (v. 1, n. 1) – v. 1, n. 1, p. 173.
- Índices (atualizados até o v. 1, n. 2) – v. 1, n. 2, p. 347.
- Índices (atualizados até o v. 2, n. 4) – v. 2, n. 4, p. 159.
- Índices (atualizados até o v. 3, n. 5) – v. 3, n. 5, p. 303.
- Índices (atualizados até o v. 3, n. 6) – v. 3, n. 6, p. 137.
- Índices (atualizados até o v. 4, n. 7) – v. 4, n. 7, p. 193.
- Índices (atualizados até o v. 5, n. 9) – v. 5, n. 9, p. 301.
- Índices (atualizados até o v. 5, n. 10) – v. 5, n. 10, p. 195.
- Índices (atualizados até o v. 6, n. 11) – v. 6, n. 10, p. 219.
- Índices (atualizados até o v. 6, n. 12) – v. 6, n. 12, p. 143.
- Índices (atualizados até o v. 7, n. 13) – v. 7, n. 13, p. 221.

- Introdução à edição da “Abertura, pelo Sr. Machado de Assis, Presidente” – v. 1, n. 1, p. 59.
- Introdução às notas – v. 1, n. 2, p. 15.
- *Le livre de jade* – v. 7, n. 13, p. 91.
- “Lira chinesa”: informações preliminares – v. 7, n. 13, p. 39.
- “Lúcia”: um poema de Machado de Assis – v. 3, n. 5, p. 253.
- Machado de Assis e a eloquência oitocentista: ascensão e declínio do “império retórico” – v. 1, n. 1, p. 99.
- Machado de Assis e as traduções que publicou em *Crisálidas* – v. 3, n. 5, p. 227.
- Machado de Assis e as virtudes teológicas – v. 3, n. 5, p. 181.
- Machado de Assis e Monte Alverne – v. 3, n. 5, p. 285.
- Machado de Assis sobre *Os deuses de casaca* – v. 5, n. 9, p. 221.
- Machado de Assis, tradutor de poesia: a questão das traduções em *Americanas* – v. 1, n. 1, p. 159.
- Machado de Assis: unidade e autonomia da obra literária – v. 3, n. 5, p. 209.
- Machado pensador – v. 2, n. 3, p. 5.
- Nacionalismo e cosmopolitismo nas *Americanas*, de Machado de Assis – v. 5, n. 10, p. 173.
- Nomes, pronomes, vírgulas, etc. num poema de Machado de Assis – v. 7, n. 13, p. 207.
- Nota – v. 4, n. 7, p. 68.
- Nota ao dístico a que demos o título de “No álbum de Carlos Gomes” – v. 4, n. 7, p. 62 e p. 74.
- Nota prévia [Pensamentos de Machado de Assis] – v. 2, n. 3, p. 7.
- Notas de leitura – v. 4, n. 7, p. 35 e p. 86.
- Notas de leitura. Algumas palavras e critérios da edição, In: [“Notas de leitura”] – v. 4, n. 7, p. 79.
- “O espelho”, de Machado de Assis: contribuição à história do texto (e, subsidiariamente, à história de *Papéis avulsos*) – v. 4, n. 7, p. 169.
- O imperador (Thu-Fu) – v. 7, n. 13, p. 79.
- O leque (Tan-Jo-Su) – v. 7, n. 13, p. 81.
- O livro de Jade – v. 7, n. 13, p. 91.

- O texto – v. 1, n. 2, p. 11.
- Os dois primeiros livros de poesias de Machado de Assis: seus títulos, suas semelhanças e diferenças - interrelações – v. 5, n. 10, p. 121.
- Pensamento crítico de Machado de Assis – v. 6, n. 11, p. 13.
- Poesia dramática: questões editoriais – v. 5, n. 9, p. 13.
- Referências [Pensamentos de Machado de Assis] – v. 2, n. 3, p. 149.
- Relato de uma experiência (como foi localizado o poema “A Portugal”) – v. 2, n. 4, p. 115.
- Salto para o alto – v. 7, n. 13, p. 15.
- Sobre “Antes da missa”: conversa de dois estudantes – v. 5, n. 9, p. 281.
- Sobre o rio Tchú (Thu-Fu) – v. 7, n. 13, p. 87.
- Um estudo de “Lúcia”, tradução de Machado de Assis – v. 1, n. 1, p. 115 e v. 3, n. 5, p. 269.
- Uma aproximação às poesias completas de Machado de Assis – v. 3, n. 5, p. 141.
- “Uma ode de Anacreonte”: poesia dramática – v. 5, n. 9, p. 259.
- Uma Semana – 100A (29 de abril de 1894) – v. 1, n. 2, p. 113.
- Versos nas *Poesias completas* de Machado de Assis: detalhes – v. 1, n. 1, p. 151.
- Vínculos com a vida na poesia de Machado de Assis – v. 3, n. 5, p. 161.

#### **OUTRAS ARTES:**

- Machado de Assis em 1886 – v. 3, n. 6, p. 135.

#### **AUTORES:**

- Aguiar, O Mateus [pseudônimo de autor desconhecido]
  - Depois da missa – v. 5, n. 9, p. 217.
- Alencar, Mário de
  - Notas de leitura – v. 4, n. 7, p. 35 e p. 86.
- [Araújo, Ferreira de?]
  - Uma Semana – 100A (29 de abril de 1894) – v. 1, n. 2, p. 113.
- Campos, Alex Sander Luiz
  - 1894 – v. 1, n. 2, p. 5.
  - Abreviaturas empregadas nas edições dos textos de Machado de Assis – v. 1, n. 1, p. 177.

- Edição dos versos alexandrinos de Machado de Assis: poemas anteriores a *Crisálidas* (1864) e não incluídos nesse livro – v. 1, n. 1, p. 65.
- Edições de Machado de Assis: por quê, para quê? – v. 1, n. 1, p. 131.
- Este número – v. 1, n. 1, p. 7.
- Índices (v. 1, n. 1) – v. 1, n. 1, p. 173.
- Índices (atualizados até o v. 1, n. 2) – v. 1, n. 2, p. 347.
- Introdução à edição da “Abertura, pelo Sr. Machado de Assis, Presidente” – v. 1, n. 1, p. 59.
- “Lira chinesa”: informações preliminares – v. 7, n. 13, p. 39.
- Cei, Vitor
  - A voluptuosidade da dor de Estêvão: o pessimismo galhofeiro em *A mão e a luva*, de Machado de Assis – v. 1, n. 1, p. 83.
- Cibrão, Ernesto
  - Flor e fruto – v. 5, n. 10, p. 115.
- Delfino, Luís
  - O verso alexandrino – v. 3, n. 5, p. 135.
- Feijó, Antônio
  - A folha de salgueiro (Tchan-Tiu-Lin) – v. 7, n. 13, p. 83.
  - A rir da natureza (Uan-Tié) – v. 7, n. 13, p. 75.
  - A uma mulher formosa (Tché-Tsi) – v. 7, n. 13, p. 77.
  - As flores e os pinheiros (Tin-Tun-Ling) – v. 7, n. 13, p. 85.
  - Coração triste, falando ao sol (Thu-Fu) – v. 7, n. 13, p. 89.
  - O imperador (Thu-Fu) – v. 7, n. 13, p. 79.
  - O leque (Tan-Jo-Su) – v. 7, n. 13, p. 81.
  - Sobre o rio Tchú (Thu-Fu) – v. 7, n. 13, p. 87.
- Gledson, John
  - A Semana – 84 (1º de janeiro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 23.
  - A Semana – 85 (7 de janeiro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 29.
  - A Semana – 86 (14 de janeiro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 35.
  - A Semana – 87 (21 de janeiro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 39.
  - A Semana – 88 (28 de janeiro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 45.
  - A Semana – 89 (4 de fevereiro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 49.
  - A Semana – 90 (11 de fevereiro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 53.
  - A Semana – 91 (18 de fevereiro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 57.
  - A Semana – 92 (25 de fevereiro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 63.
  - A Semana – 93 (4 de março de 1894) – v. 1, n. 2, p. 69.

- A Semana – 94 (11 de março de 1894) – v. 1, n. 2, p. 75.
- A Semana – 95 (18 de março de 1894) – v. 1, n. 2, p. 81.
- A Semana – 96 (25 de março de 1894) – v. 1, n. 2, p. 87.
- A Semana – 96 (25 de março de 1894) – v. 1, n. 2, p. 87.
- A Semana – 97 (1º de abril de 1894) – v. 1, n. 2, p. 93.
- A Semana – 98 (8 de abril de 1894) – v. 1, n. 2, p. 97.
- A Semana – 99 (15 de abril de 1894) – v. 1, n. 2, p. 101.
- A Semana – 100 (22 de abril de 1894) – v. 1, n. 2, p. 107.
- A Semana – 101 (6 de maio de 1894) – v. 1, n. 2, p. 119.
- A Semana – 102 (13 de maio de 1894) – v. 1, n. 2, p. 125.
- A Semana – 103 (20 de maio de 1894) – v. 1, n. 2, p. 131.
- A Semana – 104 (27 de maio de 1894) – v. 1, n. 2, p. 137.
- A Semana – 105 (3 de junho de 1894) – v. 1, n. 2, p. 143.
- A Semana – 106 (10 de junho de 1894) – v. 1, n. 2, p. 149.
- A Semana – 107 (17 de junho de 1894) – v. 1, n. 2, p. 155.
- A Semana – 108 (24 de junho de 1894) – v. 1, n. 2, p. 161.
- A Semana – 109 (1º de julho de 1894) – v. 1, n. 2, p. 167.
- A Semana – 110 (8 de julho de 1894) – v. 1, n. 2, p. 171.
- A Semana – 111 (15 de julho de 1894) – v. 1, n. 2, p. 177.
- A Semana – 112 (22 de julho de 1894) – v. 1, n. 2, p. 183.
- A Semana – 113 (29 de julho de 1894) – v. 1, n. 2, p. 189.
- A Semana – 114 (5 de agosto de 1894) – v. 1, n. 2, p. 193.
- A Semana – 115 (12 de agosto de 1894) – v. 1, n. 2, p. 197.
- A Semana – 116 (19 de agosto de 1894) – v. 1, n. 2, p. 203.
- A Semana – 117 (26 de agosto de 1894) – v. 1, n. 2, p. 209.
- A Semana – 118 (2 de setembro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 215.
- A Semana – 119 (9 de setembro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 219.
- A Semana – 120 (16 de setembro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 225.
- A Semana – 121 (23 de setembro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 231.
- A Semana – 122 (30 de setembro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 237.
- A Semana – 123 (7 de outubro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 241.
- A Semana – 124 (14 de outubro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 247.
- A Semana – 125 (21 de outubro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 253.
- A Semana – 126 (28 de outubro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 259.
- A Semana – 127 (4 de novembro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 265.
- A Semana – 128 (11 de novembro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 271.

- A Semana – 129 (18 de novembro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 277.
- A Semana – 130 (25 de novembro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 281.
- A Semana – 131 (2 de dezembro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 287.
- A Semana – 132 (9 de dezembro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 293.
- A Semana – 133 (16 de dezembro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 299.
- A Semana – 134 (23 de dezembro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 305.
- A Semana – 135 (30 de dezembro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 311.
- “A Semana” 1894: uma introdução ao terceiro ano de publicação da série – v. 1, n. 2, p. 321.
- Cronologia – v. 1, n. 2, p. 317.
- Introdução às notas – v. 1, n. 2, p. 15.
- O texto – v. 1, n. 2, p. 11.
- Uma Semana – 100A (29 de abril de 1894) – v. 1, n. 2, p. 113.
- Herane, Amanda Rios
  - Arte sem paixão: aproximações entre a prosa inicial de Machado de Assis e o teatro realista brasileiro – v. 2, n. 4, p. 121.
- Jucá, Gabriela
  - “Lúcia”: um poema de Machado de Assis – v. 3, n. 5, p. 253.
  - Machado de Assis tradutor de poesia: a questão das traduções em *Americanas* – v. 1, n. 1, p. 159.
  - Um estudo de “Lúcia”, tradução de Machado de Assis – v. 1, n. 1, p. 115 e v. 3, n. 5, p. 269.
- Malard, Letícia
  - Abreviaturas utilizadas em “Pensamentos de Machado de Assis” recolhidos e organizados por Machado de Assis – v. 2, n. 3, p. 153.
  - Carvalho Júnior: ódio às “belezas de missal” – v. 2, n. 4, p. 141.
  - Nota prévia [Pensamentos de Machado de Assis] – v. 2, n. 3, p. 7.
  - Referências [Pensamentos de Machado de Assis] – v. 2, n. 3, p. 149.
- Melo, M[anuel] de
  - A missa de Réquiem – v. 2, n. 4, p. 99.
- Miranda, José Américo
  - 1894 – v. 1, n. 2, p. 5.
  - “A + B”: enigma e interpretação – v. 3, n. 6, p. 111.
  - A errata das *Poesias completas* (edição de 1901), de Machado de Assis, e seu destino – v. 1, n. 1, p. 75.
  - A “Lira chinesa”, de Machado de Assis – v. 7, n. 13, p. 183.
  - A poesia excluída de *Falenas* – v. 5, n. 10, p. 141.
  - A poesia que Machado de Assis publicou em *Crisálidas*, mas não incluiu em suas *Poesias completas* – v. 3, n. 5, p. 5.
  - A pontuação no conto “O espelho”, de Machado de Assis – v. 4, n. 7, p. 141.

- Abertura – v. 1, n. 1, p. 5.
- Abreviaturas empregadas nas edições dos textos de Machado de Assis – v. 1, n. 1, p. 177.
- Abreviaturas empregadas nas edições dos textos de Machado de Assis – v. 2, n. 4, p. 169.
- Abreviaturas empregadas nas edições dos textos de Machado de Assis – v. 3, n. 5, p. 315.
- Abreviaturas empregadas nas edições dos textos de Machado de Assis – v. 3, n. 6, p. 151.
- Abreviaturas empregadas nas edições dos textos de Machado de Assis – v. 4, n. 7, p. 209.
- Abreviaturas empregadas nas edições dos textos de Machado de Assis – v. 5, n. 9, p. 319.
- Abreviaturas empregadas nas edições dos textos de Machado de Assis – v. 5, n. 10, p. 215.
- Abreviaturas empregadas nas edições dos textos de Machado de Assis – v. 6, n. 11, p. 239.
- Abreviaturas empregadas nas edições dos textos de Machado de Assis – v. 6, n. 12, p. 165.
- Abreviaturas empregadas nas edições dos textos de Machado de Assis – v. 7, n. 13, p. 245.
- Além de “O espelho” – v. 4, n. 7, p. 13.
- Caminhos da pesquisa – v. 2, n. 4, p. 5.
- Contribuições à bibliografia de Machado de Assis – v. 4, n. 7, p. 185.
- *Crisálidas*, segundo tempo – v. 6, n. 12, p. 15.
- Edição dos versos alexandrinos de Machado de Assis: poemas anteriores a *Crisálidas* (1864) e não incluídos nesse livro – v. 1, n. 1, p. 65.
- Entrevista dos editores da *Machadiana Eletrônica* com o Prof. Roberto Acízelo de Souza – v. 6, n. 11, p. 211.
- Erratas – v. 4, n. 7, p. 215.
- Erratas – v. 5, n. 9, p. 325.
- Erratas – v. 6, n. 11, p. 245.
- Erratas – v. 6, n. 12, p. 171.
- Erratas – v. 7, n. 13, p. 251.
- Índices (v. 1, n. 1) – v. 1, n. 1, p. 173.
- Índices (atualizados até o v. 1, n. 2) – v. 1, n. 2, p. 347.
- Índices (atualizados até o v. 2, n. 4) – v. 2, n. 4, p. 159.
- Índices (atualizados até o v. 3, n. 5) – v. 3, n. 5, p. 303.
- Índices (atualizados até o v. 3, n. 6) – v. 3, n. 6, p. 137.
- Índices (atualizados até o v. 4, n. 7) – v. 4, n. 7, p. 193.
- Índices (atualizados até o v. 5, n. 9) – v. 5, n. 9, p. 301.
- Índices (atualizados até o v. 5, n. 10) – v. 5, n. 10, p. 195.
- Índices (atualizados até o v. 6, n. 11) – v. 6, n. 11, p. 219.
- Índices (atualizados até o v. 6, n. 12) – v. 6, n. 12, p. 143.
- Índices (atualizados até o v. 7, n. 13) – v. 7, n. 13, p. 221.
- Introdução à edição da “Abertura, pelo Sr. Machado de Assis, Presidente” – v. 1, n. 1, p. 59.

- “Lira chinesa”: informações preliminares – v. 7, n. 13, p. 39.
- “Lúcia”: um poema de Machado de Assis – v. 3, n. 5, p. 253.
- Machado de Assis e as traduções que publicou em *Crisálidas* – v. 3, n. 5, p. 227.
- Machado de Assis e as virtudes teológicas – v. 3, n. 5, p. 181.
- Machado de Assis e Monte Alverne – v. 3, n. 5, p. 285.
- Machado de Assis: unidade e autonomia da obra literária – v. 3, n. 5, p. 209.
- Nacionalismo e cosmopolitismo nas *Americanas*, de Machado de Assis – v. 5, n. 10, p. 173.
- Nomes, pronomes, vírgulas, etc. num poema de Machado de Assis – v. 7, n. 13, p. 207.
- Nota – v. 4, n. 7, p. 68.
- Nota ao dístico a que demos o título de “No álbum de Carlos Gomes” – v. 4, n. 7, p. 62 e p. 74.
- Notas de leitura. Algumas palavras e critérios da edição, In: [“Notas de leitura”] – v. 4, n. 7, p. 79.
- “O espelho”, de Machado de Assis: contribuição à história do texto (e, subsidiariamente, à história de *Papéis avulsos*) – v. 4, n. 7, p. 169.
- Os dois primeiros livros de poesias de Machado de Assis: seus títulos, suas semelhanças e diferenças – interrelações – v. 5, n. 10, p. 121.
- Pensamento crítico de Machado de Assis – v. 6, n. 11, p. 13.
- Poesia dramática: questões editoriais – v. 5, n. 9, p. 13.
- Salto para o alto – v. 7, n. 13, p. 15.
- Sobre “Antes da missa”: conversa de dois estudantes – v. 5, n. 9, p. 281.
- Um estudo de “Lúcia, tradução de Machado de Assis – v. 1, n. 1, p. 115 e v. 3, n. 5, p. 269.
- Uma aproximação às poesias completas de Machado de Assis – v. 3, n. 5, p. 141.
- Vínculos com a vida na poesia de Machado de Assis – v. 3, n. 5, p. 161.
- Novais, Faustino Xavier de
  - Embirração – v. 3, n. 5, p. 131.
- Oliveira, Gracinéa I.
  - A escolarização de textos machadianos em livros didáticos: edição e análise de “O espelho” – v. 4, n. 7, p. 107.
  - Editar Machado de Assis na contemporaneidade: comentários acerca da edição de “A nova geração” – v. 2, n. 4, p. 105.
- Papassoni, João Paulo
  - Relato de uma experiência (como foi localizado o poema “A Portugal”) – v. 2, n. 4, p. 115.
- Peixoto, Luís de Alvarenga
  - O gênio – v. 5, n. 10, p. 111.
- Pinto, Nilton de Paiva
  - Deuses entre homens – v. 5, n. 9, p. 233.
  - Machado de Assis sobre *Os deuses de casaca* – v. 5, n. 9, p. 221.
  - Sobre “Antes da missa”: conversa de dois estudantes – v. 5, n. 9, p. 281.
  - “Uma ode de Anacreonte”: poesia dramática – v. 5, n. 9, p. 259.

- Santos, Gilson
  - “A + B” (1886) – v. 3, n. 6, p. 5.
  - Edição da série de crônicas “A + B” – v. 3, n. 6, p. 99.
  - Entrevista dos editores da *Machadiana Eletrônica* com o Prof. Roberto Acízelo de Souza – v. 6, n. 11, p. 211.
  - Notas de leitura. Algumas palavras e critérios da edição, In: [“Notas de leitura”] – v. 4, n. 7, p. 79.
  - Pensamento crítico de Machado de Assis – v. 6, n. 11, p. 13.
- Silva, Felipe Lima da
  - Machado de Assis e a eloquência oitocentista: ascensão e declínio do “império retórico” – v. 1, n. 1, p. 99.
- Souza, Rilane Teles de
  - Versos nas *Poesias completas* de Machado de Assis: detalhes – v. 1, n. 1, p. 151.
- Souza, Roberto Acízelo de
  - Entrevista dos editores da *Machadiana Eletrônica* com o Prof. Roberto Acízelo de Souza – v. 6, n. 11, p. 211.
- Tito, Fábio
  - Amor – v. 2, n. 4, p. 97.
- Roiz, Lopes
  - Machado de Assis em 1886 – v. 3, n. 6, p. 135.
- Walter, Judith
  - O livro de jade – v. 7, n. 13, p. 91.

# ABREVIATURAS

**ABREVIATURAS EMPREGADAS NAS EDIÇÕES DOS TEXTOS DE MACHADO DE ASSIS**

ABLFN – *A Academia Brasileira de Letras*, 1940.

AL – *Autores e Livros*.

ALA1866 – *A lírica de Anacreonte*, 1866.

AM1875 – *Americanas*, 1875.

ATAS – *Atas da Academia Brasileira de Letras: Presidência Machado de Assis (1896-1908)*, 2001.

BABL – *Boletim da Academia Brasileira de Letras*, 1897.

BB – *Biblioteca Brasileira*, t. I, n. 2, 1863.

BP – *Brasil-Portugal*.

CANCH1903 – *Cancioneiro chinês*, 1903.

CB – *Courrier du Brésil*.

CCPT1964 – *Crônicas, crítica, poesia, teatro*, rev. Massaud Moisés, 1964.

CGC – *Carta de guia de casados*, 1873.

CHRYS2000 – *Chrysalidas*, ed. Oséias Silas Ferraz, 2000.

CJG1998 – *Contos: uma antologia*, 1998, edição de John Gledson.

CLBMA – *Cadernos de Literatura Brasileira: Machado de Assis*, São Paulo, Instituto Moreira Sales, n. 23 e n. 24, jul. 2008

CLJ1937 – *Crítica literária*, 1937.

CLJ1953 – *Crítica literária*, 1953.

CM – *Correio Mercantil*.

CMA – *Crítica*, edição Mário de Alencar, 1910.

COC1988 – *A cartomante e outros contos*, 1988.

COR – *Correspondência de Machado de Assis*, 2008-2015, 5t.

CP – *Correio Paulistano*.

CRIS1864 – *Crisálidas*, 1864.

- CRU – *O Cruzeiro*.
- CT – *Correio da Tarde*.
- DA1934 – *Discursos acadêmicos (1897-1906)*, 1934.
- DA1965 – *Discursos acadêmicos*, volume I (1897-1919). 1965.
- DA2005 – *Discursos acadêmicos*, tomo I: Volumes I – II – III – IV 1897-1919, 2005.
- DB – *Diário de Belém*.
- DC1866 – *Os deuses de casaca*, 1866.
- DECI – *Década primeira da Ásia*, de João de Barros, 1628.
- DECII – *Década segunda da Ásia*, de João de Barros, 1628.
- DECIII – *Década terceira da Ásia*, de João de Barros, 1628.
- DIAL – *Diálogos*, de dom Frei Amador Arrais, 1846.
- DISP – *Dispersos de Machado de Assis*, 1965.
- DN – *Diário de Notícias*.
- DP – *Diário de Pernambuco*.
- DRJ – *Diário do Rio de Janeiro*.
- DRR – *Diálogos e reflexões de um relojoeiro*.
- EC – *Estante clássica da Revista de Língua Portuguesa – vol. II: Machado de Assis*, 1921.
- ENTR – *Entreato*.
- EP – *Estímulo prático para seguir o bem, e fugir o mal*, 1730.
- ESP – *O Espelho*.
- ESP2009 – *O Espelho*, 2009.
- FAL1870 – *Falenas*, 1870.
- fól. – fólho.
- FUT – *O Futuro*.
- GF1974 – *Machado de Assis e o hipopótamo*, 6. ed., 1974.
- GN – *Gazeta de Notícias*.
- GUAR – *O Guarany*.
- JC – *Jornal do Commercio*.
- JF – *Jornal das Famílias*.
- JR – *Jornal do Recife*.
- LC – *Luz e calor*, 1871.
- LITO – Litografia de Carlos Linde, publicada em *Brasiliiana Itaú*, 2009.

- LJ1867 – *Le livre de jade*, 1867.
- MACI – *Machado de Assis e a crítica internacional*, 2009. [MASSA, Jean-Michel. A França que nos legou Machado de Assis. p. 231-265.]
- MACV1998 – *Machado de Assis & confrades de versos*, 1998.
- MAD1957 – *Machado de Assis desconhecido*, 1957.
- MAR – *A Marmota*.
- MARLP – *Machado de Assis*, Estante Clássica da Revista de Língua Portuguesa, 1921.
- MASA – *Machado de Assis: crítica literária e textos diversos*, org. Sílvia Maria Azevedo, Adriana Dusilek, Daniela Mantarro Callipo, 2013.
- MF – *Marmota Fluminense*.
- MM – *Menina e moça*, 1875.
- MQN – *Meditações sobre os quatro Novíssimos*, 1726.
- Ms1862 – Manuscrito datado de 1862, pertencente ao Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, reproduzido em *Cadernos de Literatura Brasileira: Machado de Assis*, 2008.
- Ms1864 – Manuscrito autógrafo, da Seção de Manuscritos da Biblioteca Nacional, RJ, datado de 1864.
- MsQA1862 – Manuscrito autógrafo no álbum da atriz Júlia Carlota de Azevedo. (reproduzido em CLBMA)
- NM – *O Novo Mundo*.
- NR1932 – *Novas relíquias*, 1932.
- OCA1959 – *Obra completa*, 1959.
- OCA1994 – *Obra completa*, 1994.
- OCA2008 – *Obra completa em quatro volumes*, 2008.
- OCA2015 – *Obra completa em quatro volumes*, 2015.
- OP – *O Paiz*.
- OR1910 – *Outras relíquias*, 1910.
- PA1882 – *Papéis avulsos*, 1882.
- PA1937 – *Papéis avulsos*, 1937.
- PAGK1989 – *Papéis avulsos*, 1989, edição de Adriano da Gama Kury.
- PAIT2005 – *Papéis avulsos*, 2005, edição de Ivan Teixeira.
- PAN – *Panegíricos*, de João de Barros, 1791.
- PC1901 – *Poesias completas*, 1901.
- PC1937 – *Poesias completas*, 1937.
- PC1953 – *Poesias completas*, 1953.

- PCEC1976 – *Poesias completas*, edição crítica, 1976.
- PCRR – *A poesia completa*, ed. Rutzkaya Queiroz dos Reis, 2009.
- PES – *A Província do Espírito Santo*.
- PPGS – *Poesia e prosa*, organização e notas de J. Galante de Sousa, 1957.
- PPP – *Pão partido em pequeninos para o pequeninos da casa de Deus*, tomo II, 1737.
- PR1937 – *Páginas recolhidas*, edição da W. M. Jackson, 1937.
- PR1952 – *Páginas recolhidas*, edição da W. M. Jackson, 1952.
- RABL – *Revista da Academia Brasileira de Letras*.
- RB – *Revista Brasileira*.
- RCPB – *Revista Contemporânea de Portugal e Brasil*.
- REF – *A Reforma*.
- REP – *A República*.
- RMSEL – *Revista Mensal da Sociedade Ensaaios Literários*.
- RSAMA – *Revista da Sociedade dos Amigos de Machado de Assis*.
- SAUD – *A Saudade*, Rio de Janeiro.
- SEM – *A Semana*.
- SEMIL – *Semana Ilustrada*.
- SI – *Semana Ilustrada*.
- SL1941 – *Seleção literária*, 1941.
- SM – *Semanário Maranhense*.
- SP – *Sermões e práticas*, primeira parte, 1711, e segunda parte, 1733.
- TCSNT1982 – *Teatro completo*, Serviço Nacional de Teatro, 1982.
- TJRF2003 – *Teatro*, edição de João Roberto Faria, 2003.
- TMA1910 – *Teatro*, coligido por Mário de Alencar, 1910.
- TPCL – *Toda poesia de Machado de Assis*, ed. Cláudio Murilo Leal, 2008.
- TVC – *Tratado da virtude da castidade*, 1737.
- TWMJ1952 – *Teatro*, edição da W. M. Jackson, 1952.
- UF – *Os últimos fins do homem*, 1761.
- VOMA – *Vida e obra de Machado de Assis*, 1981, 4 v.

# ERRATAS

## ERRATAS

### **Errata do v. 1, n. 1.**

Na página 70, onde se lê:

*Toda poesias de Machado de Assis*

leia-se:

*Toda poesia de Machado de Assis*

### **Errata do v. 1, n. 2.**

Nas páginas 293 a 297, onde se lê:

*Machadiana Eletrônica*, Vitória, v. 1, n. 2, p. 293-297, jul.-dez. 1894.

leia-se:

*Machadiana Eletrônica*, Vitória, v. 1, n. 2, p. 293-297, jul.-dez. 2018.

Nas páginas 299 a 303, onde se lê:

*Machadiana Eletrônica*, Vitória, v. 1, n. 2, p. 299-303, jul.-dez. 1894.

leia-se:

*Machadiana Eletrônica*, Vitória, v. 1, n. 2, p. 299-303, jul.-dez. 2018.

### **Errata do v. 2, n. 4.**

Nas páginas 77 e 169, onde se lê:

CCPT1964 – *Crônica, crítica, poesia, teatro*, rev. Massaud Moisés, 1964.

leia-se:

CCPT1964 – *Crônicas, crítica, poesia, teatro*, rev. Massaud Moisés, 1964.

**Errata do v. 3, n. 5.**

Nas páginas 303 a 315, onde se lê

*Machadiana Eletrônica*, Vitória, v. 3, n. 5, p. 303-315, jan.-jun. 2015.

leia-se:

*Machadiana Eletrônica*, Vitória, v. 3, n. 5, p. 303-315, jan.-jun. 2020.

Na página 317, onde se lê:

CCPT1964 – *Crônica, crítica, poesia, teatro*, rev. Massaud Moisés, 1964.

leia-se:

CCPT1964 – *Crônicas, crítica, poesia, teatro*, rev. Massaud Moisés, 1964.

**Errata do v. 4, n. 7.**

Nas páginas 17 e 45, no segundo parágrafo, onde se lê

constestou-lha

leia-se:

contestou-lha

**Errata do v. 5, n. 9.**

Em numerosas páginas (entre p. 163 e p. 198), nas notas de rodapé, onde se lê

PCEC1972

leia-se:

PCEC1976

Na página 211, nota 92, onde se lê:

Este verso tem apenas 11 sílabas, e acento na quinta – falta-lhe uma sílaba no primeiro hemistíquio. A falta de uma sílaba parece relacionada às reticências com quatro pontos (ver notas 81 e 85, e o artigo (escrito em forma de diálogo) “Sobre ‘Antes da missa’: conversa de dois estudantes”, neste número da *Machadiana Eletrônica*.

leia-se:

Este verso tem apenas 11 sílabas, e acento na quinta – falta-lhe uma sílaba no primeiro hemistíquio. A falta de uma sílaba parece relacionada às reticências com quatro pontos (ver notas 85 e 89, e o artigo “Sobre ‘Antes da missa’: conversa de dois estudantes”, neste número da *Machadiana Eletrônica*).